

Padre Gabriele Amorth
e Marco Tosatti



Uma
história
verídica

Memórias
de um
Exorcista

A Minha Luta Contra Satanás

ASA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



**BIBLIOTECA
DO EXILADO**

Ficha Técnica

Título original: MEMORIE DI UN ESORCISTA – La mia vita in lotta contro Satana

Padre Amorth entrevistado da Marco Tosatti contro Satana

© 2010, Edizioni Piemme Spa

www.edizpiemme.it

Por acordo com Ute Körner Literary Agent, S.L., Barcelona

www.uklitag.com

Capa: Ideias com Peso

Imagem da capa: Anja Weber-Decker/Corbis /VMI

ISBN: 97898923120717

Edições ASA II, S.A.

Uma editora do Grupo Leya

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2160-038 Alfragide – Portugal

Tel.: (+351) 214 272 200

Fax: (+351) 214 272 201

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

edicoes@asa.pt

www.asa.pt

www.leya.com

APRESENTAÇÃO DE UM HOMEM E DE UM LIVRO MUITO ESPECIAIS

Na sala do rés-do-chão da via Alessandro Severo, num grande complexo imobiliário, uma verdadeira cidadela dominada por uma basílica com uma cúpula imponente que alberga o quartel-general da Sociedade São Paulo em Roma, está frio. Um pequeno aquecedor eléctrico trava a sua batalha desesperada contra as correntes de ar que passam através da porta. E o homem idoso que entra, ligeiramente curvado, com uma pasta na mão, avisa de imediato: «Não vou tirar o casaco.»

É um espaço despido. Uma mesinha de madeira muito simples ao centro, algumas cadeiras dos anos sessenta e uma poltrona castanha das que se usavam há trinta anos, com braços de madeira, costas levemente inclinadas e revestimento de tecido acastanhado a fazer lembrar de uma maneira impiedosa o mobiliário socialista dos países de Leste, são os móveis principais, juntamente com um gigantesco frigorífico antigo que emite um zumbido a um canto. A poltrona é o sítio onde se sentam os estranhos pacientes de D. Gabriele. Estranhos, porque são portadores de males que ninguém reconhece, consegue compreender ou curar. Não a ciência médica, que se declara vencida; não aqueles que deveriam ter alguma familiaridade com essas coisas, ou pelo menos a capacidade, a vontade, o dever de deixar aberta uma porta para o que está para além da matéria, para o sobrenatural... mas não. Só que agora já estamos a entrar no tema e antes disso eu gostaria ainda de vos falar sobre ele, e sobre o espaço onde passa a maior parte do seu tempo, numa luta corpo-a-corpo, não apenas metafórica, com um adversário inexpugnável; gostaria de vos falar deste homem de oitenta e quatro anos que há vinte e três anos, em

1986, mudou radicalmente a sua vida, entregando-se a uma aventura que ainda hoje o apaixona.

Nas paredes há poucas imagens. Uma grande fotografia de D. Giacomo Alberione, fundador da Sociedade de São Paulo. Depois outra fotografia, a imagem de um padre de cabelo claro, olhos tremendamente expressivos sob uma testa aberta e um grande coração branco bordado na sotaina negra, a «divisa» dos religiosos passionistas. É o padre Candido Amantini, que foi exorcista durante quarenta anos na Scala Santa, em Roma, mestre de D. Gabriele. Uma grande estátua de Nossa Senhora de Fátima, com mais de um metro de altura, domina a parede, tendo ao lado a imagem de um delicadíssimo arcanjo Miguel, provavelmente de origem barroca. Mas por cima da cadeira sorri um rosto de D. Bosco, e junto a ele um padre Pio de meia-idade: dois santos mais do que familiarizados com o hóspede indesejado da sala de trabalho de D. Amorth, ou seja, com o Diabo; tanto um como o outro, mas o santo de Pietrelcina recebia dele atenções muito particulares, que com um termo técnico defino como «perseguições».

D. Gabriele é um homem sorridente, com um ar brincalhão, que intercala sempre alguma piada no seu discurso. Não tem telemóvel; não sabe o que é a Internet, não vê televisão, nem lê jornais. «Os meus confrades informam-me às refeições sobre as coisas que acontecem no mundo.» E de muitas outras coisas, nada agradáveis, o informam os seus pacientes...

A sensação de entrar num mundo diferente, numa dimensão que não é a habitual, é intensa. E torna-se cada vez mais forte, à medida que o idoso sacerdote desenrola o fio das suas histórias, nos diz de que modo pessoas que até há poucos segundos eram o protótipo do visitante sorridente, conversador e simpático se transformam de repente, caindo em transe, em seres gritantes, de cuja boca saem baba e blasfémias, dotadas de uma força tal que nem seis ou sete pessoas conseguem imobilizá-las, sendo necessário amarrá-las a uma cama para impedir que façam mal a elas próprias e aos outros. Para depois voltarem a ficar normais e calmas assim que a termina oração e o estado de transe. A sensação destes dois universos que caminham lado a lado, muito próximos, paralelos, e que de

vez em quando se tocam, num curto-circuito dramático, por causa da presença de um poder maligno e palpável, na sala despida, no rés-do-chão daquele grande edifício na periferia de Roma, o quartel-general da frota editorial da Sociedade de São Paulo. E aquilo que espanta é a serenidade do sacerdote que está à nossa frente e que parece ter as chaves daquela ponte entre dois universos e que nos fala disso como se fosse o acontecimento mais normal do mundo ver alguém em cuja boca, enquanto se baba, se materializam pregos de ferro com dez centímetros de comprimento, e que tenta até cuspi-los para cima de nós. D. Gabriele é um poço de recordações, de histórias, de experiências. E não só. Quando a memória não o socorre, vêm em sua ajuda as recordações impressas no boletim da Associação — primeiro italiana, depois a internacional — dos exorcistas; um boletim bastante «caseiro», redigido com uma máquina de escrever portátil, com algumas dezenas de cópias. D. Gabriele colocou à nossa disposição esta memória histórica, tanto quanto sabemos inédita; era o meio através do qual os obscuros combatentes desta estranha guerra trocavam informações, experiências, o *know how* útil no corpo-a-corpo quotidiano com o Adversário. Juntamente com o fruto de longos encontros com D. Gabriele publicaremos também estas narrativas, para tornar mais concreto, mais tangível, o sentido de uma vocação e de um ministério pastoral levado a cabo em zonas de fronteira densas de mistério.

De todos os testemunhos que D. Gabriele nos contou — tendo sempre tido o cuidado de omitir o nome das pessoas envolvidas, para evitar qualquer possível identificação —, alguns referem-se a experiências por ele pessoalmente vividas; outras são relativas a sacerdotes empenhados, tal como ele, na guerra contra o Adversário; outros são ainda, finalmente, as palavras das vítimas. Mas parece-nos que na realidade lhe pertencem todos a ele, a D. Gabriele; porque é da «sua» voz que nascem as circulares da Associação dos Exorcistas, que é ele o seu rosto mais visível e duradouro. Decidimos, portanto, não dividir em capítulos «clássicos» o fruto destas longas conversas; precisamente para manter e partilhar o

sentido de um longo fluir de palavras e sentimentos, preenchendo-o com histórias, testemunhos e experiências. Boa leitura.

MARCO TOSATTI

UMA VIDA «DESVIADA»

D. Gabriele possui, desde 1986, a designação de exorcista, nomeado pelo cardeal Poletti. Há mais de vinte anos que trava esta batalha; como mudou a sua vida?

Mudou radicalmente. Antes disso, eu escrevia muito; era director do jornal mariano *Mãe de Deus*, a publicação mensal mariana da Sociedade de São Paulo. Desempenhei essas funções durante vários anos. Posso, de facto, dizer que a minha área de especialização é a mariologia. De qualquer forma, depois desse ano de 1986 a minha vida mudou radicalmente, porque agora me dedico exclusivamente a fazer exorcismos. E como vejo que há uma grande necessidade e os exorcistas são poucos, trabalho sete dias por semana, de manhã à noite, incluindo os dias de Natal e da Páscoa. Portanto, na prática não me ocupo de mais nada, à excepção de alguns sermões que vou fazendo de vez em quando, para alguns grupos, grandes — só grupos grandes, especialmente grupos da Renovação Carismática, ou da Nossa Senhora de Medugorje (são os dois movimentos aos quais me dedico)... E depois mensalmente tenho uma conferência na Rádio Maria, com perguntas e respostas, das 18 às 19h30, uma hora e meia, na segunda quarta-feira de cada mês. E esta espécie de conferência arrasta-se já há dezasseis anos, e vejo que as pessoas ainda não se cansaram, apesar de o meu tema ser um tema único, isto é, o exorcismo. Mas é bem claro que as pessoas apreciam este tema, porque dele colhem alguns frutos. Recebo muitas cartas e telefonemas de agradecimento, há sempre muitas perguntas, e muitas pessoas dizem-me: «Nunca lhe consigo fazer chegar a minha pergunta...» Falo durante três quartos de hora, e depois, através do telefone, chegam-me as perguntas. E eu respondo, a uma de cada vez. E de todas as vezes apercebo-me de que

ao grande silêncio sobre o Diabo que nasce muitas vezes no interior da própria Igreja se opõe uma profunda vontade de conhecimento por parte dos fiéis e da gente comum.

Tratou-se, portanto, de uma viragem verdadeiramente radical, aliás, mais radical do que isto é impossível! Eu já não sou conhecido como mariólogo, como era noutros tempos — ou, se quiser, como «mariolo»... — mas sim como exorcista. Até porque depois, uma vez que os exorcistas são poucos, tive a ideia de escrever livros, que tiveram tanto sucesso que eu creio que Nossa Senhora abençoou a ideia. O meu primeiro livro, *Um Exorcista Conta-nos*, vai na vigésima primeira edição em Itália, e está traduzido em vinte e três línguas. Um sucesso mundial, que me tornou conhecido em muitos países. Convidam-me para ir a todo o lado: na Polónia, dizem-me: és conhecidíssimo na Polónia... ou no Brasil: és conhecidíssimo no Brasil... ou nos Estados Unidos, etc. E sou conhecido por causa dos livros, porque eu nunca fui àqueles sítios, nem lá vou: tenho muito que fazer aqui.

Em seguida, pensei instituir e fundei a Associação dos Exorcistas. Que antes era só a nível nacional e depois se tornou internacional. Imagine que na primeira reunião éramos doze, em 1991, na igreja dos Santos Pedro e Paulo, aqui em Roma. Àquela primeira reunião eu esperava que viesse — porque naquela altura ainda estava vivo — o padre Candido Amantini. Mas não, não lhe apeteceu vir. Portanto, doze presentes. Mas no ano seguinte já éramos muitos mais, e no outro a seguir tínhamos novamente crescido em número, até que chegámos a 1994, ano em que a Associação se tornou internacional, a partir do momento em que já vinham também numerosos sacerdotes do estrangeiro. Hoje sou o presidente emérito da Associação porque, após alguns anos e dez congressos que organizei pessoalmente, pensei: é melhor fazer uma rotação, dar lugar a outro. Agora o presidente é D. Giancarlo Gramolazzo. Mas os membros nomearam-me presidente honorário para toda a vida. Ao fim de alguns anos de ministério do exorcismo, surgiu-me a ideia de fundar esta associação internacional: do grande sucesso desta, e do número sempre

crescente dos seus membros, acho que posso tirar a prova de que o Senhor realmente abençoou esta iniciativa, fazendo-a sua.

UMA BATALHA DE CARIDADE

Uma vez que começou a exercer este ministério com uma certa idade e que já ultrapassou os oitenta anos, não posso deixar de lhe perguntar se, fisicamente, este compromisso é muito extenuante...

Sim, claro, é bastante extenuante, até porque me acontece uma coisa estranha, a cada ano que passa tenho mais um ano... Já tenho oitenta e quatro anos, feitos no dia 1 de Maio. Não é uma data ao acaso: acho que nasci no primeiro dia do mês dedicado a Maria, precisamente em honra de Nossa Senhora.

Portanto, voltando à dureza do meu singular ministério, devo reconhecer que a fadiga maior deriva do facto de eu ver a necessidade das pessoas, o que me provoca uma grande compaixão. E encontro casos de grande sofrimento que se arrastaram durante anos e anos. E vejo como com os exorcismos se consegue dar alguma paz e atingir muitas vezes a libertação total. Santo Afonso de Ligório, que entendia do assunto, dizia: «Nem sempre se chega à libertação total, mas sempre se consegue dar alguma paz.» E é mesmo assim. Por isso, de vez em quando tenho alguém que ainda não conseguiu a libertação total, mas que atingiu uma autonomia tal que ninguém se apercebe das suas condicionantes particulares. Pode assim levar uma vida «normal», em casa e no trabalho. E talvez sinta a necessidade de cá vir uma, duas vezes por ano para receber um exorcismo. E uma ou duas vezes por ano não são nada, de facto, se pensarmos que se tinha começado com uma vez por semana, e que até talvez tivesse sido necessário mantê-los quietos, amarrados a uma cama própria para o efeito. E agora que estão próximos da libertação total, chegam aqui, sozinhos, e sentam-se tranquilamente na cadeira.

Mas normalmente, nos casos mais difíceis, quando estamos no início do percurso exorcístico, há manifestações de uma tal violência que preciso de, pelo menos, seis, sete pessoas para me ajudarem a controlar os acessos e as reacções do possesso.

Aliás, o auxílio «físico» dos ajudantes é importante — para manter firmes os possessos, mas também para lhes limpar o rosto ou a roupa quando se babam, como muitas vezes acontece — mas a sua ajuda consiste também na oração, que continuamente acompanha a sua acção durante o exorcismo. Para além destes ajudantes laicos, obviamente, vêm também muitos sacerdotes que desejam ganhar experiência e crescer no seu ministério de exorcistas.

UM TRABALHO ARRISCADO

Gostaria agora de oferecer aos leitores um primeiro testemunho relativo às manifestações características que acompanham os exorcismos, destacando, em particular, a importância e a utilidade da água benta no discernimento dos casos que se me apresentam.

Eu tinha sido convidado por um pároco, sacerdote da mesma diocese que eu, para o ajudar no caso de uma mulher perturbada. Tínhamos marcado um encontro alguns dias antes. No dia anterior à minha chegada, a mulher disse ao pároco que eu não iria aparecer porque ia sentir-me mal. Nessa altura eu não tinha conhecimento daquelas palavras: o pároco contou-me mais tarde. No dia seguinte, quando me preparava para partir, senti um súbito mal-estar devido a uns cálculos renais e fui transportado para o hospital.

Algumas semanas mais tarde teve finalmente lugar o tal encontro. De início, a mulher tinha de facto o aspecto de uma pessoa perturbada, mas apresentava-se como uma criatura simpática. Depois, à medida que íamos falando, foi ficando cada vez mais irrequieta, cada vez menos à vontade com a minha presença, a tal ponto que se levantou, foi ter com o outro sacerdote e abraçou-se a ele, como uma criança amedrontada, dizendo: «Proteja-me dele.» Fiz um sinal ao sacerdote, e ele mandou-a sentar-se de novo.

Eu tinha posto dois copos numa mesa ali ao lado: um com água normal e outro com água benta. Ofereci-lhe a água normal para beber; agradeceu-me e bebeu. Alguns minutos depois estendi-lhe o outro copo, com a água benta. Bebeu-a, mas desta vez o seu aspecto mudou de repente: passou de menina assustada a uma pessoa em cólera. Pronunciando as palavras com um timbre de voz baixo e forte, como se um homem falasse dentro dela,

disse-me: «Julgas que és esperto, padre!» Teve assim início a oração de exorcismo e só uma hora depois, concluído o ritual, se deu a libertação na igreja.

Desejo agora relatar um segundo testemunho. Eu fora ordenado sacerdote há apenas um ano, quando recebi uma chamada telefónica de um confrade: perguntava-me se podia ir ter com ele e ajudá-lo no caso de uma jovem que acabavam de levar à sua residência. A princípio hesitei, não sem razão. Acabava de regressar à minha paróquia depois de ter sofrido durante seis semanas por causa de uma hepatite; para além disso, tinha de celebrar a missa da tarde, uma vez que o meu pároco estava ausente. Declinei, portanto, o «convite». Durante a celebração eucarística, depois de ter dado a comunhão aos fiéis, quando estava a colocar o cálice dentro do sacrário, ouvi com uma profunda surpresa uma voz interior que dizia: «Estou contigo.» Senti uma nova força regressar ao meu corpo, e dei-me conta de que devia ir em auxílio daquele confrade que tinha pedido a minha ajuda.

Fui então ter à sua residência. Após uma primeira e longa oração — de cerca de três horas — percebemos que estávamos perante um caso de verdadeira possessão, e por isso entrámos em contacto com o bispo, a pedir autorização para avançarmos com os exorcismos necessários. Descrevo, em seguida, alguns dos factos que aconteceram naquelas circunstâncias.

Uma vez o corpo dessa jovem arrastou-se três metros pelo chão, deslizando como uma serpente. Estavam outras pessoas connosco, e foram testemunhas deste facto. Lembro-me também de ter tido um pesadelo terrível, naquele período. Levavam-me em direcção a uma espécie de casa de banho grande, no fundo de um navio em alto-mar. Estavam ali três pessoas: uma senhora loira, completamente nua, que à medida que se aproximava o rosto transformava-se, tornando-se metade animal e metade mulher. A segunda pessoa era um jovem branco, com os cabelos escuros e as mãos apertadas em volta de um pau: ao aproximar-se de mim, tentava matar-me. A terceira pessoa era um homem de cor, mas eu não lhe via o

rosto; parecia ter relações sexuais com uma mulher negra, que escondia a cara.

No dia seguinte, durante o exorcismo, descobrimos os nomes destas três pessoas, e de outras mais, através da rapariga possuída. Antes do último sinal de partida dos demónios e da vitória de Cristo sobre a «Legião» — como declarava chamar-se o Demónio que a possuía — cheguei atrasado à oração. Enquanto me dirigia à igreja, o meu carro foi suavemente erguido da estrada e pousado na berma. Note-se que naquele momento ia a conduzir muito devagar, a cerca de quinze quilómetros por hora. De nada valeram os esforços para levar de novo o carro para a estrada: já não respondia aos comandos. A jovem possuída estava no assento traseiro, e tinha ao lado uma pessoa bastante forte a quem eu pedira que me acompanhasse para a manter quieta. Vi que o pneu da frente do lado direito estava rasgado, não se sabe como. Chegámos atrasados. Naquele mesmo sítio, o sacerdote que pedira a minha ajuda teve um acidente de automóvel, alguns dias depois da libertação.

Quando ia a entrar na casa do meu confrade, senti a presença do Maligno atrás de mim, pronto para me atacar. Voltei-me e vi uma jovem com uma tesoura na mão, prestes a atingir-me. Bendito seja Deus: tudo se concluiu para a sua glória e o seu louvor. A jovem, depois da libertação completa, casou e vive feliz...

OS BISPOS INCRÉDULOS

*H*á uns tempos dizia-me que os exorcistas eram poucos e que muitas dioceses não tinham nenhum. Será que hoje esta situação se alterou?

Esta situação, infelizmente, não se alterou, porque ainda temos muitos padres e muitos bispos que não acreditam no exorcismo. Eu até escrevi uma carta ao Santo Padre sobre este facto, e esperemos... Prometeu que enviará um documento à Congregação para o Culto Divino, a quem compete a redacção deste género de documentos, no qual será recomendado que os bispos tenham um exorcista em cada diocese, no mínimo. Mas em muitas dioceses passaram — e seria um processo longo dar conta de toda essa situação — anos e anos de interrupção total dos exorcismos, o que teve como consequência, na maior parte dos seminários onde se formam os sacerdotes do futuro, que, nunca se tenha falado do assunto. E continua a não se falar hoje em dia.

Nos primeiros quatro séculos da história cristã toda a gente podia fazer exorcismos, não existiam os exorcismos como nós os entendemos hoje, ou seja, executados por sacerdotes com um mandato ministerial específico. Jesus disse: «Em meu nome expulsarão os demónios.» Bastava acreditar Nele e agir com fé. E isto continua a ser verdade ainda hoje. É por isso que existem estes grupos da Renovação e também pessoas singulares que fazem aquilo a que eu não chamo exorcismos — para os distinguir dos exorcismos propriamente ditos — mas defino mais como «preces de libertação». No entanto, quando são feitas com fé, têm uma grande eficácia, a mesma que os exorcismos verdadeiros.

Mas voltemos à História: nos primeiros quatro séculos da história da Igreja, toda a gente fazia exorcismos. Depois foi fundado o exorcistado,

como ordem menor, que só podia ser atribuído aos sacerdotes, e a estes apenas pelos bispos. E ainda hoje funciona assim: apenas os bispos têm o poder, o monopólio absoluto, de nomear exorcistas, ou de lhes retirar a faculdade de fazer exorcismos. Mas estes, a que chamo exorcismos, porque os sacerdotes fazem uma oração pública, não esgotam as iniciativas que se podem tomar para nos libertarmos do Demónio: resta sempre a oração privada, dada por Jesus, que todos podemos fazer.

NAÇÕES INTEIRAS SEM EXORCISTAS

Quais são as consequências deste silêncio sobre o Diabo que, como disse, há muito tempo caracteriza a própria vida interna da Igreja?

A primeira consequência é que hoje me escrevem de várias nações lamentando a total ausência de exorcistas. E trata-se de nações de primeiro plano: Alemanha, Áustria, Suíça, Espanha, Portugal, só para referir algumas. Estes países não têm exorcistas. E muitos fiéis escrevem-me porque querem vir a Roma para receberem exorcismos feitos por mim. E isso não é possível, porque estou sobrecarregado de compromissos e de casos que tenho de acompanhar. Então oriento todas as pessoas para os grupos da Renovação, ou para aqueles sacerdotes que fazem preces de libertação, as quais, se forem feitas com fé, têm o mesmo efeito — já o afirmei — dos exorcismos propriamente ditos.

Gostaria, a este propósito, de referir que na vida de muitos santos se encontram numerosos episódios que testemunham a forma como estes, sem serem exorcistas, libertavam do Demónio. Indico-lhe o nome de um santo que nunca foi oficialmente nomeado como patrono dos exorcistas, mas que é considerado um pouco como o protector da categoria: São Bento. Pois bem, São Bento não era nem sacerdote, nem exorcista. Era um monge. Mas tinha uma eficácia nas suas preces de libertação! Dou-lhe outro nome: Santa Catarina de Siena. Quando os exorcistas não conseguiam libertar alguém, mandavam essa pessoa a Santa Catarina, que não era nem padre nem exorcista, e ela rezava, e com a sua fé obtinha libertações portentosas. E muitos outros homens e mulheres, com a sua fé e a sua santidade... Também não faltariam os testemunhos segundo os quais até o padre Pio, que nunca foi um exorcista oficialmente designado, libertava pessoas da influência e da acção do Maligno.

UMA BATALHA EM DUAS FRENTES

*P*ortanto, a sua batalha é uma batalha dupla, em duas frentes: contra o adversário de sempre, por um lado, e por outro contra o silêncio ou a incredulidade por parte da própria Igreja...

Claro, trata-se de uma batalha para persuadir as pessoas da Igreja. Até ao século XII as coisas corriam bem, porque havia um grande número de exorcistas em todas as dioceses. Depois começou aquilo a que eu chamo o período da loucura, ou seja, quando alguns membros da Igreja autorizaram a tortura dos hereges, e depois um outro período em que autorizaram que estes fossem entregues ao «braço secular», ou seja, à justiça dos estados, e ardessem vivos na fogueira. E barbaridades semelhantes continuaram durante alguns séculos. Em suma, contra a heresia assumiram-se medidas exageradas, a ponto de, durante muito tempo, não se fazerem mais exorcismos e mandarem os possuídos directamente para a fogueira. Mas ficaram os documentos daqueles poucos que ainda faziam exorcismos: é conhecido o facto de um bispo francês que, no caso de uma freira possuída pelo Diabo — uma bruxa de verdade —, em vez de a mandar para a fogueira a mandou exorcizar; foram precisos dois anos para a libertar, mas depois viveu como uma santa para o resto da sua vida. Tratava-se de uma verdadeira possessão, o que por norma constitui um caso bastante raro relativamente às várias manifestações e acções diabólicas.

Para continuar no tema de perseguições a hereges e possessos, lembrome que me perguntaram uma vez na Rádio Maria se também São Carlos Borromeu tinha mandado gente para a fogueira; sim, é verdade: haveria testemunhos segundo os quais também Borromeu o tinha feito, porque a santidade não exonera de se ter a mentalidade da época, e também ele, embora sendo santo, condenou gente que depois foi parar à fogueira.

De qualquer modo, naquela época os exorcismos já não se faziam e, posteriormente, na época moderna, como reacção a tantos absurdos e atrocidades perpetrados durante muito tempo, não se fez mais nada. Nem sequer mais exorcismos. Com a consequência de que em grande parte dos seminários nem sequer se voltou a falar do Inferno, nem do Diabo; e ainda hoje, em muitas dessas instituições, já não se fala de exorcismos.

É por isso que actualmente muitos padres não acreditam nisso e nem muitos bispos... sim, bispos, porque alguns padres depois tornam-se bispos, mas continuam a não acreditar nisso e chegam até a dizer em público: o Inferno não existe, o Demónio não existe... Mas Jesus, no Evangelho, fala disso abundantemente, razão pela qual é caso para se dizer: ou nunca leram o Evangelho, ou simplesmente não acreditam nele!

E perante as numerosas curas operadas por Jesus em relação aos possuídos, dizem que se trata de um termo derivado da linguagem e da cultura da época, que definia como possuídos aqueles que na realidade eram meros doentes. Mas o Evangelho distingue com muita clareza os dois casos, ou seja, quando Jesus cura doentes, e quando os liberta do Demónio. Com grande clareza distingue também o poder de curar, e o poder de expulsar os demónios. E a ordem final é: ide, pregai a minha palavra, expulsai os demónios e curai os doentes.

DIZEM QUE NÓS, EXORCISTAS, SOMOS EXALTADOS

*N*a primeira reunião da Associação dos Exorcistas eram doze, ao passo que agora são muitos mais. Isto quer dizer que alguma coisa mudou...

Sem dúvida. Dei muitas entrevistas televisivas, e dava-as de bom grado, para divulgar, dar a conhecer, difundir o máximo de informações sobre este tema... Fiz muito barulho sobre este tema! Acho que o Senhor me usou precisamente para divulgar estas coisas, para que se voltasse à prática dos exorcismos. Há muitas pessoas que estão a sofrer. E então onde vão parar? Aos bruxos, aos feiticeiros! Onde mais podem ir? Vão lá parar porque se sentem maltratadas por alguns padres, e pensam: pelo menos vou ter com alguém que me recebe com gentileza, me manda sentar, demonstra que me quer ajudar. Enquanto que alguns padres quando ouvem dizer: tenho perturbações... respondem logo: isso são histórias, vai-te embora! E batem-lhes com a porta na cara. O que é uma coisa alucinante, algo que Cristo nunca teria feito.

Há um livro muito bom do único bispo italiano que faz exorcismos, monsenhor Gemma, que fala abertamente, com uma grande coragem, da realidade do Demónio. Claro que não é o único: há outras vozes que se levantam para falar deste assunto, tantas vezes negligenciado ou até censurado, mas são muito poucas.

Em suma, há algumas pessoas que, mesmo a torcer o nariz, consultam os exorcistas. Mas sem grande entusiasmo. E acrescento ainda que os exorcistas são, em geral, malvistas por uma boa parte do próprio clero, que os considera muitas vezes uns exaltados. Não são bem aceites, apesar de não só serem membros do clero, como também, à partida, poderem ser considerados como estando entre os melhores. Digo os melhores porque o

Direito Canónico diz que o bispo, ao nomear o exorcista, deve escolher um sacerdote de oração, de cultura, equilibrado e que tenha boa reputação. Tudo qualidades que qualquer padre deveria ter, mas que nem todos possuem. Portanto, eu diria que os exorcistas deveriam ser escolhidos de entre a fina flor do clero. E, no entanto, esta actividade que praticam nem sempre é estimada pelos sacerdotes, porque muitas vezes são precisamente estes os primeiros a não acreditar.

Seja como for, alguma coisa está a mudar. Quem quebrou o gelo, para dizer a verdade, foi, Paulo VI, em 1972, quando pronunciou o seu famoso discurso de 15 de Novembro, todo ele dedicado ao Demónio. Quem não acredita que o Demónio existe — disse em síntese — está fora da doutrina da Igreja. Quebrou finalmente o gelo, e era o Papa que falava! Mas não teve grande continuação. Por sua vez, este que vos fala, que não é Papa e que não vale nada, foi abençoado pelo Senhor...

Eu sou discípulo do padre Candido Amantini. Durante cerca de quarenta anos, este aqui (aponta para a grande fotografia pendurada na parede) foi exorcista na Scala Santa. Um passionista. Fui nomeado exorcista como ajudante do padre Candido, e devo-lhe tudo aquilo que sou. Escrevi o primeiro livro para registar por escrito os ensinamentos que me foram dados pelo padre Candido. Também eu, como todos os autores, aspirava à segunda edição. Um autor, em geral, aspira pelo menos à segunda edição. E imagine que no primeiro ano tiveram de imprimir seis edições. Vendeu imenso! E ainda agora, ao fim de tantos anos, é dos meus livros aquele que mais vende. Os outros também vendem bem... E nas traduções também se saíram bem. Vi-o em Madrid, onde estive de visita e num dia tive de dar seis entrevistas, organizadas pelo editor. Traduziram-no também para japonês...

DEMÓNIOS E ALMAS DANADAS

Gostaria agora de oferecer aos leitores um testemunho que deixa bem claro como a possessão diabólica envolve muitas vezes não só diabos como também almas danadas.

Há uns anos, um senhor pediu-me para ir benzer a sua casa porque aconteciam ali feitos extraordinários: ouviam-se passos de pessoas que não estavam lá; apareciam, por baixo de uma almofada, ou no peitoril da janela, ou no assento do automóvel, três moedas, ou três raminhos, ou três pedrinhas; acontecia muitas vezes encontrarem o pente ou a pasta dos dentes dentro do frigorífico; durante as refeições, a tampa da garrafa de água mineral ia pousar junto da mulher; essa mulher, e só ela, via depois de costas um belo jovem loiro que caminhava pela casa ou pelos campos em volta. O homem tinha avisado a polícia, pensando que alguém os queria importunar; mas ao fim de muitos dias de emboscadas inúteis a polícia desistiu, pensando que era imaginação ou alucinações de mentes doentes.

Fui imediatamente. Enquanto vestia a sotaina, a mulher pôs-se de lado, observando-me com olhos ameaçadores. Comecei a rezar, e a dar a bênção com água benta: algumas gotas, que caíram em cima dela, provocaram reacções impensáveis, porque a mulher começou imediatamente a gritar que a água benta queimava. Fiquei petrificado e avisei o marido: «É uma coisa séria; leva a tua mulher ao exorcista da diocese.»

No dia seguinte foram ao exorcista indicado, que disse logo que se tratava de um caso grave, uma verdadeira possessão diabólica. Era o sexto ou o sétimo caso grave que lhe aparecia desde que era exorcista. A mulher ia acompanhada, para se fazer exorcizar, duas vezes por semana. Mas ao fim de algum tempo este sacerdote aconselhou o marido a ir ter com o

bispo da diocese para pedir ajuda a um sacerdote que interviesse todos os dias; de outra forma, a libertação demoraria muito tempo. O casal foi ter com o bispo, que decidiu dar-me a mim aquele encargo, uma vez que eu tinha conhecimento dos factos e era o pároco deles.

Comecei então a ir todos os dias ter com esta família, demorando-me ali entre quarenta e cinco minutos e uma hora, dependendo de quando o Demónio se afastava e deixava livre — pelo menos provisoriamente — a mulher. Todas as vezes, antes do exorcismo, a mulher dizia-me: «O que foi que vieste fazer? Não tens nada para fazer?»

Iniciada a oração, entrava em transe, agarrada pelo marido e por mim, porque se tornava violenta. Por duas vezes, antes de começar, conseguiu pegar numa faca, com a qual nos ameaçava; uma vez conseguiu fechar-se no quarto e, entrando num transe profundo, insultou-nos. Comecei então o exorcismo do lado de fora do quarto, junto à porta, e ela, a pouco e pouco, acalmou-se e abriu-a. Durante o exorcismo falava várias línguas e com vozes diferentes; cantava a *Marselhesa* ou declamava o *Inferno*, de Dante. Depois de alguns exorcismos, perante uma ordem minha, o Demónio revelou o seu nome: Zago. Disse que era o chefe e que recebia o culto numa localidade ali perto, junto a uma igreja em ruínas; exprimia-se por iniciativa própria, dizendo que ia vencer.

O outro Demónio presente era Astarot, que presidia à destruição do amor do casal, e entre estes e os filhos. Havia ainda um terceiro Demónio, Serpente, que tinha a tarefa de levar a mulher ao suicídio: tinha tentado com sacos de plástico amarrados ao pescoço da mulher e com cordas penduradas no candeeiro do tecto, e uma vez tinha mesmo tentado levá-la a atirar-se de uma ponte. A mulher preparava muitas vezes as malas e dizia que tinha de ir àquela localidade, onde se encontrava a igreja em ruínas, porque *ele* estava ali à espera dela: tinha-lho ordenado e ela devia ir. Segundo Zago, estava também presente uma legião de demónios menores.

Para minha grande surpresa, revelaram ainda a sua presença três almas danadas: Michelle, uma mulher que tinha trabalhado no Moulin Rouge e que aos trinta e nove anos morrera devido às drogas. Michelle dizia muitas

vezes frases em francês, as mesmas que repetia no passado para chamar os clientes. Nessas alturas, o rosto da mulher tornava-se doce e persuasivo; era Michelle quem ficava na mulher até ao fim do exorcismo, para depois a abandonar, chorosa e destroçada.

Estava também presente Beelzebul, um marroquino que cortara a cabeça a três missionários em 1872. À minha pergunta sobre a ordem a que pertenciam aqueles religiosos, respondeu-me: «O que sei eu das vossas ordens religiosas?» Com remorsos, acabou depois por se suicidar.

A terceira alma danada era Jordan, um escocês que tinha matado a mãe. Intervinha muitas vezes e parecia-me que afirmava: «O verdadeiro deus é Zago; é ele o mais poderoso.» Parecia-me, porque domino mal o inglês.

Durante o exorcismo, Zago gabava-se de ser o chefe do mundo, afirmando que tudo se movia como ele queria, que a guerra civil no Ruanda fora suscitada por ele próprio, que gozava e sentia prazer pelo sangue fraterno derramado. Depois provocava-me, dizendo: «É tudo história, aquilo que pregas, e ninguém te ouve!» Muitas vezes ameaçava que viria de noite para me pôr as tripas de fora. Uma vez disse-me: «Tem cuidado, porque eu também posso entrar dentro de ti»; e após uns instantes de reflexão, acrescentava: «Mas dentro do corpo de um padre não se deve estar muito bem.» Quando eu insistia com as minhas perguntas, encostando-o à parede, dizia-me: «Estás a apertar-me os tomates.» E eu replicava: «Não sabia que os demónios tinham tomates.» E ele rebatia: «Estúpido! É a vossa maneira de dizer.» E bufava, bufava.

Quando eu os mandei dizer em que altura tinham entrado na mulher, Zago contou: «Entrei em 1972, antes de a mulher entrar na igreja, no dia do casamento, ao meio-dia.» Era tudo exacto. Tinha sido eu a celebrar aquele matrimónio. Zago fora chamado para esta missão por um homem de Viterbo, que não queria aquele casamento. Depois, à meia-noite, com uma outra missa negra que incluía a morte de um animal, tinham entrado os outros demónios. Perante estas revelações, o marido recordou-se que um sacerdote, no dia anterior ao casamento, tinha sido abordado por um homem que não queria que se celebrasse aquela união. Zago gabava-se de

que junto à igreja em ruínas se encontrava o seu templo com um grande letreiro: AO DEUS ZAGO. Quando eu pronunciava a frase «A Deus o reino», ele corrigia imediatamente: «A Zago o reino.»

Quanto mais se avançava com os exorcismos, mais se dava conta do mal-estar e dos queixumes. Quando eu punha as mãos na cabeça da mulher, Zago guinchava, não percebia mais nada e gritava: «Estás a sujarme a casa, deixas entrar luz, estragas-me a casa!» Eu respondia que a luz é bonita, é vida, mas ele gritava: «Não! As Trevas são a minha casa.» Afirmou que estava na cabeça da mulher. À pergunta «Porque estás na cabeça?», respondia «É daqui que se comanda todo o corpo». O facto de eu lá colocar as mãos deixava-o enfurecido. A mulher tinha um papo na cabeça e ele revelou que, muito tempo antes, tinha sido ele a provocá-lo. O marido confirmou que aparecera de repente, há muitos anos, e que tinha assustado toda a gente, mas os exames não tinham revelado nada de preocupante.

E respirava muitas vezes sobre o corpo da mulher, como sinal sensível do sopro do Espírito Santo, e ela abanava-se e gritava: «Vento escaldante!» Do mesmo modo se queixava sempre que eu a benzia com água benta; ao passo que esta reacção furiosa não se verificava depois de ele ter ido embora, no fim do exorcismo. Nos primeiros tempos tentámos, sem sucesso, meter água benta dentro de uma garrafa para a dar de beber à mulher; a garrafa continuava sempre vazia.

Entretanto, multiplicavam-se as ameaças à mulher, porque tinha começado a rezar. Ela não entrava na igreja desde o dia do casamento, a não ser ocasionalmente e com um grande desconforto; e já não rezava. O demónio mimava a mulher e durante horas fazia-a ouvir na cabeça música clássica. À pergunta: «Porquê música clássica?», a resposta era: «Porque ela gosta de música clássica.» Para além disso, apresentava-se a ela como um jovem loiro, porque ela gostava de homens loiros. Durante o dia sussurrava-lhe frases doces, de tal forma que a mulher dizia que estava bem com ele; na realidade, tinha-se isolado de toda a gente e vivia num mundo só dela.

Em todos os exorcismos, quando o Demónio já não aguentava mais, afastava-se. Nesse ponto a mulher saía do estado de transe e perguntava o que tinha feito e o que tinha dito; não sabia nada daquilo que tinha acontecido: apenas se sentia cansada e dorida, como se lhe tivessem batido em todas as partes do corpo. Uma vez em que estava muito agitada, dei-lhe involuntariamente uma pancada na cabeça com o pesado aspersório, provocando-lhe um papo; mas ela não sentiu nada. Só depois do exorcismo tocou naquele sítio e sentiu uma dor.

Depois do exorcismo, a mulher via o Demónio às voltas no quarto ou no jardim; avisava que já não estava dentro dela. Mas ao fim de pouco tempo voltava a sentir a presença dele dentro dela. Uma vez, terminado o exorcismo, não conseguíamos abrir o portão automático. A mulher saiu e viu que o Diabo se tinha posto entre o comando e o portão. Bastou uma bênção para que o portão se abrisse. No Verão fui a um acampamento com as crianças da paróquia, na montanha; mas uma vez por semana descia para fazer o exorcismo. Quando me via, a mulher, que já estava em transe, dizia-me: «Mas não estavas bem lá em cima? O que foi que vieste fazer?» E continuava com as ameaças. Quando regresssei do acampamento voltei a exorcizá-la todos os dias. Sentia que a força e a presunção do Demónio diminuíam, cada vez mais; com efeito, começou a invocar Satanás: «Satanás, não me abandones, Satanás está aqui presente, Satanás está no meio de nós; ajuda-me, Satanás!»

Já desde Julho que prometia que ia embora. Nos primeiros dias de Agosto, começou a dizer que sairia na véspera da Assunção de Nossa Senhora, afirmando concretamente: «Quando tu lemares a passear o teu fantoche (a estátua de Nossa Senhora) eu vou-me embora.» Secretamente, pedi à comunidade para rezar e para fazer jejum, anunciando que na véspera da Assunção ia ocorrer um grande milagre. Mandeí transportar a mulher para um local adequado, juntamente com o marido e um amigo, onde ia passar a procissão. À passagem de Nossa Senhora, a mulher deu um grito muito forte e desmaiou.

Depois da celebração religiosa, perguntou o que tinha acontecido. Contei-lhe então que quando estava na igreja, depois da procissão, a tinha visto ali mesmo, a certa altura, no meio da multidão, e sorridente; o que era estranho, porque a mulher já não sorria há muito tempo. Interrompi então o canto das ladainhas, anunciei o milagre que se tinha operado e agradecemos ao Senhor. Durante uma semana ficou tudo tranquilo; mas depois a mulher queixou-se de fortes dores no abdómen; começaram a aparecer-lhe umas bolhas em todo o corpo e chagas dentro da boca, de tal maneira que a impediam de comer. Se conseguia comer alguma coisa, cuspiam a comida logo em seguida; já tinha acontecido cuspir madeixas de cabelo, pregos e até excrementos. Para além disso, o Demónio forçou a mulher a gestos humilhantes: obrigava-a a urinar onde quer que se encontrasse, ou fazia cair ao chão, do balcão da loja, as garrafas que ela estava a comprar; ou então fazia-lhe sair sangue pelo nariz ou por baixo.

A mulher, ajudada pelo marido, rezava; mas o Demónio não queria isso. Um dia, durante o exorcismo, gritou-me, furioso: «Sabes o que ela fez? Rezou. Não deve fazê-lo! Eu, a partir de hoje, vou mandar-lhe muitas dores.» Desde essa altura, debaixo da almofada, o casal encontrava mil liras com um prego espetado ora nos olhos, ora na boca, ora nos ouvidos, ora na garganta da imagem impressa na nota de mil liras. Era o aviso de que no dia seguinte a mulher ia sofrer desgraçadamente nas partes marcadas pelo prego. E acontecia mesmo assim!

Alguns dias depois da festa da Assunção, regressou o Demónio Serpente, que se instalou na barriga da mulher. De facto, quando eu lhe pousava as mãos na barriga, ela sofria terrivelmente e eu sentia por baixo das mãos uma coisa dura, que me fugia; e, se eu a agarrava, ele queixava-se: «Estás a esganar-me, estás a sufocar-me.» Eu rebatia que ele não podia continuar naquele corpo, que pertencia a Deus. Mas ele retorquia com raiva: «A cabeça agora é tua, mas o corpo é meu.»

Um dia, durante este período, telefona-me o marido, muito agitado, a dizer que havia uma serpente à volta do pescoço da mulher, e que a tinha mordido. Acorri imediatamente e encontrei a mulher agitadaíssima; corria

pelo quarto e tentava arrancar do pescoço qualquer coisa que a apertava. Ela dizia que era uma serpente que a tinha mordido. De facto, depois de intervir com a água benta, notámos dois pequenos furos. O Demónio Serpente gabava-se então de que a mulher fora mordida e que estaria irremediavelmente morta; a partir de agora era sua e ele tinha cumprido a sua missão, que era precisamente a de matar a mulher.

Naquele momento o marido contou tudo aquilo de que se lembrava: «A minha mulher, há muito tempo, via uma serpente numa árvore, diante da casa velha. Mas só ela é que a via.» Depois da história da mordedura e da ameaça, eu fiz o exorcismo duas vezes por dia. Estávamos nos primeiros dias de Dezembro. Agora era só ele que falava, o Serpente; tinha uma voz cavernosa, profunda, mas que de dia para dia se tornava cada vez mais débil e submissa. Finalmente, prometeu que no domingo seguinte, na festa da Imaculada, se ia embora definitivamente e que ia haver um sinal muito evidente desse facto.

Durante este período ouvia uma voz nova que aparecia durante o exorcismo. Perguntei com firmeza: «Quem és?» E a voz feminina revelou: «Sou Vanessa, uma rapariga de vinte e três anos. Era estudante universitária; depois encontrei um rapaz que me levou às missas negras, junto da igreja em ruínas, e ali comecei a servir o Demónio. Uma noite, depois de ter saído intoxicada do ritual, porque tinha bebido sangue, atravessei a rua e morri, atropelada por um automóvel.»

Durante o exorcismo perguntava tanto a Michelle como a Vanessa se tinham sido baptizadas; recordava-lhes o dia festivo da primeira comunhão; elas respondiam-me com pesar, mas irritadas. Entretanto, continuavam a aparecer sinais misteriosos pela casa. Tinha sido desenhado na parede, na almofada e nos lençóis, o sinal da morte: uma caveira. Para o Demónio Serpente era o sinal da sua vitória, com a morte da mulher. Mas eram as últimas tentativas que fazia. A mulher estava exausta, não aguentava mais. Tanto que decidiu não rezar mais nem se submeter a mais exorcismos. Convencemo-la a rezar a oração do exorcismo de Leão XIII, e o esforço era enorme, porque nas palavras em que se pedia ao Demónio

para ir embora ela sentia o pescoço a apertar-se de tal maneira que não conseguia falar.

Convidei o marido a rezar ainda mais juntamente com a mulher; também ele lhe fazia sinais da cruz no corpo ou nos braços para a acalmar quando ela ficava violenta. Um dia o Demónio disse-lhe: «Mas o que é que estás a fazer? Tu não és padre!». Mas era evidente que estes sinais da cruz também o incomodavam. Às vezes o marido lamentava-se por causa das noites sem dormir; então era a mulher quem lhe dava a explicação: «Claro; mas não deste conta de que ele estava entre tu e eu?» Num quarto ao lado havia uma cama livre, à disposição de eventuais hóspedes, onde ninguém dormia. E, no entanto, em cima daquela cama víamos uma forma como se uma pessoa ali tivesse dormido; eu próprio o constatei várias vezes.

Durante estes longos meses aconteciam outras coisas estranhas. Uma pistola fechada num cofre aparecia de repente nas mãos da mulher; e, no entanto, o marido trazia sempre consigo as chaves do cofre. Os vestidos mais bonitos da mulher eram encontrados, não se sabe como, com buracos e rasgões. Dávamos conta, por acaso, de que algumas contas do rosário eram arrancadas e que as imagens sagradas estavam queimadas nas extremidades. E muitos outros factos inexplicáveis: a fotografia da mãe da mulher era virada ao contrário ou de pernas para o ar em cima da mesa-de-cabeceira; uma imagem de São Miguel apareceu rasgada; descobriu-se que a casa velha tinha sido assaltada, mas nada fora roubado; encontravam-se debaixo da almofada anéis e brincos que não pertenciam aos membros da família. A carta de condução e os documentos pessoais do marido desapareceram, não se sabe como. Esqueci-me de dizer que durante os exorcismos a mulher, de repente, gritava e tocava num ponto do seu corpo: olhávamos e encontrávamos gravado na carne um sinal da cruz, como se tivesse sido marcado com um pedaço de vidro.

Durante os exorcismos do mês de Dezembro, o Diabo, muitas vezes desconsolado, declarava: «Venceste, venceste. Já não posso continuar aqui, há demasiada luz dentro dela.» Eu insistia para saber o que é que o

obrigava a ir-se embora. Ele respondia de má vontade: «A oração dela; porque é boa e tu vieste cá muitas vezes. Venceram, venceram, tenho de me ir embora.» Perguntei-lhe para onde iria ele fazer mais mal. Respondeu-me: «Vou para outras paragens, mas tenham cuidado porque eu posso voltar.»

Nas últimas orações de exorcismo aconteceram dois factos estranhos. Na testa da mulher aparecera uma cruz num vermelho esbatido. Pensei que fosse *bâton*, ou algo parecido. O marido, ao tocar naquela cruz, reparou que era sangue. Perguntámos a razão, e foi-nos dada uma resposta perturbadora: «É o sangue de uma criança de quatro dias, que me foi oferecido pela mãe, que é uma seguidora minha, no meu templo.» Ficámos aflitos e horrorizados.

O segundo facto é este. Durante um exorcismo, o Demónio disse-me: «Vai ver o que eu fiz ao teu fantoche.» No jardim da casa havia uma estatueta de Nossa Senhora. Fiz sinal ao marido para ir ver. Quando regressou disse-me que a Nossa Senhora tinha lágrimas de sangue. Quando acabei o exorcismo fomos todos juntos até ao jardim, para ver. Também eu constatei aquele facto. Era sangue que lhe saía dos olhos. Pegámos numa *Polaroid* e tirámos várias fotografias, que ainda hoje conservo. Limpámos o rosto da Senhora; mas no dia seguinte repetiu-se o mesmo acontecimento.

No dia 10 de Dezembro o Diabo prometeu que no dia seguinte, «no dia do teu Senhor» (era um domingo), de tarde, durante o exorcismo, se ia embora para sempre. No dia seguinte, por volta das 15h30, fui àquela casa. Assim que principiou a oração, o Diabo começou a gritar: «Vejo São Miguel, que se aproxima com a espada desembainhada... É isso, vem aí e eu não posso fugir. E quem é aquela mulher no meio da luz? Está a aproximar-se!» «É Nossa Senhora!», gritei eu. E ele continuou: «Há uma grande luz... Tem doze estrelas e a lua debaixo dos pés... Não posso mais, não posso ficar mais.» Depois ouviu-se um grito como eu nunca tinha ouvido na minha vida. A mulher, saindo do estado de transe, acordou a

perguntar: «O que foi que aconteceu?» Gritámos-lhe: «Acabou, acabou!» Abraçámo-nos, comovidos.

Alguns meses após a libertação definitiva do Demónio, ocorreu um facto singular. O marido da mulher viu em cima de um muro, a pouco mais de um metro do chão, junto da estátua de Nossa Senhora, uma grande cobra enrolada sobre si mesma. O homem pediu ajuda a um vizinho, que apareceu com um gancho grande. Atiraram a cobra ao chão sem que ela reagisse e esmagaram-lhe a cabeça. O facto pareceu estranho, mas o exorcista da paróquia, quando foi posto ao corrente, explicou que aquilo também podia ser um sinal. É preciso ter presente que a mulher, quando ia estender a roupa junto do muro, via uma cobra. Mas só ela é que a via, e tinha sempre medo de se aproximar daquele local.

Nos últimos meses, enquanto a mulher estava ainda possuída pelo Demónio, o marido apercebeu-se de que lhe desaparecia dinheiro e algumas acções bancárias; para além disso, certos pagamentos da renda não tinham sido efectuados. E, no entanto, a mulher saía de casa com o dinheiro, só que o dinheiro depois seguia outro caminho. Perguntei um dia ao Demónio como aconteciam aquelas coisas, e ele respondeu que era ele que ficava com aquele dinheiro para o dar aos seus seguidores, porque os queria ricos e felizes. Mas prometeu que aos poucos acabaria por restituir tudo. Quando chegámos aos últimos dias em que o Demónio dizia que se ia embora, eu disse-lhe que ele não tinha mantido a promessa, porque ainda não devolvera o dinheiro. Ele respondeu: «Mas tu acreditas naquilo que diz o Demónio?» Fui com o marido ao banco e a uma empresa à qual deviam alguns pagamentos; o marido pensava que a mulher tinha tratado do assunto, mas não era assim. A conta no banco estava quase a zero, apesar de todos os movimentos terem sido feitos de forma regular; e na tal empresa não tinha sido pago nada. O marido, feitas as contas, falava de uma perda global de 20 a 25 milhões de liras. Para além disso, em tempos não suspeitos, a mulher pedira dinheiro a uns amigos, explicando que precisava de pagar umas letras que tinham já vencido, mas que não deviam dizer nada ao marido; assim, havia ainda mais dívidas para saldar.

Depois destes factos, o marido apercebeu-se do profundo significado de muitos episódios ocorridos no passado, desde o dia do casamento; a mulher, de temperamento doce e afável, passara a ser conflituosa e agressiva. Ela via, junto à cabeceira da cama, o seu pai morto, e ouvia ruídos estranhos. Tornou-se insuportável e emagrecia a olhos vistos. Contou-me também que, dezassete anos depois da morte do pai da mulher, a urna tinha rebentado no cemitério, como se a sepultura fosse recente; e pelas frinchas do caixão saía sangue negro (facto declarado inexplicável pelo médico que foi chamado). O marido lembra-se também de ter sentido, muitas vezes, arrepios de frio injustificáveis e formigueiros por todo o corpo.

Pela graça de Deus, agora tudo acabou; a paz e o sorriso reinam naquela casa. A mulher está bem, embora às vezes caia numa certa melancolia. O exorcista da diocese explica que são incursões do Demónio, e recomenda-lhe que continue a rezar e a receber a bênção uma vez por semana.

UMA MUDANÇA PROFUNDA

*C*omo mudou o senhor, pessoalmente, nestes vinte e três anos?

Indubitavelmente, praticar o exorcismo beneficiou muito a fé, a oração. Reforçou-me muitíssimo na fé e na oração. Para participar num dos nossos congressos, quando ainda era eu o presidente, e os organizava, convidei um exorcista famoso, que disse: «Às vezes o Demónio diverte-se a contar os pecados do exorcista, e de alguns dos presentes. Imaginem então como eu procurava, quando fazia exorcismos, estar limpo, mesmo limpo.»

São vários os episódios que me contava o padre Candido. Um dia, um sacerdote disse-lhe claramente que não acreditava em nada daquilo: Demónio, exorcismos, etc. O padre Candido replicou: vem assistir uma vez. O padre Candido contou-me que este sacerdote estava de mãos nos bolsos, em pé; na Scala Santa os exorcismos são feitos na sacristia, e ele ali estava, com um ar quase de desprezo. A certa altura o Demónio virou-se para ele e disse-lhe: «Tu não acreditas em mim; mas nas fêmeas acreditas, e de que maneira acreditas nas fêmeas.» E este sacerdote, contou-me o padre Candido, começou a andar para trás, cheio de vergonha, chegou à porta e fugiu. Em suma, fazer exorcismos reforçou-me na fé, na oração e seguramente também na caridade.

Fé, oração e caridade. Eu também procuro ser limpo, de maneira a não ter aquele senhor a atirar-me coisas à cara. Enquanto o cardeal Poletti me redigia o documento para me dar a faculdade de exorcizar, eu encomendei-me a Nossa Senhora: «Envolve-me com o teu manto e protege-me, sou teu.» E além disso eu chamo-me Gabriele: o arcanjo é meu patrono. E sou muito devoto ao meu anjo da guarda. Portanto, tenho como defensores Nossa Senhora, o arcanjo Gabriel e o meu anjo da

guarda... várias vezes os demónios disseram: «A ti não podemos fazer nada, porque estás demasiado protegido!»

Agora passo o dia aqui — e também num outro lugar — porque aqui, em minha casa, proibiram-me de fazer exorcismos, dizendo: «Não queremos que se ouçam gritos, e que as pessoas se assustem.» Então eu trabalho na mesma, de manhã à noite, mas trato aqui os casos de pessoas que não gritam e que não ficam furiosas... apesar de abrir sempre algumas exceções!

ALGUNS PRECISAM DE SER AMARRADOS

E os casos mais graves, onde os assiste?

Duas vezes por semana vou a uma igreja no centro de Roma, a igreja da Imaculada, na via Emanuele Filiberto. Não é uma paróquia. Depois da missa das oito da manhã fecham a igreja e voltam a abri-la às cinco da tarde. Quem a dirige é um sacerdote muito simpático; foi um grande professor, agora reformado, na Universidade Lateranense, na área da Cristologia. Escreveu vários livros sobre Jesus Cristo, e é de facto uma mente de valor. Para além disso, é muito generoso: deu-me as chaves, acolhe-me. E duas vezes por semana, à terça e à sexta, os casos «graves» trato-os lá. Ali temos também uma cama pequena para o efeito, cordas para amarrar, se for preciso amarrar, e uma cadeira, porque alguns, mesmo quando gritam, não se tornam violentos e podem ficar tranquilamente sentados durante a oração de exorcismo...

Mas há casos bastante mais graves... Alguns têm tanta força (a voz, enquanto falam, altera-se ligeiramente, torna-se rouca) que não se consegue segurá-los. Nem seis homens conseguem. Então são amarrados; as pernas, sobretudo; os braços, em geral, não se prendem. Não são muitos os casos em que os amarramos, mas há alguns. Geralmente, basta mantê-los bem seguros. Tenho homens e mulheres, todos laicos, que me ajudam nestas situações e que me acompanham com a oração pessoal. Ajudam-me, principalmente, com a oração, e depois também fisicamente. Há muitos possessos que se babam, e então há dois destes ajudantes especializados em limpar — coisa que eu também faço: muitas vezes faço os exorcismos aqui sozinho, e não me incomoda nada ver as pessoas a vomitar.

UM CASO MISTERIOSO

Uma jovem, com cerca de vinte anos, veio ter comigo quase por acaso, para acompanhar uma amiga da mesma cidade, que me tinha sido enviada pelo pároco, segundo o qual tinha sintomas de presença maléfica, e até talvez de uma verdadeira possessão. Depois de fazer um exorcismo à amiga, que depois continuei a exorcizar, dei uma bênção à rapariga, para não a mandar embora sem nada... Ao verificar algumas pequenas reacções suspeitas, procedi a um pequeno exorcismo, que uso nos exorcismos pelo telefone. Notei um acentuar daquelas pequenas reacções, mas não me pareceram dignas de consideração. Depois, enquanto acompanhava as duas raparigas e os familiares ao longo do corredor em frente ao meu gabinete, apercebi-me de que a jovem, que tinha acompanhado a amiga, estava com alguma dificuldade em caminhar; segurei-a e convidei o pai a fazer a mesma coisa. Por sorte! Porque alguns segundos depois estava quase a desmaiar. Ao suspeitar de que este facto pudesse ser causado pela minha bênção, marquei-lhe um encontro para a semana seguinte.

Resumindo: foram precisos cinco exorcismos (nos quais as reacções foram sendo progressivamente mais fortes) para que o verdadeiro mal se manifestasse em toda a sua gravidade. A partir daquele momento, continuei a fazer os exorcismos numa cama de hospital que uso nos casos mais graves, de modo a que a pessoa esteja mais cómoda e o processo se torne mais fácil para as quatro a oito pessoas que me ajudam a mantê-la segura e a limpam se se babar. Como muitas vezes acontece, os distúrbios e as causas que remontavam ao passado foram recordadas aos poucos. De imediato, os pais e a própria rapariga disseram que os males remontavam a dois meses. Mas depois evidenciaram-se distúrbios que remontavam

mesmo a quatro anos, quando a jovem tinha dezasseis anos. Indagando mais, descobri que teve um período de estranhos desmaios, que os médicos não conseguiam explicar.

Sintomas característicos, que a pouco e pouco me foram contados pela interessada: filha única, quando se encontrava sozinha no seu pequeno quarto tinha a impressão de estar a ser observada; de haver alguém no quarto, que às vezes se aproximava dela até quase a tocar; apesar de ser muito religiosa e assídua num grupo de oração, começara a sentir alguma dificuldade em rezar; aborrecia-a ouvir rezar ou escutar cânticos sagrados.

Os sintomas foram-se agravando gradualmente. Não conseguia pronunciar uma única palavra de oração, teve de sair da escola; durante os exorcismos reagia de maneira violentíssima; mantinha os olhos firmemente fechados, mas sentia perfeitamente se eu esticava a mão por cima da mesa para pegar no crucifixo, ou na água benta, ou no óleo. Durante um determinado período, teve reacções estranhas: ficava completamente rígida antes de entrar na minha sala para os exorcismos, durante os quais se mexia de uma maneira insana, para ficar novamente rígida depois, tanto que a seguir era preciso levá-la ao colo.

Muitas vezes estava presente um psiquiatra, que também quis tentar fazer-lhe psicoterapia. Durante algum tempo, os encontros processaram-se com regularidade, e a rapariga tinha confiança naquele psiquiatra. Depois, não vendo nisso qualquer vantagem, recusou-se a continuar com as sessões. Entretanto, durante os exorcismos, os demónios falavam, depois de muita insistência da minha parte. Não eram muito faladores. Disseram os nomes, os dias, os meses e as horas em que iam sair (são as perguntas sugeridas pelo Ritual, que eu faço sempre, apesar de raramente obter qualquer resposta verdadeira). Neste caso não foi assim, e no dia marcado foram-se embora.

Após algumas semanas de aparente cura total, voltaram algumas perturbações, mas de uma forma mais ligeira, razão pela qual continuei os exorcismos. Ao todo, foram precisos dois anos e dois meses de exorcismos uma vez por semana e, nos momentos mais difíceis, duas

vezes por semana. Relativamente à causa, é um dos raros casos em que não cheguei a uma explicação satisfatória. Lixo encontrado na almofada e nas bonecas levam a pensar que se podia tratar de bruxaria.

POSSESSÃO E OPRESSÃO DIABÓLICA

Quando os seus «pacientes» chegam até si, já entram no seu gabinete furiosos?

Às vezes já entram furiosos, a tal ponto que são trazidos em braços. Mas outras vezes rimo-nos, brincamos e tentamos manter um clima sereno; faz-se um intervalo entre um exorcismo e outro, às vezes conto umas anedotas: em suma, um clima descontraído. Obviamente que se trata sempre, antes de mais, de um clima de recolhimento, uma vez que também rezamos muito. E, em geral, nos casos mais difíceis — aqueles que têm uma possessão demoníaca, e que são os mais raros — as pessoas entram em transe. Trata-se de possessão demoníaca: porque é a possessão do Demónio, e a opressão do Mal. Por exemplo, o caso do padre Pio, que segundo vários testemunhos era brutalmente espancado e agredido até fazer sangue pelo Demónio, era um caso de opressão. Existem em muitos graus diferentes, como também a possessão existe em muitos graus diferentes. De gravidade diferente. E também a libertação, obviamente, tem uma duração muito diferente, em função da natureza do caso. E então torna-se muito útil o apoio destas pessoas laicas, pertencentes a grupos de oração, que me acompanham neste meu ministério e me ajudam quer a rezar por estas pobres pessoas, quer a mantê-las seguras e quietas, para as ajudar.

Falando agora de opressões, podemos dizer que se manifestam essencialmente através de brincadeiras desagradáveis perpetradas pelo Demónio. Porque o inimigo pode fazer «brincadeiras» realmente pesadas, e faz muitas. E as pessoas que são alvo destas suas atenções particulares sofrem muito e também padecem de muitos transtornos. Nas suas casas há portas e janelas que se abrem e se fecham, electrodomésticos que se ligam

e desligam, e todas as instalações eléctricas são bastante afectadas... telefones que tocam e não há ninguém do outro lado do aparelho, televisores que se ligam sem que ninguém lhes toque e depois se apagam... Brincadeiras do Demónio! Eu chamo a isto transtornos. E são as formas mais ligeiras de opressão. Mas também as há maiores: há muitas pessoas que têm distúrbios físicos fortíssimos, que nenhum médico consegue diagnosticar, e muito menos curar.

AS MANCHAS NEGRAS

Um marido, com a mulher e um sobrinho, gerem um supermercado, com a ajuda de dois empregados. Pouco depois do início da actividade, ao entrar na loja, todos eles sentem uma insistente dor de cabeça, depois formam-se nos seus braços manchas negras, que em seguida se tornam vermelhas e muito dolorosas e se estendem ao pescoço, às pernas, um pouco por todo o corpo. Constantemente, quase à vez, avaria um instrumento de trabalho: o frigorífico, a arca frigorífica, a caixa registadora com os recibos... Muitas vezes os produtos da loja são mudados de sítio por mãos invisíveis. As portas de entrada bloqueiam ou abrem sozinhas. Em suma, há sempre alguma coisa que não funciona. Mas quando chega o técnico, não aparece nenhum defeito. Quando o técnico se vai embora, recomeçam imediatamente os problemas.

Assim que me chamaram, prometi benzer o espaço, mas primeiro pedi para prepararem o espírito com uma boa confissão, e para se empenharem num caminho de fé. Depois tratei de exorcizar todas as pessoas ali presentes e o próprio estabelecimento, e de fazer uma oração para desfazer qualquer bruxedo ou malefício. Também dispus, enquanto rezava, vários copos de água benta e sal exorcizado em vários pontos da loja. Ao fim de apenas um dia, o sal de cinco dos copos foi lançado ao chão; em outros três sítios, pelo contrário, não aconteceu nada.

Os cinco intervenientes repararam, todos eles, que uma mulher — que tinha feito tudo para impedir a abertura do estabelecimento e que morava num apartamento do mesmo edifício, no andar superior — entrava e saía sem comprar nada, parando sempre diante do sítio onde estavam escondidos os copos dos quais tinha saído o sal: parecia tentar descobrir alguma coisa. O sal exorcizado foi espalhado um pouco por todo o lado;

rezaram muito, repetiram as renúncias a Satanás, as orações contra os malefícios, a renovação dos votos baptismais. Colocaram, bem à vista, uma imagem de Jesus Misericordioso e adquiriram também o hábito, todas as manhãs, de rezar uma oração antes de iniciar o trabalho.

Também a mim uma vez me apareceu no braço, ao entrar no estabelecimento, uma mancha negra, que depois ficou vermelha, muito dolorosa, mas sarou imediatamente ao ungir o braço com óleo exorcizado.

Ao fim de apenas quatro exorcismos (mas muitas orações!) todos os transtornos causados às pessoas e às coisas cessaram, aquela mulher nunca mais apareceu e agora trabalha-se em paz.

UM CASO DE OPRESSÃO SATÂNICA

Dê-me um exemplo, de entre os muitos casos que teve oportunidade de acompanhar, de opressão diabólica...

Por exemplo, lembro-me de um caso em que, sem motivo aparente, a pessoa tinha uma dor de cabeça contínua, e noutra caso a pessoa tinha uma dor de estômago persistente, e a pessoa atingida não conseguia fazer nada, nem sequer dormir de noite... Muitas vezes fazem-se análises e exames, e não se encontra nada.

Recordo em particular que exorcizei uma rapariga de dezassete anos que tinha sido internada em várias clínicas psiquiátricas da Europa, e ninguém sabia o que ela tinha.

A pobrezinha sofria na sua mente; não conseguia raciocinar, já não era capaz de estudar, e nem falar em concentrar-se! E depois blasfemava, rezar estava fora de questão, e muito menos ir à igreja! E também sofria muito porque tinha dores por todo o corpo, não justificáveis fisicamente. Repito: várias clínicas na Europa não lhe encontraram nada. E eu tenho muitos casos de pessoas que consultaram diversas clínicas em Itália e têm inúmeros relatórios médicos, e não há nada, absolutamente nada, que possa justificar o mal-estar do ponto de vista da medicina. Mas estas pessoas sofrem terrivelmente.

Portanto, esta rapariga de dezassete anos chegou um dia aqui, ao meu gabinete. Ora, com o exorcismo vê-se perfeitamente se há ou não há um mal provocado pelo Demónio. Porque ao fim e ao cabo é disto que se trata: ou da presença directa do Demónio, ou de um mal causado pelo Demónio. Os primeiros exorcismos são, por isso, diagnósticos; e eu considero que só com o exorcismo se chega à certeza de haver ou não haver a presença do Demónio. Tive também vários casos de pessoas que

me foram enviadas por psiquiatras. «Tente o senhor», era esta a mensagem dos médicos, «ver se consegue entender alguma coisa...» E depois do exorcismo, eu digo: aqui trata-se de um mal que a ciência ainda não conseguiu identificar e, por conseguinte, curar. Ou então trata-se de uma doença de outro género, diabólico, precisamente.

São muitos os casos de pessoas que vieram ter comigo depois de terem ido ao médico; aliás, eu próprio estabeleci como prática que uma pessoa não pode vir ter comigo se não me trazer um diagnóstico médico que demonstre que se submeteu a cuidadosas consultas de especialidade. Porque se uma pessoa tem uma doença, a primeira coisa que deve fazer é ir ao médico.

Voltando ao caso da rapariga de quem estava a falar há pouco, devo dizer que, quanto a mim, se tratava de uma opressão, portanto de um caso mais «ligeiro» em relação a uma possessão propriamente dita, mas no entanto era uma opressão muito forte — porque também as há fracas. Mas ela sofria de uma opressão fortíssima, que lhe atacava todo o corpo e, sobretudo, a mente.

Para a libertação, que mais tarde aconteceu, foi preciso muito tempo. Quanto mais tempo o Demónio permanece num lugar, mais afunda as suas raízes. Por isso, no primeiro exorcismo pede-se ao Senhor — eu uso o Ritual antigo, o novo já o desmontei e critiquei, com excepção da primeira parte, que é muito bonita, e muito bem construída — ajuda para erradicar a presença do Demónio. Mas há casos de infestação, por exemplo, que chegam a bom termo num espaço de tempo relativamente curto...

HÓSPEDES DESAGRADÁVEIS E INDESEJÁVEIS...

*F*ale-me então sobre as infestações, que são o nível mais baixo da acção extraordinária do Demónio, seguidas — já o dissemos — pelas opressões e depois pelas terríveis possessões.

Para falar das infestações, devo reportar-me às várias experiências de presenças demoníacas nas casas. Vou referir dois casos em particular.

Primeiro caso. Fui convidado para ir a uma casa habitada por um jovem casal, que tinha uma menina com um ano. Durante a noite ouviam-se ruídos no armário, pancadas nas persianas, nos aquecedores e nos electrodomésticos. Mas aquilo que mais os assustava era a própria menina: todas as noites, à mesma hora, acordava em sobressalto e começava a chorar. Para além disso, a pequena era mais franzina do que o normal, e ainda não tinha começado a falar.

Os pais rezavam e iam regularmente à missa. Intrigado com uma frase sua, pedi informações sobre os familiares, e disseram-me que sempre que as duas tias davam uma prenda à sobrinha os ruídos aumentavam. Eram ambas cartomantes. Intervim por diversas vezes, porque via a pequena cada vez mais deprimida: não dormia, comia pouco e passava grande parte da noite a chorar e a esconder-se debaixo dos cobertores. Quando eu abençoava a casa os ruídos paravam, mas só durante um ou dois dias. Decidi então celebrar uma missa na casa, na presença de umas freiras vizinhas da família e de alguns membros de grupos de oração. Depois da missa, aspergi ainda toda a casa com água benta, ordenando ao Demónio, em nome de Deus, que abandonasse para sempre aquele lugar. A partir daquele dia desapareceram todos os ruídos, a menina recuperou e tudo voltou à normalidade.

Segundo caso. Tinha morrido há cerca de um ano um homem que vivia longe de Deus e que não era amado por ninguém, devido à sua maldade. Já antes naquela casa se tinham verificado casos estranhos: objectos de ouro que, à frente da fotografia daquele homem, se tornavam brancos, ornamentos que desapareciam. Fui chamado pela mulher e pelas filhas. Conhecia o defunto e achava que tinha necessidade de ajuda espiritual. Mande celebrar várias missas. Após alguns dias de paz, os acontecimentos estranhos recomeçavam, mas pior do que antes.

Uma das filhas era casada e tinha uma menina de dois anos e meio; todas as noites, à mesma hora, a pequena acordava sobressaltada e começava a gritar. A pedido delas, abençoei a casa por diversas vezes; mas a tranquilidade durava apenas poucos dias. Decidi celebrar uma santa missa à noite, e convidei também parentes e vizinhos. Primeiro rezámos um rosário; durante a oração, a pequena demonstrava um nervosismo como nunca tinha demonstrado no passado, a saltar na cama e importunando os presentes; sobretudo, implicava com as contas do rosário. Depois perturbou também o início da missa. Durante o Evangelho — escolhi uma passagem em que Jesus expulsava um Demónio — a pequena ficou quieta, em pé, e não se mexeu mais. Terminada a consagração da Eucaristia, a menina gritou: «Mãe, aquela coisa atirou-se da janela abaixo!» Isto era o sinal da libertação da presença demoníaca que infestava aquela casa. Assim, finalmente, a paz foi restabelecida.

UM HOMICÍDIO QUE NUNCA FOI DESCOBERTO?

Um outro caso de infestação é relatado no testemunho seguinte. Marido e mulher, com uma filha, tomam conta de um grande palacete e vivem numa casa construída ao lado da dos patrões. Há catorze anos, ou seja, desde que têm aquele trabalho e moram naquela casa, sofrem de tudo. Note-se também que, junto ao palacete, havia um antigo castelo agora em ruínas, e do qual ficou de pé apenas uma torre. Eu diria que ocorreram conjuntamente todos os factos que se verificam nos casos de infestações, mas não nestas proporções. Além disso, os distúrbios afectam as três pessoas que tomam conta da casa, a própria casa e os animais. Segue-se a lista. A luz, a televisão, o rádio e os electrodomésticos ligam-se e desligam-se sozinhos, nos momentos mais imprevisíveis. As torneiras abrem-se e fecham-se sem que ninguém lhes toque; os quadros soltam-se das paredes e voam até ao outro lado da sala, sem que as molduras e os vidros se quebrem nunca; os móveis viram-se de pernas para o ar ou mexem-se. Acrescento: ouvem-se pancadas fortíssimas de noite, que acordam a família aturdida; passos ruidosos, como de soldados a marchar; água que sai da parede divisória, onde não há tubos que atravessem a parede, entre a cozinha e a sala de jantar, inundando os dois compartimentos; estranhas figuras de rostos que se formam nos vidros das janelas; portas e janelas que se abrem e se fecham ruidosamente sem que ninguém lhes toque...

Tanto o casal como a filha são bons cristãos, com muita fé e espírito de oração; são pessoas de bom senso, são de espírito, absolutamente credíveis em relação ao que afirmam sentir. Apercebem-se também muitas vezes de presenças perturbadoras. E não se trata de perturbações pequenas! A mulher foi várias vezes atirada da cama abaixo; o marido sentiu várias

vezes que lhe estavam a bater. A rapariga, ao sair pela porta do seu quarto para descer ao rés-do-chão, sentiu que era levantada no ar e depois atirada pelas escadas abaixo, com um empurrão; ficou toda pisada. Tinham trinta galinhas, saudáveis, produtivas; um dia, de repente, encontraram-nas a todas com as pernas tortas, mancadas, sem conseguirem segurar-se em pé e a arrastarem-se porque não conseguiam andar; mas ainda conseguiam comer. O gato da casa, dócil e meigo, ficou alterado de repente e começou a saltar para cima dos donos para os morder e arranhar. Muitas vezes a mulher sente-se como que amarrada, parece-lhe que vai sufocar e não se consegue mexer. Poderia ainda acrescentar muitas outras coisas estranhas. Estes fenómenos ocorrem tanto em casa deles como no palacete dos patrões.

Foi feito o exorcismo em ambos os edifícios. Note-se que o proprietário, pintor amador, pintou quadros de terror, cheios de esqueletos, diabos e seres encapuçados.

Aconteceu-me também um outro caso particular. Três dias depois de ter feito o exorcismo aos dois edifícios, no momento em que me encontrava a noventa quilómetros de distância daquele lugar e estava a exorcizar uma pessoa possuída, uma jovem, o Demónio falou através dessa rapariga e disse: «Anda, podes ir dar uma volta para me expulsares; de qualquer maneira aquele (um defunto?) não se vai embora; mataram-no para lhe roubarem a herança.» E começou a rir e a desdenhar. Quando a rapariga voltou a si, sentiu a necessidade de desenhar um esboço de alguém que lhe tinha aparecido durante o exorcismo. Desenhou o rosto de um velho com barba. Quando mostrei aquele esboço aos caseiros do palacete, os três reconheceram o rosto de um velho que tinha aparecido no vidro da sua casa. Note-se que nunca conheceram nem se encontraram com a rapariga que eu estava a exorcizar.

Perguntamo-nos: poderá uma alma penada, de um avarento, depois de ter sido morto para lhe tirarem a herança, incomodar assim tanto, e durante tanto tempo, para conseguir ajuda e ser libertada?

Em relação a este caso específico, que ainda não se resolveu, estou confiante, ainda assim, porque já me deparei um caso semelhante noutra localidade da mesma província. Uma casa era muito perturbada por ruídos inexplicáveis e factos estranhos. Indagando, veio a saber-se que tinha sido construída num terreno onde foram mortos e sepultados cinco soldados zuavos. Foram celebradas dez missas em memória daqueles soldados e fez-se um exorcismo à casa. Os problemas acabaram imediatamente, e espero que para sempre.

ANTIGAMENTE, EU NÃO ME PREOCUPAVA MUITO COM O DEMÓNIO!

D. Gabriele, voltemos agora à sua experiência pessoal. Antes de receber este encargo do cardeal Poletti, o que pensava do Demónio?

Para dizer a verdade, não me preocupava muito com isso. Sim, sabia que existia, e acreditava no Evangelho. Sou de Modena, mas nunca tinha ouvido falar da existência de exorcistas... De resto, naqueles tempos, muitos sacerdotes praticamente nunca falavam destas coisas, isto é, do Demónio, das possessões e dos exorcismos.

Eu fui ordenado sacerdote em 1954, ano mariano, o centenário do dogma da Imaculada Conceição. Passaram-se mais de cinquenta anos. Mas, naquele tempo como hoje, continua a ser importantíssima a instrução que deveria ser dada a quem se prepara para ser sacerdote, precisamente no que diz respeito ao Diabo e ao ministério do exorcismo. E isto vale tanto mais hoje porque muitos jovens já não vão à igreja, e se dedicam antes a sessões espíritas, procuram bruxos, cartomantes, e assim por diante. Por isso, acho que é muito importante informá-los para os manter afastados desses perigos. E devem ser os sacerdotes bem preparados a informá-los. No entanto, grande parte do clero sabe muito pouco sobre estes temas...

A primeira vez que me encontrei diante de um caso evidente de possessão diabólica, compreendi que a realidade da acção satânica e da oração de exorcismo não pertence apenas ao passado, não se pode confinar ao passado ou apenas ao tempo de Jesus, mas pertence também ao nosso presente: Satanás actua também hoje, mais do que nunca, tentando conduzir o maior número possível de almas à morte eterna.

Desde o início do meu ministério, compreendi que há duas categorias opostas de pessoas possuídas: as que o são por causa dos seus erros, e as

que o são por causa do seu amor a Deus. Posso confirmar isto baseando-me nas Escrituras e na Tradição.

Recordo em seguida um caso que me tocou muito. Um excelente seminarista deixou o seminário ao fim de dois anos e perdeu a vocação, porque eu não o exorcizei; trata-se de uma história muito delicada, e até dolorosa, razão pela qual não me detenho nos pormenores. Mas posso dizer que, para mim, foi um grande choque revelador, que me fez entender que eu deveria ter feito tudo para contrariar a acção do Demónio, sobretudo quando ela pretendia atingir os consagrados: durante os dez anos seguintes salvei com o exorcismo muitas vocações de seminaristas, de sacerdotes e de religiosos e religiosas...

DOIS CASOS DE POSSESSÃO

Vêm-me à memória dois casos em particular de ataques diabólicos a pessoas consagradas ou a fiéis ligados a consagrados. Vou referir os testemunhos prestados pelos sacerdotes neles envolvidos.

«Estava a rezar num retiro de uma congregação de religiosas, quando a madre superiora me chamou para que eu me ocupasse de um membro da comunidade que parecia estigmatizada. Apresentava problemas de comportamento de tal maneira graves que a rotina da congregação estava desorientada com isso. Usava uma linguagem imprópria para uma freira e que obviamente não correspondia àquilo que seria de esperar de alguém que realmente participasse nos sofrimentos de Cristo.

Depois de ter rezado e reflectido durante muito tempo, decidi rezar pela sua libertação. Foi finalmente libertada da opressão diabólica: o seu comportamento e a sua linguagem mudaram imediatamente, as chagas que apresentava desapareceram. Não tinha de facto a graça dos sofrimentos da Paixão, mas sim os sofrimentos causados pelo Demónio...»

«Em Mumbai, um sacerdote veio ter comigo, na companhia da mãe, para me pedir um conselho relativamente ao seu irmão. Esse irmão tinha trinta e quatro anos e fizera os estudos universitários nos Estados Unidos. Ali tivera contacto com um novo movimento religioso; ao fim de algum tempo aceitou participar nos seus seminários; a pouco e pouco, entrou totalmente naquela seita.

Progredia na hierarquia interna do grupo e deveria casar-se com uma mulher que desempenhava um papel importante naquela seita. De facto, ele tinha declarado que queria casar-se com outra mulher; mas esta, no dia do casamento, foi linchada pelos membros daquele movimento. Este facto

destruiu-o física e psicologicamente. Felizmente, os pais deslocaram-se aos Estados Unidos, preocupados porque o filho queria casar-se fora da sua fé e da comunidade católica. Levaram-no de novo para a Índia, mas encontraram-se perante a exigência de uma grande soma, para um resgate. Para poderem pagar, um dos irmãos teria de vender todos os seus bens. Enquanto isso, toda a família vivia no terror, temendo que os membros daquele movimento, que não recuava sequer perante um homicídio, os pudesse atacar.

Quando fui chamado para ver aquele jovem, encontrei-o num estado deplorável: nunca saía do seu quarto, não se lavava, não cortava as unhas, não comia com os familiares. O seu quarto estava completamente imundo e ele conversava com pessoas invisíveis.

O irmão sacerdote pensava que seria necessário um tratamento psiquiátrico, mas primeiro quis o meu conselho. Eu fui a sua casa, juntamente com um grupo de oração. Uns minutos antes de chegarmos, o jovem fechou-se à chave no quarto, apesar de ninguém o ter prevenido da minha chegada. Como não conseguíamos convencer aquela pobre vítima a abrir-nos a porta, decidimos rezar juntamente com a família e, seguindo uma inspiração, fiz uma oração de libertação diante da porta fechada. Na oração incluí também uma súplica a Deus pela libertação do fundador daquele movimento, citando o seu nome.

Aparentemente, naquele dia não aconteceu nada. Mas no dia seguinte os pais telefonaram-me, felizes: o filho tinha finalmente saído do quarto e tinha andado por toda a casa, até em cima do telhado, à procura do fundador daquele movimento (que, de resto, já tinha morrido). Como não o encontrou, decidiu lavar-se, cortar as unhas e os cabelos, voltar ao seu aspecto normal e, pela primeira vez ao fim de vários meses, voltou a comer com a família. Aceitou até ir para Goa durante um período de convalescença. Ainda hoje ali vive e arranjou trabalho, levando agora uma vida normal e tranquila.»

UM SACERDOTE ENFEITIÇADO!

Eu tinha sido convidado para um encontro entre universitários de alto gabarito. Falava-se de magia e de feitiçaria, com um fim informativo e científico. Intervieram especialistas de várias partes da Europa. Quanto a mim, fui convidado para falar da magia no nosso tempo. Depois da minha conferência, um homem que estava presente veio ter comigo e confiou-me o seu sofrimento. Vou contar como.

«Aquilo que o senhor explicou corresponde exactamente àquilo que eu estou a viver. Sou sacerdote e vou contar o que me aconteceu. Estava em missão numa grande cidade africana. Tinha edificado algumas casas, com a intenção de construir uma cidade para crianças; servi-me de uma equipa de operários do local. Tive a sorte de receber uma grande doação, por parte de uma organização internacional. Com o dinheiro recebido, contratei uma segunda equipa de operários, que fui chamar a outra tribo.

Quando o trabalho acabou, um dos operários da segunda equipa disse-me: ‘Padre, não durma nestas casas; vai ver, vai sentir-se mal. Olhe!’ Levantou um azulejo do chão e mostrou-me uns elementos estranhos, uns feitiços. Descolou o papel de parede e mostrou-me mais objectos estranhos. E acrescentou: ‘Padre, são elementos consagrados ao Demónio; foram aqui colocados pela outra equipa de operários. Estão furibundos connosco porque somos de outra tribo e porque o senhor nos contratou para trabalhar. São vingativos e querem matá-lo.’ Eu, como bom europeu racional, não levei a sério o aviso; por dentro, sorria destas crendices.

Na noite seguinte dormi naquela casa; ou melhor, não dormi rigorosamente nada. Estava atormentado com toda a espécie de imagens e de ideias tolas, de tal maneira que me era impossível dormir. Ao fim de algumas noites de insónia, estava torturado pelo desejo de me suicidar.

Levaram-me para o hospital. Conseguiram impedir que me suicidasse; em contrapartida, todas as análises estavam bem e os testes psicológicos declaravam-me perfeitamente são. Tiveram de me repatriar. Durante anos, em França, vagueei entre clínicas e hospitais, sem resultado. Fui acolhido numa casa para sacerdotes doentes, onde não me diagnosticaram nenhuma doença. Agora moro numa casa para sacerdotes idosos e enfermos. Reconheço-me nos sinais que o senhor mencionou.»

Apesar de estar muito cansado, fiz-lhe uma longa oração de libertação. Ele agitava-se muito, mas rezava com todas as suas forças. Naquela noite não consegui libertá-lo. Mas recomeçámos no dia seguinte; durou muito tempo, mas finalmente libertou-se: saiu da casa de sacerdotes idosos e enfermos e, com a força da sua juventude reencontrada, partiu novamente para a sua missão em África. Escreve-me de vez em quando; há quatro anos que está em plena actividade apostólica. A sua libertação foi definitiva. Não foi necessária nenhuma intervenção posterior.

UMA VOCAÇÃO SALVA

Aqui está o testemunho de uma «vítima»...

«Escrevo por obediência, porque me foi pedido; mas acredito também que isto possa ajudar os outros a compreender e a agir de forma correcta. Os primeiros sintomas que me deixaram interditado surgiram uma noite, quando me deitei, depois de apagar a luz: um súbito terror, uma agitação febril dos sentidos, tremores. A minha reacção foi a de mergulhar no mais profundo de mim mesmo à procura de Deus, rezando à Virgem Santa. Levei muito tempo antes de relacionar tudo isto com os ataques que sofria contra o sexto mandamento. Depois, continuamente, com a repetição destes fenómenos no momento de me deitar, fui sendo tentado durante a noite. O sacramento do perdão dá-me a força; de outra forma não poderia resistir às tentações contra o sexto mandamento que, uma vez iniciadas, se mantêm com força, apesar das orações.

O segundo sintoma consistiu em tremores que surgiam no início das orações em comum, durante o ofício da manhã, ou tentações de desespero e de suicídio. O meu padre espiritual disse-me que isto faz parte da luta espiritual; mas quem me deu uma verdadeira ajuda foi o padre exorcista que me ajuda, até mesmo só pelo telefone. Passei um período em que tinha muita dificuldade em estudar, e dificuldade também em comer. Durante um ofício na capela senti odores fétidos e tive a impressão de que a água benta que conservo na garrafa tinha apodrecido; mas no dia seguinte ela estava normal e já não cheirava mal.

Uma violenta tentação contra o sexto mandamento fez-me repetir: ‘Antes morrer que ceder.’ Ajudou um pouco recitar o exorcismo de Leão XIII, mas ainda mais em receber pelo telefone o exorcismo do padre exorcista. No domingo seguinte regressaram os mesmos sintomas: liguei ao padre

exorcista que, pelo telefone, me libertou. Isto repetiu-se três vezes no mesmo dia. Antes do exorcismo parecia-me que ia ficar louco e sofri fortes tentações contra a vocação; mas o exorcismo ajudou-me a superá-las.

Em Agosto voltaram os mesmos sintomas: cansaço extremo, enxaquecas, a sensação de estar a ficar louco, tristeza, etc. O padre exorcizou-me pessoalmente. A partir das primeiras palavras comecei a bater com os pés no chão. O Demónio falou pela minha boca; eu, assim que podia, rezava interiormente, invocando o nome de Jesus. Tinha medo da água benta e a custódia com a hóstia queimava-me quando me tocavam com ela. Tive movimentos incontrolláveis. Mas depois do grande exorcismo todo o mal desapareceu e voltou a paz. Ainda tive ataques mais uma vez, mas bastou o exorcismo à distância para os repelir.

Concluo dizendo que para mim foi muito importante descobrir a existência do Demónio; a partir daquele momento, iniciei a verdadeira luta contra ele e percebi que não era louco. Mas sem a intervenção do exorcista não o teria conseguido e a minha vocação teria sido destruída. Também me senti muito ligado, e continuo a estar, à Paixão de Cristo.»

AS FORÇAS DO INIMIGO: AS SEITAS SATÂNICAS

D. Gabriele, o senhor iniciou esta batalha há mais de vinte anos. Durante todo este tempo, as forças do inimigo cresceram ou diminuíram?

Sabe, as forças do inimigo foram sempre idênticas, porque o Demónio tem sempre a mesma força. O que aumentou enormemente foi um outro elemento: ou seja, abriram-se-lhe as portas. Noutros tempos não se praticava o ocultismo como agora. E eu, sob o nome de ocultismo, incluo a magia, as sessões espíritas, as seitas satânicas... incluo tudo isso. A situação era diferente quando se ia à igreja, quando se rezava, quando as famílias eram unidas... Está a ver o que é agora a sociedade? Os jovens vivem juntos, não querem saber nem do casamento civil... veja os homossexuais, que pedem o reconhecimento do casamento entre eles, e até pedem para poder adoptar crianças! Chegámos a alguns absurdos que, quando eu era pequeno, eram completamente impensáveis!

Tudo isto — magia, ocultismo, espiritismo — contribui para abrir as portas. E, uma vez abertas as portas, o Demónio tem o caminho livre. A questão não é estar mais forte, é poder usar livremente a sua força. Lembre-se de quantos casos nós temos de pessoas que se consagram a Satanás!

São imensos. Cada vez tenho queimado mais daqueles panfletos onde se pode ler: SATANÁS, TU ÉS O MEU DEUS, QUERO A SATANÁS, QUERO ESTAR SEMPRE CONTIGO, VENERO-TE, ADORO-TE... E depois DÁ-ME, DÁ-ME, DÁ-ME. Dá-me riquezas, dá-me prazeres, dá-me sucesso, e o Demónio dá; mas fica com a alma, em troca. E não há possessão, porque naqueles casos o Diabo já possui a alma, uma vez que aquelas pessoas já decidiram entregar-lha. É preciso ter presente que o Demónio, só por si, não chega à alma: pode

provocar perturbações físicas, mas não chega à alma. Só chega à alma quando é a pessoa que lha dá e que o permite apoderar-se dela.

Estes panfletos de que eu estava a falar foram-me trazidos pelas próprias pessoas que se tinham consagrado a Satanás, mas que depois se tinham assustado, porque é muito difícil sair das seitas! Imagine que há testemunhos segundo os quais, na América, quem sai de uma seita satânica pode ser morto. E por isso até os próprios membros têm medo.

E em Itália?

Em Itália não conheço casos mortais. Mas, tanto quanto se sabe, as pessoas que saem das seitas são perseguidas, isso sim, e vivem com medo. Vivem de uma forma muito prudente, cheias de receios em relação aos ex-companheiros de seita. Aqui em Itália as seitas são muito numerosas: diz-se que são mais de oitocentas, e se calhar mais ainda; mas em geral são bastante pequenas, quanto ao número de membros: ou seja, quinze a vinte pessoas, no máximo. Por vezes, à volta de dez pessoas. E, por conseguinte, quem sai só deve ter medo de um número limitado de pessoas, razão pela qual se pode dizer que se trata de uma situação bastante circunscrita, controlável.

É preciso dizer que nem todas as seitas são iguais. Algumas são puro folclore, ou perfeitas palhaçadas. Mas outras são verdadeiras, e terríveis. E também fazem missas satânicas.

POSSUÍDO DESDE A INFÂNCIA

Este é o caso de um rapaz que, na primeira infância, foi confiado à custódia da avó paterna, e ao que parece esta entregou-o aos espíritos malignos. Com cinco anos fez a primeira comunhão e começou a frequentar a igreja paroquial como menino de coro e como acólito de confiança do pároco. Continuou assim até aos treze ou catorze anos. Na segunda-feira de Páscoa, o rapaz tem a visão de uma cruz luminosa; há uma voz que lhe diz: «Vais sofrer muito.» A partir daí apresenta fenómenos estranhos no corpo: flagelação, arranhões nas costas, sinais iconográficos nas mãos e nos pés. Seguem-se aparições de Jesus e de Nossa Senhora.

O lacrimar de um quadro do Sagrado Coração chama a atenção de muita gente que se junta à volta dele. O fenómeno torna-se do domínio público, os jornais locais falam sobre o assunto, intervém até a Cúria Episcopal. Institui-se um processo regular de inquérito sobre factos extraordinários; mas rapidamente tudo é arquivado porque surgem — ao que parece — sinais de pouca credibilidade. Mas os fenómenos de lacrimação sanguínea dos quadros continuam, e o jovem mantém-se no centro das atenções de um círculo de amigos. No ano seguinte, o cenário dos fenómenos assume novos contornos. O rapaz encontra-se com um pseudocarismático, que faz orações sobre ele. O jovem tem levitações e as pessoas que vão ter com ele caem por vezes, durante as orações, numa forma de repouso do espírito. O jovem afasta-se da frequência dos sacramentos; rompe qualquer relação com o pseudocarismático.

Um dia, não me recordo da data com exactidão, uns amigos trazem o jovem até mim para uma opinião sobre a origem daqueles fenómenos extraordinários e para um conselho sobre o comportamento a adoptar. O

rapaz apareceu sorridente, ingénuo, limpo, sereno, tranquilo. Narra-me os fenómenos de lacrimação dos quadros e mostra-me o quadro do Sagrado Coração, que extrai da custódia e que expõe à vista das pessoas quando começa as orações. O quadro apresenta sinais visíveis de lacrimações de sangue coagulado no vidro. Pergunto a alguns amigos o parecer da Cúria Episcopal: respondem-me que esta tem algumas reservas sobre a origem sobrenatural dos fenómenos. Peço ao rapaz para não dar muita importância àqueles factos, para não expor o quadro, para não rezar em público, para usar de prudência e esperar que o Senhor manifestasse a sua vontade relativamente ao assunto.

No ano seguinte entram em cena o pároco e o vice-pároco de uma paróquia vizinha, aos quais o pai do rapaz se tinha dirigido para pedir ajuda, dado que o filho não estava bem e o seu pároco não o ajudava. Os dois sacerdotes tomam conta do jovem e fazem-lhe orações de libertação, porque parece perturbado pelo Demónio. Até que um belo dia o trazem até mim, convencidos de que necessitava de exorcismos.

Fiz-lhe cinco exorcismos, a partir de Dezembro daquele ano.

Primeiro exorcismo. Estão presentes os dois sacerdotes que acompanham o rapaz, juntamente com outras pessoas que vieram com eles. Há também um pequeno grupo de carismáticos. No início da conversa, o rosto do jovem está sereno; ao fim de alguns minutos, alguns arrotos e sinais de mal-estar. Diz-me que os fenómenos estranhos começaram a surgir-lhe desde a primeira infância, alguns anos antes da primeira comunhão (recebida quando tinha apenas cinco anos). A hóstia tinha quase sempre um sabor a «sangue podre». Durante a consagração, na missa, surgiam-lhe palavras de blasfémia e durante a comunhão via imagens impuras. Os fenómenos estranhos começaram aos treze anos: levitação, chagas, sinais iconográficos no corpo, estátuas que se partiam e derramavam sangue, esticadelas no corpo, paralisias, visões, pétalas e botões de rosa que lhe saíam da boca. Avanço cautelosamente com um exorcismo de exploração. O jovem cai ao chão, rebola, dá pontapés violentos, range os dentes, cospe em cima de mim, tenta agredir-me, tem a voz rouca e os olhos vermelhos,

cheios de ódio. Continuo o exorcismo com frases imperativas. A água benta queima-o. Quatro pessoas mantêm-no seguro no chão com alguma dificuldade. As reacções tornam-se ainda mais violentas quando se nomeia a Virgem de um santuário mariano local. Ao fim de um quarto de hora, chega alguma tranquilidade. Na fase de recuperação, o paciente, de repente, desencadeia um novo ataque, agredindo de surpresa; é controlado com facilidade. Agora consegue rezar com o exorcista, mas está muito cansado. Quando o saúdo mostra-se contente, mas ainda dá alguns arrotos.

Segundo exorcismo. Estão presentes as mesmas pessoas da primeira vez, e repetem-se os mesmos fenómenos. Um pontapé repentino atinge-me uma perna.

Terceiro exorcismo, em Fevereiro do ano seguinte. O pároco que o acompanha traz-me seis ou sete quadros de vários tamanhos que representam o Sagrado Coração e a Nossa Senhora. Estão horrivelmente desfigurados e cheios de sangue coagulado, durante as lacrimações. Mando fechá-los nas custódias e pô-los de lado, longe da vista dos curiosos. Durante o exorcismo, as reacções são menos violentas do que nas vezes anteriores, mas o paciente continua muito perigoso e são precisos homens fortes para segurar o possesso. Facto novo: fala em várias línguas.

Quarto exorcismo, em Março do mesmo ano, na presença de cerca de quinze sacerdotes, convocados para o curso pastoral de Demonologia. O Demónio manifesta-se e diz: «É meu, há já bastante tempo que me pertence; é inútil fazer qualquer exorcismo. Está ligado a mim.» As reacções são menos violentas. A recuperação verifica-se ao fim de menos tempo. O rapaz não se lembra de nada do que aconteceu; sente apenas como que um anel a apertar-lhe o tornozelo.

Quinto exorcismo, no mês de Maio. Estão presentes quase todos os sacerdotes e alguns laicos que frequentam o curso de Demonologia. As reacções do rapaz são ainda menos violentas. Tenho uma conversa com o Demónio, que afirma que o rapaz é seu desde a infância e que não o vai deixar.

Pedi um relatório sucinto ao pároco que acompanha o jovem. Aqui está: «O abaixo-assinado é testemunha ocular de muitos fenómenos. Fui chamado à sua cabeceira para ele comungar: contorcia-se, cheio de dores, tinha arranhões nas costas; comungou. Em seguida fui chamado devido a uns barulhos nocturnos junto da casa de um amigo seu. Vi uma porta despedaçar-se e o quarto em desordem. O rapaz não quer ninguém no seu quarto; quando tudo acaba, está exausto e esgotado debaixo da cama. Nesta casa passámos seis noites terríveis e mais três noutra casa, em fins de Julho. Nessa casa mora uma senhora que tem distúrbios de possessão.

Os fenómenos deste período são: objectos que voam, destruição de móveis, arranhões nas paredes, um odor acre a enxofre. O jovem sofre de atracção do corpo, como se fosse empurrado por uma força invisível. Os amigos têm de o segurar na cama com força. Há uma conflitualidade de diálogo entre ele e a presença invisível. Ele diz: ‘Não, não quero, nunca mais o farei; vai-te embora, Satanás.’ Vi homenagens florais: pétalas e botões de rosa saem da sua boca; no seu corpo aparecem sinais iconográficos, como o monograma da hóstia (IHS) e o vulto do rosto de um homem na parte superior do corpo...

A vida cristã é esporádica e não me convence o seu comportamento... Agora, depois do primeiro encontro com o exorcista e com as orações de libertação, parece que as reacções se atenuaram. Continuam os distúrbios nocturnos, arrepios de frio, sensações de que qualquer coisa de viscoso o envolve e lhe diz: ‘És nosso.’»

UMA BRUXA LIBERTADA

Estava no escritório quando entraram duas mulheres: a primeira conhecia-a bem, mas a outra nunca a tinha visto. A que eu conhecia disse-me: «Padre, esta mulher precisa de si.» Dirigi-me à recém-chegada e perguntei-lhe por que motivo viera ter comigo. Eu olhava para a cara dela: fazia sinais estranhos com os olhos e com as mãos. Já me tinha ocorrido quem pudesse ser, e disse-lhe: «Minha senhora, de quem tem medo? Aqui não está o Demónio, aqui está Cristo nosso Senhor.» E pus-lhe à frente dos olhos o crucifixo que tenho em cima da secretária.

Naquele momento a agitação da mulher tornou-se mais forte, mas eu estava preparado para o pior e gritei-lhe: «Mas tu és uma bruxa! O que queres tu de Deus?» Primeiro ficou surpreendida, e depois disse-me: «Quero ser libertada do Demónio porque o meu marido está a morrer.» Respondi-lhe num tom peremptório: «De que é que o teu homem está a morrer? Se calhar fizeste-lhe um feitiço, ou enviaste-lhe uma maldição?» E ela, entre lágrimas, respondeu-me que lhe tinha gritado, com maldade: «Havias de apanhar uma gangrena!» Aquela maldição atingira-o em cheio e o homem estava a morrer no hospital, nos cuidados intensivos.

Com uma voz severa, disse-lhe: «Eu não sou um santo e não faço milagres; sou um exorcista que, com a ajuda e em nome de Deus, afugento os demónios. Mas não posso restituir a vida ao teu marido.» Nesse momento a mulher deu um salto tal que se pôs de joelhos em cima da secretária e esticou os braços com a intenção de me agarrar pelo pescoço. Eu estava preparado para aquela reacção do Demónio e tive tempo para gritar: «Satanás, em nome de Deus, pára!» Ela, com os olhos esbugalhados e a boca aberta, e apesar de ter ainda os braços estendidos em direcção ao meu pescoço, ficou imóvel: Deus tinha-me protegido.

Então gritei ao Demónio: «Em nome de Deus, Satanás, ordeno-te que fiques nessa posição.»

Fui à igreja, meti uma hóstia consagrada na custódia e pus a custódia ao peito. Quando regressei ao escritório paroquial a mulher ainda estava na posição em que eu a deixara. Ordenei-lhe que descesse da secretária, que se sentasse, e que não tentasse aproximar-se de mim mais do que aquela distância a que estava sentada. Com a hóstia consagrada sentia-me mais tranquilo, e com uma voz decidida disse-lhe: «Em vez de chorares pelo teu marido, devias chorar por todas as pessoas a quem em vinte anos de carreira fizeste mal.»

Ela, com uma voz cavernosa, gritou-me: «Se o meu marido morrer, vou fazer mal a toda a cidade.» Eu levantei-me de repente, agarrei-a pelos ombros e empurrei-a para fora do escritório e da igreja, gritando-lhe: «Com o ódio que tens no coração não és digna de estar aqui.» Então a mulher que a acompanhava disse-me: «Padre, o senhor trata toda a gente com simpatia e não manda embora os que estão possuídos pelo Demónio. Porque mandou aquela mulher embora com tão maus modos?» Eu respondi-lhe: «Nós, exorcistas, só podemos ajudar a libertarem-se da possessão demoníaca aqueles que o desejam. Mas quem tem ódio no coração não deseja ser libertado. E, para além disso, podes ter a certeza de que daqui a uma hora a bruxa vem cá outra vez.»

Com efeito, pouco depois ela voltou e eu disse-lhe que se ela queria que eu lhe fizesse o exorcismo devia demonstrar-me que pretendia ser libertada, trazendo-me tudo o que tinha de bruxarias. Às 15 horas voltei a abrir a igreja e vi que as duas mulheres lá estavam à minha espera; traziam dois grandes sacos de plástico a abarrotar. Aquilo que saiu daqueles sacos fez-me estremecer: para além de vários adereços, como tabuleiros para queimar incenso, havia velas vermelhas e pretas, pregos, alfinetes, limões, fotografias de onde recortar o retrato de uma pessoa; e depois dezenas e dezenas de feitiços já feitos. Havia também livros sobre magia, sobre bruxaria, sobre feitiços, sobre missas negras, sobre orgias satânicas e muitas outras coisas.

Depois de ter aspergido tudo muito bem com água benta, e depois de ter invocado Deus para que anulasse qualquer malefício, fechei tudo num armário para que ninguém pudesse encontrar aquilo. Em seguida convidei a bruxa a regressar à noite com quatro homens, quando a igreja estivesse fechada. Chegaram pontualmente. Eu tinha percebido que não era necessário consultar um psiquiatra, de tão evidente que era a presença demoníaca. Vesti os paramentos sagrados e comecei o exorcismo. Ordenei de imediato ao Demónio que não fizesse mal a nenhum dos presentes, que não se aproximasse de ninguém, que ficasse pelo menos a meio metro de distância de cada um. Depois iniciei o ritual. De vez em quando a bruxa punha-se de pé de um salto, berrava, blasfemava; eu fazia de conta que não a ouvia. Ela esticava as mãos à sua volta, mas não tocava em ninguém, de tal maneira que o Demónio gritou: «O que foi que puseram aqui à minha frente? Não consigo passar!»

O Demónio interrompia muitas vezes a oração; dizia que eles eram treze, enquanto que eu estava sozinho e nunca iria conseguir expulsá-los dali. Eu ordenava-lhe em nome de Deus que se calasse; perante esta ordem enfurecia-se, e uma vez gritou-me: «Mas o que foi que puseste entre ti e mim? Uma placa de vidro?» Por fim, disse-me: «Pára com isso! Ela não quer ser libertada; se assim não fosse tinha-te trazido tudo; mas no armário do quarto dela tem dois sacos de feitiços já feitos e prontos para serem enviados.» Naquele momento a mulher afirmou que estava cansada, que não conseguia aguentar mais. Aproveitei a ocasião para interromper o exorcismo, dizendo-lhe: «Com os demónios cansados eu não combato. Continuamos amanhã, mas com a condição de amanhã de manhã me trazeres os dois sacos de feitiços que, tanto quanto me disse o Demónio, tens escondidos no armário. Espero por ti amanhã às sete horas.»

No dia seguinte, às sete horas em ponto, estava em frente à porta da igreja com os dois sacos e disse-me, a chorar: «O meu marido está a morrer. Meteram-no no pulmão de aço.» Eu disse-lhe: «Agora vai ao hospital ter com o teu marido; mas é Deus que vai tratar dele. Voltas aqui logo à noite, às 20 horas, com os homens que te acompanharam ontem.»

Às 19 horas já estavam todos na igreja. Fechei as portas, vesti os paramentos e preparei-me para a luta. A bruxa não fazia outra coisa senão repetir-me que andasse depressa, porque os médicos tinham dado ao homem apenas mais uma hora de vida.

Rezei algumas orações, e depois retomei imediatamente o exorcismo imperativo. A certa altura, aos gritos, a mulher começou a vomitar; da sua boca saiu um grumo de terra castanho e saliva. Enquanto o aspergia com água benta, ia contando: «Este é o primeiro Demónio.» Continuava a rezar, a dar ordens e, um atrás do outro, saíram mais doze demónios. Então uma voz cavernosa gritou: «Eu sou Satanás; não vais conseguir expulsar-me.» Olhei para o relógio e vi que a meia-noite já tinha passado há cerca de dez minutos. Disse: «Já estamos na festa da Imaculada Conceição. Satanás, em nome de Maria Santíssima Imaculada, ordeno-te que saias desta mulher e que vás para onde Deus te mandou ir.» Repeti esta ordem uma dezena de vezes, até que a voz rouca do Demónio se fez ouvir de novo: «Chega desse nome. Não quero voltar a ouvi-lo!»

Respondi: «Demónio, esse nome vou repeti-lo toda a noite; se não me queres ouvir pronunciar o nome de Maria Santíssima Imaculada, Mãe de Jesus, sai desta mulher e vai-te embora.» Então a bruxa recomeçou a vomitar, e depois de um grito caiu ao chão, desmaiada. Estava finalmente livre de todos os demónios. Começámos a fazer uma limpeza, enquanto a bruxa dormia. Eu usava água benta, com muito álcool no balde; depois queimei uma folha e atirei-a para cima dos resíduos vomitados com a saída dos treze diabos. Só quando tudo ficou limpo ordenei à bruxa, que em nome de Deus, se levantasse. Levantou-se muito devagar, como se o Demónio a tivesse feito em pedaços. Disse-lhe que naquela manhã a esperava na igreja; devia confessar-se e comungar.

Assim foi feito. Ao fim de poucos dias, quando eu estava em casa para uma oração de libertação, tocou o telefone. A governanta foi atender e depois veio a correr dizer-me: «Aquela senhora (que era uma bruxa) disse-me para o informar de que o marido está bem. Os médicos, no dia da Imaculada, ficaram espantados: julgavam que iam encontrar o paciente

morto, mas encontraram-no melhor e a querer comer. Depois voltaram a levá-lo para a enfermaria; melhorava a olhos vistos e comia normalmente. Antes do Natal voltou para casa, curado.»

No dia de Natal, marido e mulher estavam na igreja. Depois vieram ao escritório paroquial agradecer-me, confessaram-se e comungaram. Deus é grande!

UM PACTO NUM TÚMULO

Um dia liga-me a mulher de um sujeito. Vou a casa deles, acompanhado pelo padre que me tinha ajudado anteriormente. Nos dois dias anteriores à minha visita eu tinha telefonado várias vezes. A mulher disse-me que o homem sabia sempre que era eu quem estava a ligar, ainda antes de ela levantar o auscultador; e então descarregava uma série de injúrias contra mim.

De qualquer modo, vou a casa deles. Começamos o exorcismo às 18 horas e prolongamo-lo até à libertação do Demónio. Como estamos dois, lemos o Ritual juntos e em alguns momentos alternamos. O Demónio parece mais perturbado quando rezamos juntos. Os familiares oferecem-nos de jantar, mas nós recusamos, para que o jejum favoreça a libertação. Os pais e a mulher rezam num quarto ao lado: não queremos que assistam a estas cenas dolorosas.

Durante as ladainhas, o marido cai como que em transe; reage muito à invocação de São Tiago. Um homem chamado Tiago, que trabalhou no bar onde o homem está empregado, pediu a um bruxo para fazer um malefício ao marido daquela mulher para lhe ficar com o posto de trabalho. Muito tempo depois da libertação, dissemos estas coisas àquele homem, tal como as tínhamos sabido pelo Demónio. Ele confirmou que se tinha apercebido com clareza do instante em que o Demónio tinha entrado nele, de noite. Tinha tentado lutar, mas já era demasiado tarde. Tanto quanto nos tinha dito o Demónio, durante o exorcismo, fora feito um pacto escrito e deposto num túmulo. Após uma dura luta, em que enfraquecemos o Demónio, também com a ajuda de sacramentais (água benta e sais benzidos, relíquias e medalhas), obrigamo-lo a dizer-nos a localidade, o cemitério e o túmulo onde estava escondida aquela carta. Respondeu com

precisão. No dia seguinte a mulher foi ao local indicado e no túmulo vazio, em frente à entrada, no meio de um monte de papéis, encontrou duas folhas de um caderno, que pareciam estar em branco. Queimou-as.

Quando pego no Ritual para continuar o exorcismo, procuro o ponto em que tinha ficado, e o homem sorri sarcasticamente por causa deste meu esforço. Para além das injúrias, o possesso vomita e cospe na nossa direcção; mas também nisto estamos protegidos, porque nunca nos atinge. Agora o Demónio está muito fraco; o marido consegue rezar juntamente connosco e, a certa altura, diz-me que se quer confessar. Confesso-o sem esforço. Depois do último exorcismo, cessaram as reacções. É uma da manhã. Temendo um engano, iniciamos o grande exorcismo. Desta vez, não houve nenhuma reacção.

CULTO A SATANÁS

A família é composta pelos pais e por cinco filhos, dois rapazes e três raparigas. Naquela casa foi celebrado várias vezes o culto a Satanás, por instigação de um rapaz que namorava com uma das filhas e fazia parte de uma seita chamada «Gato Negro». Esse rapaz, aproveitando-se da simplicidade daquela família, mandara construir naquela casa uma pequena capela a Satanás, ao qual tinha obrigado toda a gente a fazer uma espécie de consagração: fizeram uns pequenos cortes nos dedos para se «baptizarem» todos com sangue; o jovem exibiu-se ainda em práticas despudoradas, como dar de beber a todos a sua urina misturada com esperma.

Em pouco tempo, a casa tinha-se tornado num verdadeiro inferno: gritos e discussões contínuas, móveis que batiam contra as paredes, objectos que se partiam sem motivo ou que desapareciam, violência sobre as pessoas, que sofriam continuamente de falta de ar. E mais: torneiras bem fechadas das quais continuava a sair água...

Quando me chamaram, havia realmente razões para deitar as mãos à cabeça. Comecei os exorcismos pelas pessoas, uma de cada vez; quem estava no quarto ao lado, durante o exorcismo, blasfemava e gesticulava, tentando impedir a execução dos mesmos. Exorcizei a casa e, para além da oração e dos sacramentos, mandei fazer muito óleo para beber e água benta. É claro que foram destruídas todas as coisas que eram usadas para o culto do Demónio. Foi anulado o pacto com Satanás, com a renovação dos votos do baptismo, para além de se ter efectuado a consagração ao Sagrado Coração de Jesus. Pedi a todos que, para além de participarem na missa festiva, participassem pelo menos noutra missa em dias normais,

todas as semanas. Celebrei uma missa na casa; todos se confessaram e comungaram.

Para se redimirem da capelinha feita a Satanás, construíram no pátio um belo nicho com Nossa Senhora, em posição dominante, e na entrada puseram a imagem de Jesus misericordioso, o da irmã Faustina Kowalska.

A pouco e pouco o inferno acabou, mas ainda tenho de continuar a exorcizar aquelas pessoas; estou optimista, quer em relação aos resultados já conseguidos, quer porque vejo ali um empenho sincero.

POSSUÍDA À TRAIÇÃO

Se os testemunhos relatados servem para dar conta da diversidade de casos que se apresentam a um exorcista, poderá ser ainda mais impressionante o testemunho seguinte, fornecido por uma rapariga possuída pelo Diabo.

«Fiquei completamente livre de Satanás. Há dezoito anos que estava sob a influência da magia negra, embora sem participar nela; fui lá parar à traição, mas na prática tinha vendido a alma a Satanás. Escrevo-lhe a minha história para que possa servir de exemplo e de incentivo: as pessoas também se podem salvar destas situações trágicas. Não lhe posso dizer o nome do exorcista que me libertou, porque ele mo proibiu. Este santo sacerdote celebrou trinta missas para a minha libertação e fez-me trinta exorcismos; foi assim que me libertou completamente das presenças maléficas que estavam dentro de mim. Depois, por telefone, uma vez que não era da minha cidade, fez-me mais trinta exorcismos, e eu fiquei também completamente livre das perturbações externas. Há muitos padres bons que podiam exorcizar uma pessoa de vez em quando, como aquele padre fez comigo. Quem sabe quantas almas seriam libertadas e salvas! Sobretudo, penso nos sacerdotes idosos: aquele que me libertou tem mais de oitenta anos.

Gostaria de contar também alguns segredos sobre as seitas. Quando se faz um pacto com Satanás à traição, fica-se a saber pelo próprio demónio que a verdadeira religião é apenas a cristã católica, fiel ao Papa, e por isso ela é tão hostilizada. As outras religiões cristãs apenas são toleradas; enquanto que o budismo e o «maometanismo» (*sic*) são religiões favoritas, porque são falsas religiões. As seitas escondem-se sob nomes falsos e com

objectivos falsos, sobretudo como forma de curas alternativas à medicina oficial.»

RITOS SATÂNICOS NO CEMITÉRIO

O interessado é um jovem de vinte anos. Vem ter comigo, acompanhado pelos pais. Queixa-se de dores lancinantes nos testículos e em todo o corpo; grita como um possesso. Saiu temporariamente do hospital, onde está internado, para uma oração de libertação; os médicos não sabem explicar a causa de tanto sofrimento e foi o próprio jovem que pediu a nossa intervenção.

Conta-me a sua história com alguma dificuldade, entre um espasmo e outro, ao mesmo tempo que se agarra à barriga.

«Há cerca de três anos tive a oportunidade de entrar em ritos satânicos, convidado por amigos da minha idade. Eu não acreditava naquilo e participei por curiosidade. Os ritos tinham lugar num cemitério; éramos cerca de dez e um era o chefe. Estávamos todos encapuzados para o rito sacrificial e para a missa negra. Os ritos sacrificiais eram realizados na parte subterrânea do cemitério, sobre a laje de um túmulo destapado. Fazíamos isso ocasionalmente, com intervalos de meses. O sacrifício dos animais consistia na morte de um gato, de um pássaro ou de uma cobra, misturados com ossos de mortos retirados do ossuário. Comíamos a carne do pássaro passada pelo fogo, ou do gato, misturada com o sangue da cobra e com ossos triturados. Eu comi o pássaro e bebi o sangue da cobra. A cobra é o símbolo da seita. Depois, durante o rito, consumava-se a relação sexual com uma rapariga virgem que conseguíssemos atrair para ali. O rito durava, em média, cerca de três horas. O sacrifício foi oferecido ao deus Abu Katabu, e sentíamos a sua presença, assim como a do deus indiano Zei...

O último rito foi celebrado no domingo passado. Fui sozinho, sem que nenhum amigo me viesse buscar; sentia que me chamavam; mas apercebi-

me de que sou uma vítima marcada e tenho medo.»

Eu perguntei: «Como conseguiste entrar no subterrâneo do cemitério, abrir o ossuário e executar os ritos sem que os vigilantes do cemitério dessem conta?» Respondeu-me que tinha sido ele a roubar a chave; que conhecia bem aquele lugar e que sabia afastar a rede e voltar a pô-la no sítio, no corredor do subterrâneo, e que voltava a pôr tudo no lugar depois do rito, que ocorria durante a noite.

Perguntei ainda como faziam para atrair as raparigas e para as desvirginar. Disse-me que normalmente as convidam para rezar na igreja ou no cemitério sobre o túmulo de alguém conhecido. Levam uma ou duas de cada vez; fazem-nas assistir ao rito e depois unem-se a elas; dão-lhes dinheiro como paga e impõem o silêncio. Segundo o que diz o jovem, as raparigas alinham e às vezes voltam; mas aqueles rapazes querem sempre raparigas virgens para os ritos; usam as outras apenas se não arranjam virgens.

Pergunto ainda como se chama a seita, como se entra, e se existe algum pacto entre eles. Responde-me que a seita é a «Serpente Negra» e o deus que adoram é Abu Katabu. Diz-me também que, uma vez na seita, é muito difícil sair. Dois rapazes tinham saído; então os outros amaldiçoaram-nos durante um rito. Dois dias depois um desses rapazes morreu num acidente de moto; o outro fracturou o crânio. O chefe da seita tem vinte e quatro anos.

Eu queria saber como celebram as missas negras. Respondeu-me que usam hóstias roubadas. Ele próprio roubou algumas na sua igreja, onde era conhecido, onde fora acólito, razão pela qual sabia onde estavam as chaves: retirava directamente as hóstias do tabernáculo. Nos últimos tempos tornara-se mais difícil; então punha-se na fila para a comunhão e depois metia a hóstia no bolso.

A missa negra é celebrada por um antigo monge, que para a ocasião se veste de vermelho. Cospem nas hóstias e depois queimam-nas. Usam também ossos dos mortos, e depois lançam maldições sobre os seus

inimigos; também ele lançou maldições contra alguns familiares seus; e segundo me disse, as maldições fazem sempre efeito.

Depois deste diálogo preliminar, procedo ao exorcismo. Ao ouvir as ladainhas dos santos, o rapaz empertiga-se, grita e torna-se violento. Invoca Abu Katabu. Sinto presenças demoníacas; espalho água benta. O jovem grita e invoca os seus deuses: Abu Katabu, Zei e outros. Grita por causa das dores nos testículos; pragueja contra a avó e contra a mãe. Esta está presente e responde ao filho que a avó e a tia sempre o amaram. Ele responde que queria o amor da mãe e não o da avó e da tia, e que por isso amaldiçoou toda a gente. Compreendo que há uma forte componente psicológica no jovem, que o leva a reagir a carências afectivas. A seguir às maldições, a avó foi submetida a uma operação a um seio por causa de um tumor, a mãe foi operada a uma apendicite e o pai sofreu graves queimaduras por causa de um choque eléctrico que podia ter sido mortal. O jovem atribui estas desgraças às suas maldições.

A certa altura, perde a visão; depois fala em línguas diferentes, faz-me o sinal dos chifres. Vomita, e assim começa a libertar-se; sente-se mais leve, chora, pede ajuda, consegue fazer o sinal da cruz.

Um dos meus ajudantes, amigo do guarda do cemitério, faz uma inspecção e tira algumas fotografias. Os pormenores narrados pelo jovem correspondem à verdade.

Faço a um segundo exorcismo. Gritos lancinantes e dores fortíssimas na barriga; o rapaz invoca os seus deuses e durante o exorcismo sente-se envolvido por chamas que o queimam. Grita desalmadamente a pedir que lhe despejem água no peito e nos ombros. Mas a água benta aumenta-lhe a dor. Depois começa a desabafar: está cheio de remorsos. Noto ainda uma forte componente psicológica no seu tormento. Diz que foi a namorada quem lhe deu um pontapé no baixo-ventre durante a violência sexual. A rapariga está agora internada no hospital, depois do rito satânico, em estado de coma.

O jovem vomita de novo; alimento o vómito, fazendo-o beber água benta. Acalma, recupera a consciência, pede para ser salvo. Quer ver o pai,

a mãe, a avó e o irmão. A cena é comovente; pede perdão a todos eles, abraçando-os em lágrimas. Abraça-me também, invoca o nome do Senhor e reza connosco.

Continua com medo de ser morto; acredita ser uma vítima marcada e tem necessidade de cuidados e protecção realmente especiais.

SATANISTAS NO VATICANO

D. Gabriele, disse-me anteriormente que algumas seitas são menos sérias, enquanto que outras são bastante mais terríveis...

Com certeza que algumas são terrivelmente sérias. E, infelizmente, estão por todo o lado até mesmo no Vaticano.

Também no Vaticano?

Sim, também no Vaticano há membros de seitas satânicas.

E quem está envolvido nisso? Trata-se de padres ou de simples laicos?

Há padres, monsenhores e até cardeais!

Desculpe, D. Gabriele, mas... como é que o senhor sabe?

Sei através de pessoas que me puderam dar essa informação porque tiveram maneira de o saber directamente. É uma coisa «confessada» diversas vezes pelo próprio Demónio, sob obediência, durante os exorcismos...

O Papa foi informado disso?

Claro que foi informado! Mas faz aquilo que pode... É uma coisa terrível. Lembre-se também de que Bento XVI é um Papa alemão, vem de uma nação decididamente avessa a acreditar nestas coisas... Na Alemanha, de facto, não há praticamente exorcistas... e, no entanto, o Papa acredita nisso: tive ocasião de falar com ele, por três vezes, quando ainda era prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé. Acredita, e de que maneira! E também falou sobre isso explicitamente em público, várias

vezes. Recebeu-nos, como Associação dos Exorcistas, e fez até um bonito discurso, encorajando-nos e elogiando o nosso apostolado. E não podemos esquecer que sobre o Diabo e sobre o exorcismo muito falou João Paulo II...

Então é verdade o que dizia Paulo VI: que o fumo de Satanás entrou na Igreja...

É verdade, infelizmente, porque também na Igreja há adeptos de seitas satânicas. Essa expressão «fumo de Satanás» foi referida por Paulo VI a 29 de Junho de 1972. Depois, como esta frase criou um escândalo enorme, no dia 15 de Novembro desse mesmo ano de 1972 dedicou todo um discurso de quarta-feira ao Demónio, com frases fortíssimas. Mas este discurso não teve consequências práticas. É claro que quebrou o gelo, levantando o véu de silêncio e censura que existia há demasiado tempo, mas não teve consequências práticas. Era preciso uma pessoa como eu, que não valia nada, que não era ninguém, para tocar o alarme, para obter consequências práticas...

*UM DEMÓNIO FALA DE DOMÍNIO
SOBRE A IGREJA*

Marido, mulher e dois filhos de catorze e doze anos. Quinze anos de casamento. Antes de se casarem, a mulher participou várias vezes em sessões espíritas; no dia do casamento sentiu-se impossibilitada de exprimir o seu consenso relativamente à união sagrada; ouvia dentro de si a voz de Asmodeus, por quem se sentia inteiramente possuída, que lhe dizia: «Diz-me sim a mim e não ao teu marido. Eu far-te-ei feliz em tudo; dar-te-ei sexo, dinheiro, saúde, o que quiseres. Tu és minha.»

As coisas decorreram de tal maneira que nem hoje ela sabe dizer o que fez durante o rito sacramental. Numa das sessões espíritas tinham-lhe dado a comer alimentos conspurcados, razão pela qual ela sente há vinte e três anos perturbações no estômago e na cabeça.

Também odeia o marido, odiava de morte o sogro já falecido, odeia também o filho mais novo e por vezes torna-se muito violenta. Mas tem uma paixão pelo filho mais velho, e quando este faz alguma asneira longe dela o seu espírito apercebe-se e rejubila com isso: se frequenta más companhias, se fuma charros, se não estuda e não vai à igreja. E sempre se verificou ser verdade que ela sente aquilo que o filho está a fazer, como se houvesse um entendimento duvidoso entre os dois.

A casa está infestada, especialmente o quarto desse filho, que se sente perturbado, oprimido, como que esmagado. Depois de ter posto no quarto dele um copo cheio até meio com água exorcizada e com uma colherzinha de sal dentro (isto foi feito à noite), de manhã o sal tinha subido e saído do copo, cobrindo-o até ao chão. Em seguida a mulher fez uma boa confissão e renovou o seu pacto matrimonial, empenhou-se numa vida cristã intensa

e no perdão. Nesse momento comecei a exorcizá-la. A reacção foi logo violenta, e foram pronunciados os nomes de vários demónios.

Repeti o exorcismo quando a senhora se sentia «invadida» — não se trata efectivamente de uma possessão estável —; as reacções foram sempre violentas, carregadas de insultos, do dever de não perdoar, de recusar o marido; sempre a repetir que estão ali bem e que não se vão embora, mas que a vão levar com eles. Tenho tudo registado, até porque há notícias sobre o seu poder na Igreja Católica hoje em dia... É claro que quem fala é o mestre da mentira. Quando eu não podia intervir pessoalmente, realizava o exorcismo pelo telefone, obtendo os mesmos efeitos.

ESTOU PROTEGIDO LÁ EM CIMA...

*V*oltemos agora à sua vida, D. Gabriele. Estas seitas de que me falava não tentam incomodá-lo, ou dificultar de algum modo a sua actividade?

Não, eu estou muito protegido. Nunca fui incomodado pelo Demónio, enquanto que vários confrades meus, exorcistas, tiveram alguns problemas: barulhos em casa, de noite, tantos que não conseguiam dormir, distúrbios de vários tipos... Mas a mim não me aconteceu nada. Por enquanto.

É preciso também considerar que à volta das seitas se move muita gente sem escrúpulos: bruxos, cartomantes, videntes... Bem, noventa e oito por cento destas pessoas são charlatães. Têm apenas aquele mínimo de conhecimento psicológico que é necessário para entender a pessoa. É claro que quem vai a um bruxo já se encontra num estado de debilidade psicológica, porque tem um mal ou um problema, e espera que ele lho tire, lho resolva. Portanto, está numa situação particular, e está por isso disposto a fazer disparates.

Vou descrever-lhe a este propósito um episódio que se passou comigo há algum tempo, tendo como protagonista um engenheiro electrotécnico, ou seja, não se tratava de uma velhinha ignorante. Este engenheiro foi a um bruxo, porque as coisas não lhe corriam bem, antes pelo contrário, tanto no trabalho como a nível da saúde, mas sobretudo no âmbito profissional. O bruxo deu-lhe um saquinho que ele devia trazer sempre consigo, e ele, fiel ao seu dever, mantinha-o sempre no bolso. E até quando ia para a cama o tirava do bolso do casaco e o metia no bolso do pijama, sempre. Quando finalmente veio ter comigo, trouxe-mo, e eu abri-o. Lá dentro havia uma corda, com uns nós, e mais nada. Eu disse-lhe: «Mas desculpe,

engenheiro, um homem como o senhor... não acha que foi um idiota?» E pensar eu que ele me disse que pagara por aquilo quarenta e dois milhões de liras, ou seja, mais de vinte mil euros!

Em suma, fazer de bruxo dá jeito... Até porque depois oferecem aos seus clientes amuletos especificamente feitos para resolver o problema e, ainda que sejam ineficazes, fazem-se pagar principescamente.

Portanto, voltando ao engenheiro, ele veio ter comigo depois de o bruxo a quem se tinha dirigido não ter feito mais do que piorar a sua situação, levando-o a um estado de grave prostração física e grandes dificuldades no trabalho. Para além disto, podia também haver influências demoníacas. Cheguei a exorcizá-lo, mas poucas vezes, porque não fornecia reacções particularmente significativas. E se uma pessoa não tem reacções, isso quer dizer que os males advêm de outras causas.

O DISCERNIMENTO

Aquilo que disse sobre o último caso leva-me a pedir-lhe para aprofundar, em benefício dos nossos leitores, precisamente esta capacidade de discernimento que se revela indispensável aos exorcistas para abordar os casos que se lhes apresentam. Em relação a isso, é verdade aquilo que se diz, ou seja, que o padre Candido, olhando simplesmente para uma pessoa, conseguia perceber que tipo de problema tinha uma pessoa?

É verdade. O padre Candido tinha um discernimento, um dom, um carisma de discernimento absolutamente extraordinário. Repare que ele só recebia de manhã, e nunca ao domingo; mas chegou a receber cerca de oitenta pessoas numa única manhã. Recebia duas de cada vez, pronunciava uma breve oração, e depois dizia: «Volte», ou «Não volte». «Volte» queria dizer que havia alguma coisa. «Não volte» significava que não havia nada de demoníaco.

Mesmo só a olhar para a cara das pessoas era capaz de perceber. E digo-lhe mais: era capaz de fazer diagnósticos a partir de fotografias. Mas era preciso que se vissem bem os olhos. Nas fotografias, às vezes, os olhos ficam um pouco tapados... Mesmo a partir das fotografias fazia diagnósticos! Oh, quantas pessoas ele curou de cancro!

Também a mim me aconteceu uma coisa semelhante; aconteceu-me, de facto, contactar com várias mulheres doentes que depois se curaram de quistos nos ovários. Precisavam de ser operadas, vinham ter comigo, eu fazia uns exorcismos e diziam-me: «Padre, abençoe-me, preciso de ser operada.» Eu fazia o exorcismo, normalmente... Depois elas voltavam para casa e quando, antes da operação, faziam as últimas análises, e um

TAC, viam que já não havia nada. Nestes casos pode-se falar mais precisamente de orações de cura.

É assim: faço orações de cura e orações de libertação. Incluo ambas no exorcismo. Porque muitas vezes também entravam juntas no Evangelho. O Senhor fazia muitas vezes as duas coisas: curava os doentes e expulsava os demónios. Fazia as duas coisas, a pessoas diferentes, mas as duas coisas ao mesmo tempo. E a partir do momento em que o Evangelho diz: «Expulsai os demónios e curai os doentes» eu faço o exorcismo, mas também com a intenção de que esta oração tenha um poder curativo. E graças aos Céus tive, até ao momento, casos ligeiros, não tão graves como aqueles que teve o padre Candido, que chegaram a curar-se de enfermidades que pareciam não deixar esperança.

Lembro-me que o padre Candido contactou também com pessoas que sofriam de graves dores de cabeça devido a um tumor: iam ter com ele e, depois da sua oração de exorcismo, o tumor desaparecia. Não de imediato, mas ao fim de alguns dias. E depois essas pessoas telefonavam-lhe e davam-lhe o seu testemunho: «Durou só até esta noite», ou então: «Todos os tratamentos, todos os remédios que me receitaram não serviram para nada. Mas depois da sua bênção...» Portanto, nestes casos, para além da sintomatologia médica, podia também tratar-se de uma opressão. Ligeira.

Mas eu, ao contrário do padre Candido, não tenho um carisma de discernimento em particular, e para perceber bem cada caso preciso de fazer um exorcismo «diagnóstico». Em suma, preciso do exorcismo para ver a reacção, e depois preciso de ver também o resultado. Às vezes, contudo, os exorcismos não provocam nenhuma reacção. Mas depois, quando os pacientes voltam para casa, um ou dois dias depois, há uma melhoria. E dizem-me isso pelo telefone, como se fosse uma coisa extraordinária. Então voltam; faço mais exorcismos, e a melhoria nesse momento é imediata, e o mal desaparece. Mas quando aqui vêm a primeira vez eu observo a sua reacção, e parece que não acontece nada. Sim, às vezes podem agitar-se, ou gritar, mas para certas pessoas não há uma reacção seguida de uma mudança. Depois dizem: «O senhor tirou-me

aquele mal que ninguém me tirava, depois que o senhor me abençoou...» Eu chamo a isto bênçãos, para não assustar as pessoas com a palavra «exorcismo», e são tão eficazes que o mal desaparece. Às vezes, numa primeira fase, o efeito tem uma duração limitada. Dizem-me: «Padre, depois da sua bênção andei bem durante um mês. Depois o mal voltou.» Eu respondo: «Vamos repetir, se calhar isso quer dizer que precisa de uma bênção uma vez por mês...» Ou seja, cada caso é um caso.

Em geral posso afirmar que a cabeça e o estômago são dois pontos vulneráveis. Mas o Demónio ataca também outros sítios: às vezes os ossos, às vezes as pernas, muitas vezes o útero ou os órgãos genitais. Muitas vezes os homens já não conseguem ter uma erecção. E, depois da bênção, ficam bem outra vez.

AS FORMAS E OS MODOS DO MAL

D. Gabriele, poderia agora fornecer alguns esclarecimentos em relação às diferentes modalidades que podem causar um malefício? Ou seja, de que modo pode o Mal atacar o Homem?

Para responder a essa pergunta, posso apresentar um esquema sobre o malefício, elaborado com base em vários autores e reflexões pessoais realizadas à luz dos casos directamente abordados.

O «malefício» é um mal provocado por intermédio do Demónio.

Segundo o objectivo, tem as seguintes características:

- Amatório, para favorecer ou destruir uma relação de amor com uma pessoa.
- Venéfico: para provocar um mal físico, psíquico, económico ou familiar.
- Amarração: para criar impedimentos à acção, aos movimentos, às relações.
- Transferência: transferir para uma pessoa os tormentos feitos a um fantoche ou a uma fotografia da pessoa que se quer atingir.
- Putrefacção: para provocar um mal mortal, fazendo apodrecer um material exposto à putrefacção.
- Possessão: para introduzir uma presença diabólica na vítima e causar-lhe uma verdadeira possessão.

Segundo o modo, pode ser definido como:

- Directo: mediante um contacto da vítima com o objecto portador do mal (por exemplo, quando se dá de beber ou comer à vítima alguma coisa que sofreu um malefício).

- Indirecto: através da acção maléfica realizada sobre um objecto que representa a vítima.

Segundo o método:

- Espetar e torturar: com alfinetes, pregos, martelo, pontas, fogo, gelo.
- Atar ou amarrar: com laços, nós, tiras, fitas, faixas, aros.
- Putrefacção: soterrar o objecto ou o símbolo animal depois de o ter enfeitado.
- Amaldiçoar: directamente a pessoa, uma foto, ou um símbolo desta.
- Rito satânico: por exemplo, um culto satânico ou uma missa negra realizada com o objectivo de prejudicar alguém.

Segundo o meio:

- Com feitiços: fantoches ou carne com alfinetes, ossos de mortos, sangue, sapos, galinhas.
- Com objectos amaldiçoados: presentes, plantas, almofadas, bonecas, fitas, talismãs.
- Com o olhar (mau-olhado), tocar com a mão, abraçar.
- Com o telefone: quer em silêncio, quer com o sopro, quer de outra forma.

UM FEITIÇO DE MORTE

Depois de ter apresentado as características dos malefícios, eis agora o testemunho sobre um caso de um feitiço verdadeiro. Digo «verdadeiro» porque há feitiços e antídotos (ou seja, antifeitiços) feitos por charlatães, vigaristas e quejandos. E é isto que acontece na maioria dos casos. Mas também há feitiços verdadeiros, ou seja, autênticos *malefícios*, que significa «males causados com a intervenção do Demónio»; trata-se de verdadeiros feitiços, feitos por verdadeiros bruxos, ou seja, pessoas que fizeram um pacto com Satanás e que seguem o seu culto; são pessoas que, muitas vezes, vivem do ódio, da inveja e da perfídia, exactamente como o Demónio. É importante dizê-lo porque hoje há muita gente, até sacerdotes, que não acreditam na existência dos feitiços; ou então sacerdotes que, para eliminar os receios de quem tem a mania dos feitiços, afirmam e escrevem que os feitiços não existem. Mas não é ensinando o erro que se inculca a verdade.

Durante três anos uma jovem mulher sentia-se muito mal, mas só de noite; de facto, assim que entrava no seu quarto, perdia a consciência, começava a respirar pesadamente, com crescente dificuldade, quase a sufocar, e depois desmaiava. A mãe levava-a de urgência para o hospital e, assim que lá entrava, todo o mal desaparecia.

Os médicos não descobriam nada: encontravam-na sempre de perfeita saúde. Quando regressava a casa, recomeçava tudo novamente, com as mesmas perturbações; mas só quando entrava no quarto e, em particular, quando pousava a cabeça na almofada: agitação, vontade de vomitar, uma dor de cabeça insuportável; ficava de tal maneira cheia de dores que não conseguia dormir nem sentir qualquer alívio. Foi observada por vários especialistas que, por diversas vezes, fizeram e refizeram a análise do

caso, concluindo que se podia tratar de crises epilépticas. Mas os encefalogramas e outros exames médicos nunca provaram nada.

Um dia, uma senhora, amiga da família, aconselhou-a a consultar um exorcista. Depois dos primeiros três exorcismos e da bênção da casa não se observou nenhuma reacção nem nenhum benefício: os distúrbios continuavam, imperturbáveis. Recomendou-se uma vida cristã mais fervorosa e mais empenhada, o uso de água exorcizada, e sugeriu-se também que se revistassem todas as almofadas das camas. Deu-se este conselho porque se pensou que houvesse algum malefício na almofada da jovem; mas ela sentir-se-ia humilhada se a experiência fosse feita só com ela, por isso fez-se o mesmo com toda a família. Todas as almofadas, de penas, tinham sido costuradas pela mãe da mulher. Enquanto que nas outras almofadas não se encontrou nada de suspeito, na da mulher encontrou-se um pano preto, dos que se usam para os mortos, do mesmo comprimento e largura da almofada, com muitas penas costuradas a toda a volta, muito densas, como uma coroa fúnebre. Aconselhou-se que se aspergisse a almofada com água benta e que depois se a queimasse completamente. Talvez isto tenha sido um erro; podia-se ter guardado aquele pano como prova, para quem não acredita nos malefícios...

Entretanto, feito isto, todos os problemas desapareceram: a rapariga voltou a dormir normalmente, e todas as suas perturbações desapareceram de repente. Já passaram vários meses desde que se queimou aquela almofada. A mulher está bem, retomou todas as suas actividades quotidianas, vive descansada, e a paz regressou à família.

Obviamente, tratava-se de um feitiço de morte: aquele pano preto, introduzido por bruxaria na almofada, devia a pouco e pouco conduzir ao desespero e à morte da jovem. Indagou-se com prudência e com discrição, para perceber quem poderia ter feito isto. Descobriu-se que uma família vizinha, só por ódio e inveja, encomendara este feitiço de morte contra a família, apesar de apenas a rapariga ter sido vítima. Escusado será dizer que a mãe jurou que tinha costurado a almofada da filha da mesma forma

que todas as outras, sem lá colocar nenhum elemento estranho que pudesse explicar a presença do pano preto encontrado no interior.

O MOMENTO DA LIBERTAÇÃO

É verdade que hoje em dia o período necessário para obter a libertação com os exorcismos é mais longo do que no passado?

Penso que isso acontece porque há menos fé, também por parte dos exorcistas. E menos fé nas pessoas que são exorcizadas, e nos seus familiares.

Atente naquele episódio do Evangelho, daquele jovem no sopé do monte Tabor que nove apóstolos não conseguem libertar. E, no entanto, faziam-no em nome de Cristo, diziam eles em sua defesa! E depois perguntavam a Jesus: «Por que razão não conseguimos?» E a resposta era: «Pela vossa falta de fé.» Um outro evangelista conta (os três Evangelhos Sinópticos referem este episódio) que Jesus responde: «Este tipo de demónios só se expulsa com a oração.» E um terceiro diz: «Só se expulsam com a oração e com o jejum.» Mas notemos que, para os hebreus, falar de oração significava sempre ligá-la ao jejum. É por isso que também o evangelista, que fala apenas de oração, subentende também o jejum. Mas hoje em dia falta fé ao exorcista e às pessoas exorcizadas, razão pela qual demora muito tempo.

O momento da libertação depende também da duração do mal enraizado. Tive um único caso, um único!, de uma rapariguinha de catorze anos que foi libertada com um exorcismo que não durou mais de dez minutos. Porquê? Porque no dia anterior tinha ido com uma amiga, por curiosidade, assistir a um rito satânico. Quando regressou a casa, à noite, gritava, mordida e dava pontapés. Era noite: o pai meteu-a imediatamente no carro — não morava longe de Roma, esta rapariga —, e levou-a à Scala Santa. Claro que estava tudo fechado. Teve de esperar pelas seis da manhã, pela abertura. E quando perguntou pelo padre Candido, responderam-lhe que já

não fazia exorcismos, porque estava doente. «Agora quem o está a substituir é D. Amorth», responderam-lhe. E mandaram-na a mim.

Chegou aqui, pouco depois das oito, já eu tinha começado a fazer exorcismos, e fi-los até depois do meio-dia. Graças a Deus não estava só, estava um outro exorcista comigo, mais competente do que eu, também ele aluno do padre Candido, e que ainda exorciza. Os porteiros diziam-me: «Por favor, D. Amorth, trate desta também!» E eu respondia: «Mas eu estou cansado, é meio-dia...» E eles respondiam: «Estão aqui desde as oito da manhã, aliás, chegaram a Roma ainda de noite...» E eu acedi: «Está bem, vamos lá exorcizá-la.»

Ao fim de dez minutos de exorcismo, cedeu. Entrou em transe. Primeiro mordeu-me a mão, porque eu não fui suficientemente rápido a retirá-la. E pensei: «Aqui é preciso ter cuidado.» Então o outro exorcista, como a viu ceder, aproximou-se da marquesa e perguntou-lhe: «Estás sem forças? Nem sequer tens forças para falar?» Fez que não com a cabeça. Ao fim de três, quatro minutos, corria pelo pátio com o irmão. Completamente curada!

No caso desta rapariga, o Demónio tinha acabado de entrar, no dia anterior, e por isso foi uma libertação rápida. Caso contrário, quanto mais tempo estiver, mais o Demónio enfia as raízes. E então é precisamente por isso que no primeiro exorcismo se pede ao Senhor para o desenraizar no sentido de o obrigar a fugir. Depois, se calhar, vem um homem de cinquenta anos e, ao reconstruir a sua história, percebe-se que tinha sofrido um malefício em pequeno, digamos, aos cinco anos... ao fim de todos aqueles anos, o Demónio já criou raízes profundíssimas. Compreende-se porque é que demora tanto tempo. Se se chegar ao momento da libertação em cinco, seis ou sete anos, já fico contente.

DEVIA PODER FAZER-SE UM EXORCISMO POR DIA...

Quantos exorcismos faz durante o ano? E quanto dura um exorcismo, habitualmente?

O exorcismo deveria ser feito, se possível, apenas a um paciente, todos os dias. Ou pelo menos uma vez por semana. Ou seja, mais de cinquenta exorcismos por ano para a pessoa interessada. Mas eu mostro-lhe a minha agenda... Em cima escrevo as marcações da manhã, em baixo as da tarde. Olhe, repare, o mês de Dezembro, que nem sequer foi um dos mais sobrecarregados... Tudo cheio, incluindo dia de Natal!

Geralmente o exorcismo demora meia hora, mas às vezes não chega, porque é preciso continuar até que a pessoa acorde. Se uma pessoa entra em transe, é preciso esperar que recupere a consciência. E quando voltam a si estão alegres, contentes, sentem-se curados. Mas não é verdade. Basta que passem algumas horas, ou um dia, e voltam a cair na situação precedente.

Olhe, a mim aconteceu-me um caso, único, de um exorcismo, o mais longo que fiz. Era dia 8 de Dezembro, um dia especial, dedicado à Imaculada Conceição. A esta senhora, que era já há anos exorcizada pelo padre Candido, que depois a passou para mim — e eu via-a todas as semanas, uma vez por semana — aconteceu o seguinte. Com a ajuda de um outro exorcista fizemos um exorcismo de cinco horas e meia. Quando acabámos, parecia realmente livre! Beijos, abraços, felicidade... estava mesmo entusiasmada. Ao fim de uma semana, porém, estava exactamente como antes. Era um caso realmente especial. Havia muitos demónios dentro dela, e o Diabo já estava fortemente enraizado... Mas, está a ver, essa senhora, que o padre Candido tratou durante tantos anos, e que eu

depois continuei a seguir, não creio que já esteja completamente livre, nem sequer agora, que fez sessenta anos; no entanto, conseguimos algumas melhorias. Pode fazer tudo, ter uma vida autónoma, é uma boa esposa, tem filhos, trabalha...

No início, quando foi ao padre Candido, tinha dores em todo o corpo, sobretudo na cabeça. Sem uma razão aparente: tinha consultado imensos médicos e ninguém sabia dar uma explicação! Mas a mulher tinha recebido malefícios. Repare, noventa por cento dos casos resultam de malefícios. Ora, esta senhora disse-me uma coisa importante quando fui a casa dela para a exorcizar — quando eu estava em Roma ela vinha ter comigo, mas quando eu ia a Capranica o exorcismo fazia-se em casa dela. Eu estava um pouco desmoralizado, naquele dia, enquanto me dirigia a Capranica, apesar de não o dar a entender. Mas essa senhora disse-me: «D. Amorth, sabe que nós somos muitos irmãos e irmãs, todos casados, todos com filhos. Nenhum de nós rezava, nenhum de nós ia à igreja! Desde que eu comecei a ter estas perturbações, que vamos todos à missa, rezamos o rosário todos juntos...» Então eu pensei: «Já percebo, Senhor, porque demorou tanto tempo». Porque o Senhor obtém bens espirituais enormes através destes sofrimentos. Vi famílias, que andavam afastadas da religião, completamente transformadas, porque tendo no seu seio um caso assim viraram-se todos para a missa, para a oração, para os rosários, para as peregrinações, etc.

SOFRIMENTO E BENEFÍCIOS ESPIRITUAIS

*D*isse que muitas vezes o longo tempo necessário para as libertações mais difíceis proporcionam um benefício espiritual às famílias dos possuídos... Também isto está marcado na sua vida?

Sem dúvida! Eu vi os benefícios espirituais que o Senhor concede como compensação dos sofrimentos de que estas pessoas padecem. Com os sofrimentos oferecidos a Deus salvam-se as almas. E o Senhor tem muitas almas que são vítimas. Eu escrevi *Por Detrás de um Sorriso*, a história de uma mulher beatificada, e que será canonizada em breve, Alexandrina Maria Da Costa, a quem devemos a consagração do mundo ao Imaculado Coração de Maria. Pois bem: diversos testemunhos referem que ela vivia a Paixão, tinha chagas, e nos últimos treze anos da sua vida não consumiu nenhum alimento, mas viveu apenas e exclusivamente da Eucaristia. Sofrimento contínuo, atroz, de dia e de noite, porque não dormia.

Esta mulher salvou, segundo uma revelação do Senhor, milhões de almas. Lembre-se de Nossa Senhora de Fátima, e daquilo que disse às três crianças: «muitas pessoas vão para o Inferno porque não há quem reze e se sacrifique por elas». Isto é, quem se sacrifique e reze por elas. Porque sacrificar-se vem antes de rezar. É mais forte. Tenho conhecido tantos doentes incuráveis, que me dizem: «Estou tão grato ao Senhor por esta doença, ofereço tudo ao Senhor pela salvação das almas...», ou então: «Não renunciarei a isto, esta é a minha missão para a salvação das almas.» Pessoas doentes, acamadas... O Senhor obtém benefícios espirituais em todo o lado.

Nós estamos muito ligados à Terra, e às coisas terrenas. Mas não pensamos que a vida terrena dura pouco, e que a eternidade dura para sempre. Se soubesse quantos folhetos eu dou com os dez mandamentos!

Em primeiro lugar, vejo que tratamentos médicos fizeram, os documentos, as análises. E depois interrogo-os: pergunto se rezam, se vão à missa. Se se confessam. Tenho imensos folhetos. E digo: «Olhem para o Decálogo e estudem-no bem.» Começo sempre pelo terceiro mandamento: lembra-te de santificar as festas de guarda. Depois vou ao sexto, não os refiro todos. «Não cometerás actos impuros.» Este não é o pecado mais grave, mas é ali que está a nossa debilidade. Os pecados mais graves são os da soberba e do orgulho. Mas a violação do sexto mandamento é o pecado mais comum; tanto que Santo Afonso de Ligório dizia: «Vai-se para o Inferno ou só por este pecado ou, pelo menos, com este pecado também.» Todos os homens o têm: é a nossa maior fraqueza.

Depois, na continuação do colóquio, conto o episódio daquele jovem que vai ter com Jesus, e lhe pergunta: «Bom Mestre, como se faz para ir para o Paraíso?» E Jesus responde-lhe: «Observa os Mandamentos.» Então eu digo-lhe: «Olha que na Terra se está pouco tempo. E depois não há uma terceira via, ou Paraíso ou Inferno. Não há escapatória!»

BRUXOS, FEITICEIROS E PODERES

Voltando a falar de bruxos, dizia-me que noventa e oito por cento destes são charlatães. E o que se poderá então dizer dos restantes dois por cento?

São possessos, ou ligados ao Demónio. Quando uma pessoa está ligada ao Demónio, já não precisa de ser possuída. Já lhe pertence.

Ora, o Demónio tem poderes enormes. Pode até curar... Os bens que lhe pedem, ele dá: sucesso, dinheiro, prazer. Portanto, uma vida desregradíssima, com todos os prazeres mais ilícitos, todos! Estes bruxos, ligados ao poder diabólico, têm também poderes, com os quais se ligam às pessoas, e as arrastam para Satanás.

E acontece-me às vezes libertar muitas destas pessoas, que ficaram presas nas teias dos bruxos. E agora imagine, se eu tiro assim tantas vítimas e «clientes» aos bruxos, como eles ficam furiosos comigo, uma vez que os impeço de levar a bom termo o seu trabalho sujo... Nem ousar pensar em quanto ressentimento estes bruxos podem sentir em relação a mim, nem quantos malefícios podem ter lançado contra mim... mas nunca me atacam directamente. E depois, repare, se uma pessoa vive na graça de Deus e leva uma vida de oração, é difícil que um malefício a ataque. Muito difícil.

OS TALISMÃS EMPAREDADOS

Uma rapariga de vinte e cinco anos. Os pais gerem uma loja de produtos alimentares. Tem uma irmã e um irmão. Mas o negócio corre muito mal: ora avaria a máquina do fiambre, ora é a balança que não funciona, ora é a caixa que dá problemas; sobretudo, os clientes deixaram de aparecer. As lojas mais próximas estão sempre cheias de gente (é um minimercado). É também normal que o frigorífico funcione por fases e que as coisas mudem de lugar, não se sabe como. Durante a renovação da loja, na perspectiva de que as coisas comecem a correr de vento em popa, emparedaram dois talismãs fornecidos por bruxos (um dos quais é conhecido da televisão).

A rapariga, no seu quarto, sente presenças opressivas, vozes: vê coisas estranhas, não consegue dormir, não consegue estudar, está decididamente deprimida. De noite sente como que em cima dela uma pessoa incomodativa que a oprime, a sufoca, a esmaga. Foi por diversas vezes a Roma, para os lados do Coliseu, ter com o bruxo... o qual abusou sexualmente dela uma dúzia de vezes. Cortou-lhe pêlos do púbis e das axilas, e cabelos; tirou-lhe uma fotografia, na qual escreveu a data de nascimento. Quando ela começa a ligar-se afectivamente a alguém, tudo se interrompe; sente-se como que ligada ao bruxo. Como se vê, foram cometidos tantos erros!

Comecei a exorcizar a loja, a casa e, umas seis ou sete vezes, a rapariga, que entrava em transe e falava. Apareceram vários demónios: Alef, espírito da soberba e da vingança; Namar, espírito destruidor de qualquer afecto e impedimento na formação de uma família (certamente sabem como avaliar estas afirmações). Ao simples toque da batina, e ao ouvir as orações, sentia dores, especialmente nas partes mais íntimas.

Actualmente, ainda que continuando a fazer exorcismos, mesmo por telefone, várias coisas melhoraram. Cessaram as infestações na loja, em casa e no quarto. Já não se sentem os barulhos, as presenças, as vozes; os vários aparelhos funcionam. Mas as presenças maléficas ainda se manifestam na rapariga. Há respostas negativas durante os exorcismos: «É minha, olha o mal que lhe fazes! Eu só lhe faço bem...» E muitas recusas à renúncia. Ela sente-se (apesar de menos do que antes) oprimida pelo terror de não saber amar ninguém, de estar destruída, de não conseguir libertar-se, de ter de morrer. Vai ser preciso ainda muito tempo e muita oração para se atingir a libertação completa, mas entretanto este testemunho parece-me suficiente para alertar contra o recurso a bruxos e cartomantes...

AS MISSAS NEGRAS

*P*ara pôr de sobreaviso os nossos leitores quanto aos riscos que se correm valendo-se de bruxos, gostaria de lhe perguntar se eles têm estratégias particulares para fazer cair nas armadilhas maléficas os seus — muitas vezes inconscientes — clientes.

Claro que têm estratégias precisas! Normalmente atacam nos momentos de fraqueza. Por exemplo, há algumas discotecas — não todas, nunca se deve generalizar — em que o itinerário é sempre o mesmo. Um rapaz ou uma rapariga vão lá, começa-se com o cigarro, e depois passa-se à droga, e depois ao sexo, e depois à seita satânica. Infalivelmente. No fim vem a seita satânica. Tenho muitos exemplos deste tipo. A grande desgraça de um jovem é, por exemplo, encontrar amigos que se drogam. E depois descobre-se que fazem cultos satânicos, missas negras.

A principal característica das missas negras é que há, sempre, o desprezo pela Eucaristia. Depois, na verdadeira missa negra, há a mulher nua que serve de altar, e que deve ser virgem, e que é primeiro violada pelo que faz de sacerdote e depois por todos os outros, após o que tudo é permitido. Ou seja, torna-se num verdadeiro bordel. Por isso, muitos vão à missa negra para o «depois», para o bordel.

E nessas ocasiões existe um perigo real de «entrada» maléfica?

De que maneira! Existe o perigo de entrada maléfica, que muitas vezes se verifica, quando se fazem missas negras, e se oferece o culto a Satanás. Não é a brincar! O Diabo faz as coisas a sério. E Deus não faz nada para o impedir: criou-nos livres. E os padres, que deviam pregar sobre estas coisas, não o fazem... Calam-se sobre a existência do Inferno, sobre a existência do Diabo e sobre os perigos que existem quando se segue este

caminho: droga, cigarros, ir a bruxos e cartomantes. Algumas estatísticas falam de catorze milhões de italianos que frequentam os cartomantes...

OS RISCOS DAS CARTAS

*E*ntão, para além dos bruxos e das seitas, também é preciso evitar os cartomantes?

Sim, porque há muitos que estão ligados a Satanás. Através de um pacto, um pacto de amizade com Satanás. Não estão possuídos: estão ligados a Satanás, e através dele adivinham, ou seja, podemos dizer que «funcionam». As pessoas vão lá e recebem algum benefício, e portanto continuam a ir. E as pessoas que lá vão são tocadas por Satanás em primeiro lugar, afastando-se completamente de Deus. Aquilo que interessa a Satanás não é a possessão, ou coisas do género. Aquilo que lhe interessa é afastar de Deus e fazer cair em pecado, porque ele quer levar as pessoas para o Inferno, enquanto que Deus as quer levar para o Paraíso. E ao ligar-se a um cartomante, e ao abandonar a oração, inicia-se aquele percurso de afastamento de Deus que leva à sua entrega nas mãos do Maligno.

A cartomancia é talvez a forma de superstição mais difundida e, no entanto, não está ainda devidamente tratada. Para mim a ocasião surgiu numa carta de consulta de um bispo argentino. Disse-me que se encontrava perante um caso sobre o qual tinha sido convidado a pronunciar-se. Atendendo à enorme difusão da prática de mandar deitar as cartas (em espanhol «*tirar las cartas*») é de admirar que a cartomancia não seja nunca, ou quase nunca, tratada em documentos eclesiais.

O caso que o bispo me apresentou é o seguinte. Tem na sua diocese uma pessoa que é católica praticante; deita as cartas ao próximo para o ajudar, mas sem fins lucrativos e sem lhe misturar nada de mal. Será lícita, esta sua prática? A Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, interpelada com uma carta escrita em latim, não respondeu.

Acho que não respondeu porque nunca abordou o assunto. Por isso, na minha resposta, que eu disse claramente ter apenas um valor pessoal, baseei-me em critérios gerais com base nos quais penso que a cartomancia se deva incluir entre as formas de superstição e, em particular, da adivinhação.

Nós não conhecemos exactamente a origem do uso das cartas; não existiam entre os árabes, nem entre os hebreus. Talvez tenham sido importadas pelos ciganos da Índia. Sabemos com certeza suficiente que, ainda antes de serem usadas como cartas de jogo, foram utilizadas como instrumento de adivinhação.

Eram usadas (e são ainda usadas) cartas comuns de jogar, ou então cartas especiais, mas o tipo dominante é sem dúvida o do Tarot. O objectivo é conhecer o futuro ou coisas ocultas: é aqui que se esconde o perigo. O fundamento e, portanto, a condenação moral, está no facto de se querer conhecer o futuro, ou coisas ocultas, usando um meio totalmente inadequado para tal objectivo; ou seja, atribui-se ao meio utilizado um poder indicador de realidades ou eventos, sem ter em conta o facto de as cartas não possuírem tal poder. Mesmo que não se invoque o Demónio, nem explícita nem implicitamente, e mesmo que não se faça uso de singularidades de tipo mágico (acender velas coloridas postas numa determinada posição; uso de ervas; pratinho com água onde se deita o óleo, etc.) mantém-se o facto de atribuir a um objecto um poder que ele não tem, para conhecer coisas que só Deus conhece... E isto constitui uma grave culpa moral, indício de uma rebelião em relação a Deus, que é o único Senhor da História, e do abandono da fé e da oração em favor de uma dependência psicológica da leitura das cartas operada por este ou por aquele cartomante.

DESTINO: SUICÍDIO

Qual é o objectivo final de toda esta actividade por parte de bruxos, cartomantes, seitas satânicas...?

O objectivo final é a morte, porque Deus é o deus da vida, enquanto que Satanás é o deus da morte. Quantos suicídios são inspirados pelo Diabo! Mesmo suicídios em grupo são inspirados por Satanás.

Eu nunca tratei de pessoas que depois se tivessem suicidado, mas tive muitos casos de indivíduos que tentaram o suicídio; felizmente aconteceu depois alguma coisa que impediu o suicídio. Quando uma pessoa começa a receber exorcismos, é quase impossível que se suicide.

Um caso típico é o de uma rapariga que eu exorcizei imensas vezes, e que se curou completamente, voltando a ter uma vida quotidiana normal, de tal maneira que agora é professora efectiva. Foram precisos anos e anos. Não me lembro bem de como Satanás tinha entrado, porque a recebi do padre Candido, que tratou dela durante muito tempo, e que depois a passou para mim, quando já não estava capaz de a exorcizar.

Contudo, certo dia, esta rapariga, com um saco-cama aos ombros, foi caminhar sobre os carris da linha Livorno-Génova. Depois, numa das curvas grandes, estendeu-se em cima dos carris, no escuro, dentro do saco-cama. Queria matar-se, queria que um comboio passasse por cima dela. Ficou estendida nos carris durante mais de cinco horas. Os comboios passavam num e noutro sentido, mas nunca passaram por cima dela. É um caso que não se explica. Não tem explicação.

Uma outra vez, aqui em Roma, e também em outros sítios, a rapariga caminhava pelo meio de uma rua cheia de trânsito, sem ligar a semáforos nem a nada, tentando ser atropelada, e nunca foi tocada por nenhum carro. Tentava suicidar-se e nunca conseguiu. Isto porque começar com os

exorcismos significa que há vontade por parte da pessoa de sair daquela situação, de se libertar, e que portanto se está a travar uma luta interior na qual, se invocado, o Senhor nunca deixa de fornecer as graças necessárias para a libertação.

Tem conhecimento de exemplos que, pelo contrário, não tivessem tido um final feliz?

O padre Candido contou-me o único caso que teve de uma rapariga que acabou por se suicidar.

Ele exorcizava-a porque ela estava possuída pelo Demónio. Esta rapariga tinha uma mãe pérfida. Uma vez a mãe foi falar com o padre Candido, que lhe explicou de que males sofria a filha. A mãe dizia que sim, mas o padre Candido percebeu que, na realidade, ela não acreditava em nada.

Viviam num apartamento no sexto andar. Uma vez a rapariga abriu-se com a mãe, e disse-lhe: «Só quero suicidar-me, já não posso mais...» E a mãe respondeu-lhe: «Então vai, que não prestas para nada, nem sequer és capaz de fazer isso!» Foi até à janela e abriu-a; e a rapariga atirou-se.

É o único caso que conheço de uma pessoa submetida a exorcismos que tenha tido aquele fim.

A tentação do suicídio nestas pessoas é muito grande, frequente, pois sofrem de dores muito fortes. Mas quando uma pessoa começa a receber exorcismos é impossível, segundo a minha experiência, que consiga pôr termo à vida. Talvez faça uma tentativa, mas nunca atinge o objectivo. Há tantos casos de pessoas que ingeriram substâncias tóxicas... Foram sempre apanhadas a tempo, levadas ao hospital e salvas com uma lavagem gástrica. Satanás também empurra para o suicídio, porque é o Deus da morte. Tanto que Santo Agostinho diz que, se Deus não o impedisse, o Diabo nos mataria a todos.

UM DRAMA ESCONJURADO

Trata-se de uma família composta pelo marido (médico dentista), pela mulher, doméstica e muito inteligente, e por duas filhas. Em casa aconteciam fenómenos estranhos: ruído de passos, presenças não identificáveis, pancadas por vezes bastante violentas, luzes que se acendiam e se apagavam sozinhas, o mesmo acontecendo ao televisor e ao rádio, objectos que se mexiam sozinhos... Num determinado ponto do quarto sentia-se um frio intenso, como num frigorífico...

A certa altura, a mulher começou a sentir uma forte dor de estômago e de cabeça, ficou com tendências violentas, vingativas, e em particular com um ódio intenso pelo marido. Quando regressavam de um restaurante, entra em casa obcecada com assaltos sexuais ao empregado de mesa, que lhe ofereceu um frasco de perfume. Tudo se torna motivo de discussão com o marido, acompanhado por sentimentos de ódio e de vingança.

Marido e mulher participaram em várias sessões e reuniões da Nova Era (New Age). Estavam quase a aceder ao estágio de espírito-guia; ao mesmo tempo participavam num grupo de Renovação no Espírito. Resultado: a mulher andava cada vez mais deprimida e tentada a matar o marido e depois suicidar-se, passando sem motivo de um pranto desesperado a um riso louco.

Quando se dirigiram a mim, sugeri como ponto de partida uma boa confissão, a comunhão e o perdão de coração. Para além do corte com a Nova Era, aconselhei também uma interrupção temporária com o grupo de Renovação, porque as excessivas introspecções para atingir um discernimento causavam estados de agitação e desmoralização. Aconselhei que procedessem a um percurso de fé simples e pessoal, com uma relação mais directa com Jesus Eucarístico; também algumas missas a meio da

semana, com comunhão, adoração e bênção eucarística ministrada ao fim da função. Em casa, o rosário e o exorcismo de Leão XIII (na forma reduzida em italiano), para além de beberem água e óleo exorcizado.

Exorcizei de seguida a casa, eliminando uma grande quantidade de bonecos, fantoches e máscaras orientais das filhas. Iniciei o exorcismo na esposa. Falava durante os exorcismos: «Somos Alef e Alimai; esta foi Satanás quem no-la entregou, é nossa e não ta damos, estamos bem aqui.»

Depois do retorno à vida cristã, depois do perdão e de cinco exorcismos, as coisas mudaram radicalmente. Acabaram-se os ruídos, as discussões; de noite dormem. Acabou aquela obsessão em relação ao empregado de mesa e quase desapareceu o espírito de vingança.

Eu diria que finalmente estão em paz. Achei também muito eficazes os exorcismos pelo telefone, breves. Agora continuo com os exorcismos, e tenho confiança numa libertação completa e estável.

A IGREJA NÃO FALA O SUFICIENTE

*M*as a Igreja, na sua opinião, alerta eficazmente os fiéis sobre os perigos ligados a charlatães, bruxos e cartomantes?

Infelizmente, não! Diz-se que nos jornais a página mais lida é a dos horóscopos. Uma parte da Igreja é o verdadeiro problema, porque muitos padres não acreditam nisto, e no seminário já não se estudam três tratados fundamentais.

No primeiro tratado, o *De Deo creante*, estudava-se a criação de Deus, e como Deus criou os anjos, o pecado dos anjos, a divisão entre anjos e demónios... Já não se estuda.

Um segundo tratado era o de moral. Proibia-se a consulta a bruxos e cartomantes... Com referência à Bíblia: «Não deixarás viver quem faz magia.» Matavam-nos à pedrada. Jesus foi acusado de ser um bruxo: «Tu ages em nome de Belzebu.» E ele responde: «Se o Diabo se põe contra ele próprio, como pode ele dirigir o seu reino? Mas se eu faço estas coisas em nome de Deus, isso quer dizer que é o Reino de Deus que veio até nós.» No tratado, todas estas coisas: ir a bruxos, cartomantes e assim por diante, eram referidas e condenadas. Pois bem, hoje já não se estudam estas coisas.

O terceiro tratado era o da espiritualidade. Neste texto falava-se de vida espiritual, é claro, mas também dos assaltos do Demónio, e também se falava de exorcismos. Ensinava-se explicitamente esta matéria. São três tratados, dos quais já praticamente não se fala, nem sequer nas Universidades Pontifícias.

Um homem sai do seminário, torna-se sacerdote, sem nunca ter ouvido falar do Demónio, sem nunca ter ouvido falar de exorcismos, e muito menos do perigo de bruxos e outras ciências do oculto. Ou de possessões

diabólicas. E por isso não acredita, nunca prega sobre esses assuntos. Tive muitas vezes sacerdotes que vieram assistir aos meus exorcismos, que me disseram: «Olhe, D. Amorth, eu antes não acreditava, mas agora já acredito!»

Jesus fazia os exorcismos na rua. Agora é precisos fazê-los às escondidas.

MEDUGORJE E RENOVAÇÃO NO ESPÍRITO

*N*o início da nossa conversa, o senhor falou-me de Renovação no Espírito e de grupos de oração ligados a Medugorje. Por que razão lhe interessam, e porque dedica o seu tempo a estas pessoas?

Interessam-me muito os grupos de Renovação porque têm o grande mérito de ter relançado a leitura da Bíblia, de ter relançado a devoção ao Espírito Santo, e de fazer orações de cura e de libertação. Por isso, todas as pessoas que me escrevem do estrangeiro, e pedem para ser exorcizadas, eu remeto-as para eles.

Por exemplo, havia um indivíduo na Austrália que não me deixava em paz, porque muitas pessoas acham que chegam aqui, recebem um exorcismo e voltam para casa, curadas... Enquanto que na realidade são precisos anos! Eu já fico contente, como lhe disse, se uma pessoa se liberta em quatro ou cinco anos. Também há pessoas que se libertam em oito ou nove meses; mas são casos raros. Geralmente são precisos quatro ou cinco anos, e muitos nunca se libertam completamente.

Estou muito ligado a estes grupos de Renovação porque fazem preces de cura e de libertação, mesmo sem serem exorcistas, e nem sequer sacerdotes. Fazem oração em grupo. Também aqui, em Roma, há muitos destes grupos. Em Santo Ângelo em Pescheria, por exemplo, temos o padre Ermete, que não é exorcista, mas dá bênçãos com uma grande eficácia. À quarta-feira e ao sábado. Começam a rezar às 18 horas, mas o padre Ermete já ali está desde as 16 horas para abençoar e confessar. Mora em Montesacro, onde fica a Igreja dos Anjos da Guarda. De manhã está lá para abençoar e confessar, e à quarta-feira e ao sábado fazem orações de libertação e de cura. E conseguem, porque são eficazes.

Mas eu sou muito ligado a Medugorje porque era director do jornal mariano das Edições São Paulo. Quando começaram as aparições, em Junho de 1981, interessei-me logo pelo assunto, e o primeiro artigo sobre Medugorje escrevi-o em Outubro de 1981. Depois escrevi livros e uma série de artigos sobre Medugorje, e também lá fui muitas vezes. Porque queria verificar se as aparições eram verdadeiras ou falsas.

Pensa que são verdadeiras?

E de que maneira! Ao longo destes anos fiz amizade com os seis rapazes, os videntes, e ouvia as pessoas. É o sítio do mundo em que se fazem mais confissões e onde ocorrem mais conversões. Mais do que em Lourdes, mais do que em Fátima. Tem uma supremacia absoluta, visível, mesurável.

E no que diz respeito à luta contra o Demónio, há muita gente que faz orações, mesmo com sacerdotes e, em seguida, os que vão a Medugorje reúnem-se em grupos de oração; também eu em 1984 fundei um grupo de Medugorje aqui em Roma. E todos os últimos sábados do mês fazemos três horas de oração como fazem em Medugorje. É um grupo que nasceu entre pessoas que iam a Medugorje, entre os quais eu também estava.

Nos seus exorcismos cita a Senhora de Medugorje?

Não, não a cito. Geralmente invoco a Senhora Imaculada, a mãe de Deus. Também sou muito devoto à Senhora de Guadalupe, aquela ali (indica uma imagem da Virgem de Guadalupe...) que converteu a América Latina, que de outra forma não se teria convertido. Antigamente havia os frades, que não conseguiam nada, nada. Quando Ela apareceu, e apareceu como uma rapariga asteca — e repare que os «nossos», que foram da Europa para a América, se portaram muito mal, como ladrões e assassinos muitos deles —, assim que ela apareceu, os locais sentiram-na como uma causa sua, não como uma coisa importada do outro lado do oceano. E através da Senhora chegaram a Deus, e converteram-se. Sou muito ligado à Virgem de Guadalupe, até porque o significado do nome

«Guadalupe», numa antiga língua índia, é «Aquela que esmaga a cabeça da Serpente», razão pela qual me parece particularmente indicada como protectora de todos os que exercem o meu singular ministério.

O CASO MILINGO

Um homem que travava uma grande luta contra o Demónio era Emmanuel Milingo...

Sim, é verdade, e muita coisa fiz eu também com ele! Somos amigos, ainda o somos hoje. O que lhe aconteceu é um ponto de interrogação a que eu não sei responder. Posso dizer-lhe que veio aqui ter comigo há alguns meses, conversámos durante duas horas, recordando as coisas que tínhamos feito juntos, as missas, os exorcismos, as orações... Pensei: «Não lhe vou perguntar nada de pessoal, se não corro o risco de quebrar esta amizade.» Enquanto eu for amigo dele, é possível que chegue um momento em que eu lhe possa ser útil para regressar. Por isso não quero quebrar esta amizade. A amizade é suficiente, não falámos de coisas pessoais.

Pessoalmente, considero que em toda a sua história — que provocou tanta celeuma há alguns anos, voltando de vez em quando à actualidade também nestes últimos tempos — houve indubitavelmente influência do Demónio, porque quando há culpas, desvios, o Demónio tenta fazer-nos cair no pecado, afastar-nos de Deus e da Igreja, e portanto a influência do Demónio existiu, com certeza, mas como influência.

Sei lá! Eu rezo sempre por ele, para que regresse... Sem dúvida nenhuma que amava João Paulo II, e o seu primeiro regresso deveu-se ao amor que dedicava a João Paulo II. Que foi quem o libertou da prisão. Esta é a sua história, tanto quanto eu sei. Ele era arcebispo e presidente da Conferência Episcopal; chamaram-no a Roma dizendo-lhe que tinha de ir falar com o Papa. Ele veio, com uma mala pequena, e pensou: «Vou estar em Roma três dias.» Foram buscá-lo, levaram-nos para os passionistas, em Celio, e prenderam-no lá. Por acaso, ao fim de três anos, algumas

peças começaram a ir ter com ele para receber bênçãos. E os passionistas deixavam. Abençoou um homem que ele não conhecia, e este homem era uma pessoa que tinha muita influência no Vaticano, e tinha a possibilidade de ver o Papa e falar com ele. Foi ter com o Papa, contou-lhe a história de Milingo, e o Papa mandou-o tirar dali imediatamente, nomeou-o cidadão do Vaticano e deu-lhe um posto, na praça São Calisto. Era lógico que ele estimasse muito João Paulo II! Depois foi novamente bastante maltratado pelos bispos...

Tinha os seus defeitos, isso é verdade. Vou contar-lhe uma história, tal como me foi contada a mim. Todos os meses ia a Desio, onde ainda hoje se realiza, uma vez por mês, aquela grande reunião com um sacerdote negro, fazer um dia de oração. O cardeal Martini, que era então arcebispo de Milão, mandou dizer-lhe que quando ele ali fosse devia avisá-lo antes. Nunca o quis fazer. Os amigos diziam-lhe: «Mas o que é que te custa, escreve-lhe duas linhas, nós ditamos-te... Eminência, em tal dia eu vou estar em Desio. Ponto, assinas e já está.» Mas ele nunca o quis fazer. Ver-se tratado assim, ver fecharem-lhe na cara as portas das igrejas...

Celebrámos missa nos prados da Villa Doria Pamphili por várias vezes. Para poder dizer missa, um bispo a quem não se dá nenhuma igreja é obrigado a celebrá-la num prado, com a autorização do presidente da Câmara socialista! A pior partida foi a que lhe fizeram na Basílica de São Paulo. Naquele dia chegaram autocarros até da Sicília; ele entrou pelo fundo, atravessou a igreja, no meio de aplausos, num clima de festa! Entrou na sacristia para se vestir e o abade disse-lhe: «Olhe, chegou uma ordem do Vaticano que o proíbe de celebrar missa.» Empalideceu; de tal maneira que pensavam que ia desmaiar; e, de facto, tiveram depois de o internar num hospital. Havia milhares de pessoas à espera dele, e não houve respeito nenhum, nem por ele, nem pelas pessoas. Podiam tê-lo avisado uma semana, um dia antes. Mas disseram-lho quando estava na sacristia a começar a vestir-se.

FALA EMMANUEL MILINGO

Considero útil, para completar aquilo que anteriormente referi sobre Milingo, apresentar este seu testemunho, publicado no boletim da Associação dos Exorcistas.

«...Em Lusaka, mas também em muitos outros lugares do mundo onde vivi, constatei que muitos cristãos não pedem ajuda a Jesus, mas vão a curandeiros. É absurdo. No Evangelho é Jesus quem cura todos os males, o libertador dos espíritos maus. Porque é que os cristãos se dirigem a outros lados? É claro; fazem isso porque na mentalidade corrente se considera que o Evangelho contém factos históricos, ocorridos num determinado período, e que não é uma realidade viva.

Eu reflectia e convencia-me de que, para ser um verdadeiro cristão, devia acreditar cegamente em tudo aquilo que é referido no Evangelho. Comecei imediatamente a agir, tentando resolver os problemas com a oração, como Jesus me tinha ensinado. Obtive imediatamente resultados assombrosos, quer no que dizia respeito às doenças, quer em relação às possessões diabólicas. Apercebi-me de que entre os dois tipos de sofrimento havia muitas vezes uma ligação. Os médicos encontram-se, por vezes, diante de doenças inexplicáveis. Provavelmente são doenças provocadas pelos espíritos do Mal, e então só a oração as pode curar... Nos meses seguintes, factos assombrosos e inexplicáveis continuaram a seguir-se com uma frequência impressionante. Eu tinha-me abandonado totalmente nos braços do Senhor...

Nos meses de Maio e Junho de 1973 continuei a curar e a libertar; mas fazia-o em privado, na minha residência. No dia 3 de Julho participei, na Catedral, numa reunião da Acção Católica. Decidi que aquele era o momento de me expor. Disse: ‘Irmãos, nós sofremos durante muitíssimo

tempo de *mashawe* (o *mashawe* manifesta-se quando uma pessoa começa de repente a ter comportamentos animais) e fomos obrigados a procurar curandeiros fora da nossa religião. Eu digo-vos que podemos curar esta doença na nossa Igreja Católica. Jesus é o verdadeiro curandeiro... Se algum de vós sofre desta enfermidade, não tenha receio, pode avançar, e nós tentaremos ajudá-lo.’

...O primeiro contacto que tive com os poderes sobrenaturais do mundo das Trevas remonta a 1973. Em Abril desse ano tive uma crise interior. Era sacerdote há vinte e cinco anos e bispo há quatro. Trabalhava para o Senhor, mas era bastante ignorante sobre tudo o que se referia ao reino de Satanás. Conheci o mundo dos satanismos, a massa dos sofredores abandonados; tive experiências aterradoras, libertei pessoas possuídas por almas de defuntos. Recebi fotografias de pessoas cuja imagem foi trespassada por agulhas: nos olhos, no coração, em outras partes vitais. Às vezes estas fotos estão metidas em garrafas, fechadas com uma espécie de argamassa que tem impressa a maldição do inimigo odiado. Depois são atiradas aos rios ou sepultadas num túmulo; isto significa que a pessoa está condenada à morte.

Nasce depois uma ligação entre a pessoa que encomendou a vingança e quem a executa; esta ligação é ruínosa, é o início de uma conquista por parte de Satanás e não se sabe onde poderá acabar.

...É claro que as pessoas perturbadas por Satanás não são tão numerosas como por vezes se tende a considerar. Mas em todas as dioceses deve haver especialistas, prontos para intervir. No entanto, não só há dioceses que estão privadas de exorcistas há muitos anos, como também há mesmo bispos que proíbem aos seus sacerdotes de se interessarem pelo exorcismo. Actualmente, muitos eclesiásticos, mesmo nos cargos mais importantes da Igreja, evitam falar do Demónio. O Demónio tornou-se num animal protegido e os exorcistas são considerados criminosos. Satanás tem a possibilidade de se movimentar como entender por entre os cristãos da Igreja Católica.

...As minhas convicções e a minha acção foram claras desde o início. Tenho a certeza de que, se desde o início da minha história se tivesse procurado a verdade e não se tivesse fantasiado sobre equívocos, eu ainda estaria em Lusaka. Mas poucos acreditaram na minha boa-fé; nem sequer a Igreja acreditou.»

NUNCA TIVE MEDO

D. Gabriele, voltemos à sua vida. Nunca teve medo?

Eu sempre disse que o Demónio tem medo de mim, e sempre disse: «Quando me vê, não sabe onde se há-de meter. Nunca tive perturbações, nem medo do Demónio.»

Mas com outros nem sempre foi assim... Há efectivamente exorcistas que tiveram incómodos, e incómodos fortes. Gostava que lesse um livro, de Renzo Allegri, *Cronista all'inferno*¹. Encontra aqui em Roma um exorcista que ficou feito num farrapo pelo Demónio. Fisicamente. Não conseguia fazer mais nada. O Senhor às vezes permite estas coisas, sempre para daí obter algum bem. Quem sabe o bem que ele conseguiu com os sofrimentos deste exorcista.

¹*Em português, «Cronista no Inferno.» (N. da T.)*

O PAPEL DOS SENSITIVOS

E os videntes, os sensitivos, que papel podem ter?

Há um carismático, o único em quem tenho confiança... Há muitos que são falsos carismáticos. Mas há um a quem eu mandei muita gente, a quem as pessoas se podem dirigir até pelo telefone. Vive nas Marche. Quando lhe telefonam, no início da conversa pergunta o nome, pergunta a idade; e depois conta a história toda da pessoa. Por exemplo, diz: «Quando tinhas seis anos, sofreste um malefício de tal pessoa... Este malefício foi-te repetido quando tinhas vinte anos... E atingiu-te...», sempre pelo telefone, repare bem, «põe a mão sobre o rim direito, não, um bocadinho mais abaixo... pressiona ligeiramente...» «Ahhh!» «Dói-te?» E a pessoa sente uma dor tremenda.

Tem uma sensibilidade, poderes excepcionais... isto é verdadeiro carisma. É o único em quem confio. É difícil, uma vez que lhe ligam de toda a Itália, encontrar o telefone desimpedido. Há um atendedor de chamadas que informa sobre horários de atendimento de manhã e de tarde.

Infelizmente, nunca nos encontramos, mas como já falámos tantas vezes ao telefone consideramo-nos amigos. E manda-me todas as pessoas de Roma que lhe pedem ajuda...

Esse sensitivo apercebe-se das presenças maléficas?

Sempre: quando este professor das Marche me manda as pessoas, estas têm qualquer coisa; e às vezes é qualquer coisa de muito violento. E os seus diagnósticos são correctos. «Fizeram-te malefícios de morte! Fizeram-te malefícios muito fortes! Tu sentes isto e aquilo...» Tudo isto são coisas que diz sem ver a pessoa e sem que o outro conte alguma coisa de si.

Há outros... por exemplo há um aqui em Roma, de quem dizem que tem dons extraordinários. Tive alguns contactos com ele, mas depois não lhe voltei a telefonar...

O PROBLEMA DOS «SENSITIVOS»

Fontes fiáveis de discernimento no diagnóstico de um determinado caso são uma grande ajuda para o exorcista, uma vez que lhe reduzem a dependência do seu próprio juízo. No entanto, qualquer imprudência cometida pelo exorcista será utilizada por Satanás contra ele ou contra o possuído. Alguns afirmam que são capazes de entender com bastante certeza o carácter de uma pessoa ou a história de um determinado lugar, da mesma maneira como olham para um ecrã de televisão. Outros afirmam a mesma certeza de diagnóstico com base na faculdade, que dizem ter, de interpretar os movimentos do pêndulo, a disposição do óleo despejado na água, etc. Está muito difundida a opinião segundo a qual o valor destes supostos dons deve ser considerado da mesma forma que os critérios recomendados pelo Ritual de 1614. Mas como é que se pode ter a certeza que esses dons provêm de Deus, ou da nossa natureza humana, ou dos anjos, ou dos demónios?

Casos análogos referentes aos videntes e às aparições podem ajudar-nos a discernir se tais dons provêm de Deus. No discernimento das «aparições» pode ajudar perguntar ao vidente de que modo ele estabelece uma relação com Jesus, ou com Nossa Senhora, antes, durante e depois da aparição; isto com o objectivo de verificar se o «vidente» se torna mais consciente da necessidade de adorar ainda mais Jesus. A veneração é a humildade na acção, é qualquer coisa que não pode vir nem de Satanás nem de nós mesmos. Mas também se não se crescer na veneração por Jesus, isto não quer dizer que as aparições ou os dons provenham necessariamente de Satanás, uma vez que podem provir dos anjos ou da nossa natureza humana.

É certo que os anjos podem ajudar-nos a verificar a presença do Demónio de muitas maneiras. Mas não creio que os anjos usassem métodos que os demónios pudessem facilmente imitar para nosso dano. Isto significa que estes dons (pêndulo, óleo...) provêm ou dos demónios ou da natureza humana. A nossa natureza humana apresenta uma grande riqueza interior, que é inexplicável. Por exemplo, é comum os gémeos saberem onde se encontra o outro, em que é que está a pensar, etc. Muitas vezes as mães intuem o que está a acontecer aos filhos, sobretudo se lhes acontece alguma coisa de preocupante. Tais capacidades podem ser naturais; mas depois do pecado original, os homens são mais facilmente tocados por aquilo que é material do que por aquilo que é espiritual na nossa natureza; são por isso menos propensos a desenvolver as suas capacidades nesta direcção. Mas vejamos, por exemplo, como o Cura d' Ars era competente no plano espiritual. É claro que nem todos se podem atribuir a mesma santidade. Mas o uso destas capacidades é de evitar, pelo menos no diagnóstico de indivíduos possessos.

Se um exorcista se torna imprudente, provavelmente não se limitará a utilizar estes fenómenos extraordinários. Poderá também atribuir uma excessiva importância aos seus próprios poderes de investigação. Por exemplo, o Maligno gostaria muito que um exorcista atribuísse determinadas acções a determinados demónios, para que o exorcista ficasse a saber os nomes dos diabos com base nas acções reconhecidas em cada caso específico. Depois, se o exorcista tenta expulsar o Diabo enganando-se no nome, o que fará o Diabo senão permanecer, fingindo ter saído? É importante notar que, entre os anjos rebeldes, não há democracia, mas uma hierarquia rígida. Eles agem e falam segundo a vontade do seu chefe; este é o motivo pelo qual muitos diabos simples dizem o seu nome. De outra forma agiriam e falariam em função das circunstâncias e das exigências, quer da própria pessoa que atormentam, quer do próprio exorcista.

UM DOM, MAS DE ONDE VEM?

A sensibilidade particular destas pessoas provém ou da Natureza, ou de Deus, ou do Demónio. Se provém da Natureza, o termo correcto é sensitivos; por exemplo, um vidente que sente a água. É uma sensibilidade particular, que por vezes é indicada como um sexto sentido, que pode referir-se só a factos naturais; por isso não pode servir de ajuda para perceber se há presenças ou influências maléficas.

Se esta particular sensibilidade e percepção vem de Deus, então trata-se de carismas e deve-se falar não de sensitivos, mas de carismáticos. Não me demoro na sua definição, e sobretudo não me detenho sobre o importante problema do discernimento. É um facto que muitos exorcistas se valem da ajuda de carismáticos; por vezes são até demasiado condicionados por eles. Por isso, um exorcista não pode desconhecer aquelas regras fundamentais de discernimento que são indispensáveis para o ajudar nesta difícil escolha. A mim já me aconteceu mais do que uma vez aceitar pessoas a rezar durante os meus exorcismos, na sequência de informações que pareciam muito sérias e boas, e depois ter de os excluir, procurando a melhor maneira.

Se esta sensibilidade particular provém do Demónio, ainda que, como muitas vezes acontece, sem a própria pessoa o saber, então o termo que proponho é ocultistas, porque de uma forma ou de outra trata-se de operadores do oculto. Eu disse que por vezes a pessoa não se apercebe disso porque — por ignorância — realiza acções mágicas sem se dar conta; ou então acredita que tem um espírito-guia que as sugere; ou recebe a inspiração de fontes que considera boas (vozes, sonhos, presenças), mas que, pelo contrário, têm uma origem maléfica.

...Para o nosso ministério específico não nos interessam os sensitivos; interessam-nos os ocultistas, para alertar as pessoas sobre eles, ainda que, em muitos casos, possam chegar até nós pessoas que receberam de bruxos diagnósticos exactos das suas perturbações. A nós interessam-nos sobretudo os carismáticos, pela ajuda que possam dar, quer no diagnóstico quer no decurso dos exorcismos; e mais ainda no decurso das orações de libertação.

AS ALMAS DOS DEFUNTOS

*N*os seus exorcismos, alguma vez encontrou almas de defuntos?

Não só lhe digo que sim, como também lhe digo que coloquei esta questão num congresso e numa circular que fiz, pedindo aos exorcistas que participavam, e que tinham muitos anos de prática, que escrevessem as respostas.

Poucos responderam *não*; a maior parte respondeu *sim*. E também eu encontrei almas de danados, não de simples defuntos, de danados. Mas vi sempre que por detrás deles havia um Demónio que os manobrava. Ou seja, são escravos de Satanás. À mercê do Demónio, enviados para infestar as pessoas. O Demónio servia-se deles para causar distúrbios às pessoas, mas era ele que comandava.

Eu conseguia descobri-lo porque a certa altura lhes impunha que dissessem o seu nome. Não o queriam dizer (a voz torna-se num grunhido, numa imitação da do possesso), e às vezes eu sugeria um nome, e eles caíam: Satanás, Lúcifer, e depois Asmodeus e depois muitos outros, Belzebu... Quando têm nomes bíblicos, são poderosos; porque também há alguns que têm poderes e que é possível expulsar em pouco tempo. E os danados, a certa altura, eram obrigados a dizer-me: «Sim, sou este e este...» Quando eu perguntava: «Quem te guia? Quem te comanda? Quem te manobra?», ao fim de muitas tentativas chegavam a dizer o nome, e eu conseguia falar com o Demónio, e fazia exorcismos sobre o Demónio.

Portanto, podem usar almas de danados...

Segundo a minha experiência, sim. E também segundo a experiência de outros, de entre os mais conhecidos. Por exemplo, o padre Matteo La Grua, um grande exorcista siciliano, que já está muito velho e mora em

Palermo. Tem noventa e quatro anos: agora apenas abençoa, já não faz exorcismos. Também a ele aconteceu encontrar almas de danados. Ou então poderia referir a experiência do padre Antonio, que já morreu, e era exorcista em Benevento, e que me contava coisas muito fortes neste sentido.

Quanto ao problema das presenças, com base nas minhas pobres experiências, sempre verifiquei a presença do espírito Maligno, quer nos poucos casos de possessão, quer nos múltiplos casos de infestação pessoal ou local. Apenas num caso o espírito declarou ser uma alma danada, revelando nome, apelido, circunstâncias da morte e o motivo da sua presença naquele homem; mas depois de um exorcismo que pareceu conclusivo, não soube mais nada dele. Como interpretar o caso? O Demónio também se pode travestir de alma danada, como afirma o Ritual. Quanto às almas penadas, estou de acordo com o que outros já disseram antes de mim: são almas santas e não podem fazer mal.

O DEMÓNIO USA AS ALMAS DOS DANADOS?

Através dos comentários de vários exorcistas, verifica-se que alguns deles tiveram de lidar com prováveis almas atormentadas. Em muitos dos casos que eu tratei, achei que eram realmente almas de mortos que podiam ser convocadas e que, sobretudo por causa da sua obsessão demoníaca, tinham escolhido estar num determinado lugar e atormentar as pessoas que ali viviam.

Num caso tive de lidar com um homem e duas mulheres que tinham morrido numa casa. Durante algum tempo tinham atormentado a família que lá vivia. As nossas orações de exorcismo, que são inestimáveis, em alguns casos não têm influência sobre estas almas; aquilo que se devia fazer era adaptar, e usar algumas das orações que pronunciamos para os mortos; mas também, ao mesmo tempo, falar a estas almas atormentadas, mandá-las embora e fazê-las entender que esta família que estão a martirizar não tem sentimentos de rancor em relação a elas. E que lhes perdoa. Ao longo da oração tento conduzir estas almas para a luz de Cristo, onde Deus agirá segundo a sua vontade.

É um facto provado — e nós sabemos-lo através dos casos de muitos exorcistas e do testemunho que muitos deles deixaram na História, na antropologia e nas outras religiões — que nem todas as almas, depois da morte, vão imediatamente para o Paraíso ou para o Inferno. Algumas ficam «retidas» por causa das suas ligações materiais e do seu ressentimento e ódio em relação aos outros, ou porque se entregaram a si mesmas ao Demónio. Ocasionalmente, ao lidar com estas almas atormentadas, também se pode descobrir que se está a contactar com um Demónio. Nestas situações, é preciso ser prudente, porque se tem efectivamente a possibilidade de libertar aquela alma, ou então que ela

regresse do Demónio, durante o combate que se prepara. O Demónio é mestre na mentira e tenta enganar-nos o mais possível. Da nossa parte, devemos sempre reconhecer que o Senhor permite, por qualquer razão específica, que estas situações se verifiquem, e que nós podemos beneficiar disso para os conhecimentos que dali retiramos.

Nos últimos anos, a maior parte dos casos parece ter a ver com aquelas almas que tinham sido possuídas, e que tinham sido usadas ou manipuladas pelo Demónio para atormentar ou aterrorizar indivíduos e famílias. Por vezes, alguns destes casos verificaram-se por uma antiga maldição lançada sobre a família.

Resta então o problema de saber se é necessário que haja muitos exorcismos. Isto depende das próprias situações. Se, por exemplo, tivermos de lidar com alguém que tenha sido iniciado na magia negra como forma de serviço para se tornar sacerdotisa ou sacerdote, então pode esperar-se que sejam precisos muitos exorcismos. Eu vi um exorcista muito pio e devoto, que tinha jejuado e rezado, e que teve de repetir muitas vezes os exorcismos. Aquilo que me aconteceu foi ver manifestar-se, em alguns exorcistas, o orgulho e uma certa forma de ambição. O Demónio, quando vê orgulho e ambição no exorcista, encontra exactamente o que procura: um opositor não concentrado no seu ministério. É como quando, no Evangelho, o Senhor responde aos discípulos que lhe perguntam porque não foram capazes de expulsar os demónios: «Há casos que requerem orações e jejuns», subentendendo que devem sentir-se apenas instrumentos da presença salvadora do Senhor.

Acho que se deve reconhecer que, apesar dos progressos da tecnologia moderna, só como exorcistas somos capazes de distinguir prontamente os acontecimentos e as situações que temos de enfrentar. O Demónio não conhece barreiras ou limites para submeter pessoas ou almas. Parece que, numa perspectiva histórica, quando se compara os casos actuais com os que foram publicados, e que são considerados como exemplos clássicos de possessões ou opressões demoníacas, muita coisa mudou: o que parecia ser considerado isto ou aquilo, hoje é considerado uma forma de doença

mental. Mas só quando uma pessoa, por meio do exorcismo, começa a verificar e provocar o indivíduo, é capaz de ver se aquilo que foi etiquetado como doença mental é realmente isso ou se é um mal maléfico. Isto porque devemos sempre basear-nos em sinais e fenómenos observáveis, ou então em provocações silenciosas (por exemplo, levar a Eucaristia sem dizer a ninguém...), e utilizar a água benta com sal bento, e também a água que utilizamos nas liturgias pascais, observar qual a que bebem e qual a que recusam. Eles reconhecem sempre a água benta com sal bento; durante muitos anos foi-me cuspidada na cara quando existia uma presença demoníaca na pessoa.

Devemos ter cuidado, uma vez que vivemos e trabalhamos num mundo no qual o Demónio está interessado em destruir o poder da Igreja, destruindo o sacerdócio de Cristo. Devemos também aprender a trabalhar com os nossos colegas médicos, mesmo no campo da saúde mental: eles podem oferecer um serviço notável à Igreja. Devemos aprender a ter confiança nas suas afirmações, assim como também é preciso que eles tenham confiança em nós. Ao fim e ao cabo, o nosso objectivo é o mesmo: a salvação do indivíduo enquanto pessoa.

UMA ALMA NA ESCURIDÃO?

Perguntam-nos: os que fazem sofrer uma alma são sempre e só demónios ou também almas danadas? Mesmo tendo em conta os enganos nos quais o Demónio tenta fazer-nos cair, acho possível a intervenção dos danados. Sabemos que também os demónios têm a sua hierarquia: porque é que um chefe Diabo não poderia ordenar a um danado que atormentasse uma alma? Deduzo-o também dos casos em que verifiquei uma força muito inferior àquela que verifico com a presença de demónios.

Existem almas errantes que ainda não receberam um destino definitivo.

Vou contar-vos um episódio excepcional, do qual conservo as cassetes gravadas. Um dia apresenta-se-me uma senhora que se queixa de dores fortes e estranhas. Eu rezo e ela entra numa espécie de transe.

Interrogo a eventual presença que há nela: «Diz-me, em nome de Deus, quem és.» Responde às minhas perguntas sem demasiada dificuldade. Diz que é um albanês de origem calabresa. Ao dirigir-se à Calábria para o Dia de Finados, a conduzir um automóvel em estado de embriaguez, morreu num acidente em que matou também outra pessoa. Vejo que quando falo de diabos e de Inferno fica aterrado. Pergunto: «Estás no Inferno?» Responde com força: «Não!» «Onde estás?» «Na escuridão», responde. Fico perplexo. Pergunto-lhe como entrou naquela mulher, e responde contando-me uma história bastante detalhada, que depois a senhora, ao sair do estado de transe, me confirma. Diz que foi obrigado a entrar ali por obra do guarda do cemitério, que se tinha servido do seu cadáver para um malefício.

Pergunto-lhe se deseja ver Deus. Responde com um longo «sim» desprovido de desespero e com grande desejo. Um dia falo-lhe de Maria

Santíssima; não sabia nada sobre isso e disse-me logo que a sua mãe se chamava Carmelina. Comecei a instruí-lo; escutava com interesse. Veio-me a dúvida de que estivesse realmente na escuridão (o Sheol hebraico?). À pergunta sobre se estava disposto a pedir perdão a Deus pelos seus pecados, respondeu que sim. Fiz-lhe uma confissão um pouco genérica sob condição e absolvi-o sob condição.

Depois perguntei-lhe quando se ia embora. Respondeu: «Daqui a vinte dias.» «E onde vais?» «Expiar.» Talvez no Purgatório? Naquela noite, quando a senhora regressou a casa, a personagem disse-lhe claramente: «Fiz-te sofrer muito, mas a culpa não foi minha. Quando estiver no Céu vou rezar muito por ti.»

Este caso coloca grandes problemas teológicos. Mas até São Francisco — refere a tradição — ressuscitou uma mulher morta em pecado mortal, confessou-a e depois ela adormeceu em paz.

O ESPÍRITO-GUIA DE ELVIS

... É preciso também abordar o assunto das personalidades múltiplas, de que se falou por ocasião de um congresso internacional dos exorcistas; penso que é um campo sobretudo da competência médica. Depois deveremos abordar o fenómeno dos espíritos-guia, que muitas vezes dizem ser almas de defuntos.

Em Turim há um sujeito que diz ter o espírito-guia de Elvis Presley, que cometeu suicídio! Acho que, no máximo, poderá ser um espírito que andava em cima daquele cantor e que conseguiu transferir-se para este senhor, um pranoterapeuta² admirador de Presley até à idolatria.

Um outro caso de espírito-guia que se revelou perigosíssimo é o de um artista que se suicida aos quarenta anos. A família de uma rapariga indicava-o como um deus, de tal forma a sua arte parecia divina. No clima desta admiração-idolatria, a rapariga descobriu um dia que tinha como espírito-guia o espírito do artista, com grande alegria dos pais... até que ela foi tentada fortemente para o suicídio e se salvou graças à oração de libertação. É claro que acabou naquela família a idolatria por aquele artista, e a rapariga, sem mais nenhum espírito-guia, vive equilibrada e serena.

Muitas são as questões que ficam em aberto neste campo. Os teólogos contactados já me disseram que as definições válidas são demasiado escassas, e são muito poucos os estudos sobre esta matéria; escassos os aprofundamentos bíblicos, raros os estudos patrióticos, mínimos os contributos teológicos. Por isso, já houve pessoas que se recusaram a dar uma resposta por escrito, ou que me disseram: «Tens de te contentar com opiniões pessoais, e confrontá-las com o pensamento de outros; e só ao

fim de um longo caminho se poderá pensar em obter intervenções decisivas por parte da autoridade eclesiástica...»

O problema para nós, exorcistas, surgiu quando tentámos juntar as nossas experiências sobre a possibilidade de encontrar em algumas pessoas que exorcizamos almas de defuntos (danados? Nem sempre) em vez de demónios, ou às ordens de demónios. As opiniões foram discordantes, segundo as várias experiências dos próprios exorcistas...

À espera da Parúsia, também os defuntos vivem um período a que chamaria intermédio em que, mesmo que a sua sorte eterna já esteja decidida, na realidade não é atingida, pela ausência do corpo. Mesmo os demónios, que estão «presos no Tártaro à espera do juízo» (São Pedro e São Judas) têm ainda grande actividade. Sabemos alguma coisa sobre beatos e almas penadas (recebem as orações, os sufrágios, rezam por nós); nada sabemos sobre os danados, que estão também no período intermédio. Será possível pensar em utilizá-los? Se é possível uma actividade pelo Bem (para as almas do Paraíso e do Purgatório) porque não poderia ser possível uma actividade pelo Mal para os danados? Poderia alguém estar ainda em fase de escolha?

² Ligado à prática da pranoterapia, que consiste na cura através das mãos. (N. da T.)

MANDAM-ME SEMPRE EMBORA!

D. Gabriele, voltemos à sua experiência. O senhor está numa congregação religiosa. Como consideram o seu trabalho?

Como já lhe disse, o ofício de um exorcista é um ofício difícil, incompreendido. Também eu sou de tal maneira querido que este é o vigésimo terceiro lugar onde faço exorcismos. Mandado embora. Mandado embora. Mandado embora... Porque as pessoas não querem ouvir gritos, basicamente. Mandaram-me embora de todos os lugares onde fiz exorcismos aqui em Roma. É o vigésimo terceiro lugar, aquele onde trabalho actualmente.

É difícil viver com esta desconfiança por parte dos colegas?

Uma pessoa habitua-se... uma pessoa habitua-se.

É realmente uma batalha em duas frentes... e quem devia ajudar...

É assim. Os bispos, mesmo aqueles que nomeiam exorcistas, em geral fazem-no relutantemente. Não se informam sobre como correm as coisas, quantos há, se seriam precisos mais, quantas pessoas são afectadas, e não reúnem os exorcistas para analisar a situação. Nada disto. Nomeiam alguém, e depois o exorcista que se arranje, mais nada. Não tratam de nada.

QUANTOS SÃO OS POSSUÍDOS?

Quantos são os casos de possessão verdadeira, em milhares de exorcismos? Uma centena?

Mais. Não sei se está a ver a quantidade de exorcismos que eu já fiz, e ainda estou a fazer muitos, já viu a minha agenda... Agora estou a abrandar um pouco, porque estou a envelhecer; mas não muito, porque de facto passo os meus dias a fazer exorcismos, todas as manhãs, todas as tardes, até no dia de Natal, até no dia de Páscoa. Sempre. Excepto no tempo dedicado às pregações ou às transmissões televisivas, ou seja, coisas que têm a ver com este trabalho.

Segundo um cálculo por alto, já fiz mais de setenta mil exorcismos. Não setenta mil pessoas, como é evidente. Não consigo calcular o número de pessoas: posso calcular as sessões de exorcismo. Agora calculo que faço — antes eram mais numerosas — cerca de dezassete por dia. Agora, como lhe disse, faço menos. Por exemplo: de manhã, que reservo para os casos «maiores», chamo cinco pessoas. É claro que para quem não tem marcação não há nada a fazer, porque se assim não fosse enlouquecia.

É provável que eu tenha feito centenas de exorcismos a uma mesma pessoa; por isso digo que posso calcular *grosso modo* quantos exorcismos realizei e não sou capaz de dizer quantas pessoas assisti. Mas encontrei muito mais de cem possuídos. Até aos cem ainda os anotei; depois fartei-me e não anotei mais.

E depois é preciso ter em consideração que, tendo ficado como sucessor do padre Candido, me deparei com toda a herança do padre Candido. Todas as pessoas que estavam a ser acompanhadas por ele, isto é, todos aqueles que estavam seguramente possuídos, ou atormentados pelo Demónio, eu herdei-os. Encontrei-me com uma multidão de pessoas

realmente perturbadas pelo Demónio. Comecei logo com uma «clientela». E havia ali muita gente que tinha uma possessão.

E houve alguns que nunca foram libertados. Santo Afonso de Ligório diz: nem sempre se chega à libertação, apesar de se chegar sempre a algum benefício. Por exemplo, há uma senhora que mora não muito longe daqui, e que chegou à libertação total, mas foram precisos muitos anos. Antes exorcizava-a um sacerdote que já morreu, um meu caríssimo amigo. Pároco e exorcista, durante muitos anos foi ele quem a exorcizou. Depois durante vários anos exorcizei-a eu, até que acabou por se libertar completamente.

NÃO TENHO SUCESSORES...

*T*em um sucessor, D. Gabriele?

Não.

E porquê? Não está a «treinar» ninguém?

Depende dos bispos. Aqui em Roma... uma vez disse isso ao cardeal Poletti, aquele que me nomeou. Disse-lhe: aqui em Roma, para um bispo, nomear exorcistas é uma brincadeira. Com tantos institutos religiosos que há! E há muitas casas generalícias e, aquilo que mais importa, as casas provinciais. Porque às vezes os «generais» não conhecem bem a situação local da sua própria ordem, enquanto que os provinciais a conhecem. Por isso, o que é que custa chamar alguém? Por exemplo, aqui em Roma há imensos jesuítas. Têm a igreja de Jesus, a igreja de Santo Inácio, no Espírito Santo têm a cúria generalícia, têm várias casas. O que custa chamar o provincial dos jesuítas e dizer-lhe: «Ouça, dedique uma pessoa a esta pastoral...» Antes não havia ninguém, agora há um, na igreja de Jesus. Tinham nomeado dois há um ano, agora é provável que um se tenha aposentado. O que custa contactar o provincial de uma destas ordens maiores e dizer: «Dai-me um!»?

O senhor faz escola?

Não faço «escola»; para mim, fazer escola de exorcismo quer dizer fazer exorcismos, e que os sacerdotes assistam.

Tive vários sacerdotes que vinham regularmente e que depois se tornaram exorcistas nas suas dioceses. E dizem: «Eu sou aluno de D. Amorth.» E eu digo-lhes: «Não digam isso!» Eu sou um aluno do padre Candido, isso sim...

Por falar em escolas, devo dizer que também há escolas satânicas. Em muitas cidades. Mas estão escondidas, ultra-escondidas. Também ali o que conta mais é que uma pessoa vá, entre no grupo, participe no culto a Satanás, nas missas negras, e que pratique, isso sim. Há escolas de satanismo e de magia. Sei que a certa altura até davam diplomas. E obrigavam a pagar por eles...

Numa das suas publicações escreveu: «Mesmo uma só pessoa errada presente num exorcismo pode anular o seu efeito.» Porquê?

Porque basta uma só pessoa ligada a Satanás durante um exorcismo para anular o efeito do próprio exorcismo. Ou para contagiar as pessoas presentes. E repare que, infelizmente, há sempre pessoas assim, em todos os grandes grupos; quando por exemplo fazemos dias de oração. Faço poucos, mas faço-os.

Em Julho, por exemplo, vou ao estádio de Avellino ou ao estádio de Salerno. É sempre a mesma pessoa a organizar estas sessões, é um grande carismático, chama-se padre Michele Vassallo, e pertence a uma congregação religiosa, criada há pouco tempo mas florescente. É ele que organiza estes dias de oração, organiza muitos; tem grupos em toda a Itália, e uma vez por ano organiza a reunião nacional, em Avellino ou em Salerno. O estádio de Avellino era mais bonito, porque é mais pequeno, e vê-se o santuário de Montevergine. Mas houve problemas de segurança, e no ano passado fomos a Salerno, e este ano também vamos a Salerno. Estão sempre entre sete e oito mil pessoas presentes. Bem, mesmo no caso de multidões tão grandes, uma só pessoa pode incomodar os vizinhos. E também pode contribuir para perturbar o exorcismo.

Mas nestas concentrações em massa há sempre vários bruxos, e outras pessoas que vão precisamente para tentar incomodar. Põem-se ao pé de uma pessoa e transmitem energia negativa. E essa pessoa sente-se perturbada. E muitas vezes estas perturbações continuam, mesmo depois. E mais tarde, depois de terem ido aos médicos, em vão, acabam por se dirigir ao exorcista; e então vê-se que sofreram realmente uma influência

maléfica. É difícil que se chegue à possessão, nestes casos; muito difícil.
Mas a uma influência maléfica, sim.

MALEFÍCIOS DE MORTE

*F*alou-me várias vezes de malefícios. Também existem malefícios de morte?

Sim, existe o malefício de morte, e eu já encontrei alguns; mas, quanto a mim, não têm um efeito seguro. No entanto, é verdade que há pessoas que tentam causar um malefício de morte... Aquele carismático de quem lhe falava, o professor das Marche, usa este termo dizendo: «Fizeram-te um malefício de morte.» Mas muitas vezes este termo significa apenas um malefício muito grave. Ninguém disse que se morre por causa de um malefício. A vida está nas mãos de Deus.

Quanto pode custar um malefício de morte? Desta vez há razões para se ficar pasmado. Há uns anos, apresentam-me um casal. A mulher refere alguns distúrbios; está casada há um ano e meio e em todo este tempo não voltou a ter o período. De vez em quando, subitamente, desmaia; é alérgica a comidas condimentadas com azeite ou gorduras, porque lhe provocam disenteria. Começo a oração e percebo que há alguma coisa que não está bem. Passo da oração genérica a uma oração de cura e o efeito é imediato: quando regressa diz-me que consegue comer coisas condimentadas sem as perturbações habituais.

Aconselho-a a verificar as almofadas. Numa delas é encontrada uma «medalha», que é destruída pelo marido, segundo os métodos habituais; ao regressar a casa, depois deste facto, o marido descobre que a mulher está muito mal e vomita uma «medalha» igual àquela que fora destruída; tem impressa a efígie de um relicário.

Na noite de 10 para 11 de Fevereiro (aniversário da aparição de Lourdes!) sou chamado à uma da madrugada; a jovem esposa está em coma. Rezo sobre ela e ela acorda; mas recai em coma pouco depois. Rezo

e ela sai do estado de coma, mas está completamente paralisada. Rezo de novo, pousando as minhas mãos sobre várias partes do seu corpo; ao fim de duas horas e meia de oração levanta-se, finalmente, e caminha. As paralisias, sobretudo nos membros inferiores, repetem-se com uma certa frequência. Por vezes basta que o marido lhe faça algumas massagens com óleo exorcizado, pronunciando as orações que eu lhe ensinei, para que as pernas se desbloqueiem; outras vezes é necessária a minha intervenção.

Acompanhei este casal semanalmente; mas, com o passar do tempo, as coisas pioraram. Litros e litros de disenteria, de diversas cores; se o corpo fosse um contentor, não teria bastado para conter o líquido saído. A casa está infestada e a situação piora cada vez mais. Vejo a necessidade de proceder a exorcismos, mas tenho alguma dificuldade; os meus confrades não querem que eu exerça este ministério, para o qual estava autorizado na diocese onde me encontrava anteriormente. O bispo parece ter as mãos atadas, mas finalmente concede-me autorização só para aquele caso, e depois das repetidas insistências dos pais da jovem esposa, que, enquanto isso, é sujeita a contínuos desmaios. Com o início dos exorcismos, os males aumentam. A mulher já não retém a comida e vomita continuamente. Estou convencido de que não se trata de possessão, mas continuo os exorcismos, dada a gravidade da situação. Agora a mulher vomita as coisas mais estranhas: vidros, pregos, gazes, fivelas de metal, pequenos objectos com a forma de animais...

Em quinze dias entrou em coma três vezes. Da primeira vez, depois da oração, levantei-lhe as pálpebras: só se via o branco, não a pupila. Depois mostrei-lhe o crucifixo e recitei: «*Fugite partes adversae...*» A mulher saiu do coma. Da segunda vez, depois da oração, invoquei o padre Pio, pondo-lhe uma relíquia em cima da cabeça; o coma só se resolveu com isto. Da terceira vez, dada a ineficácia do exorcismo pronunciado, disse uma frase imprópria, que por vezes uso com uma certa eficácia: «São Francisco caga na tua boca» (frase inspirada num texto dos *Fioretti*). A sacudir-se, a mulher voltou a si. Em casa, os dois jovens não conseguem resistir mais de duas horas de cada vez, e com o estômago vazio; passam

várias noites no carro para esconder aos familiares o seu estado e inventam desculpas para justificar o visível enfraquecimento da esposa.

Em Novembro do ano seguinte mudam-se para casa dos pais dela, escondendo o mais possível a situação. Recomeçam os vômitos, quase contínuos; a mulher é obrigada a comer constantemente; primeiro expele a comida e depois as outras coisas estranhas. Não chegam para a comida cem mil liras por dia. Agora, o facto mais estranho é que com o vômito começam a sair pedacinhos de papel, que se ajustam como peças de um *puzzle*. Primeiro aparece uma imagem de mulher, em formato postal; por cima está escrito o nome da mulher e a data do casamento. Depois surgem imagens sacras e preces: dois ícones, um crucifixo do século XVIII, um rosto de Cristo. Eram imagens que o pároco deixava quando benzia as casas. Por detrás dos ícones estava impressa a oração da bênção. Reparámos que há um véu sobre o papel: retirado este, surge o programa que o bruxo fez sobre a mulher: um malefício de morte, com programa dos fenómenos, data e termo. A jovem esposa deve morrer de hemorragia até às 24 horas do dia 17 de Março do ano seguinte. Uma outra pessoa possuída, em «transe» durante um exorcismo, preveniu-me: «Precisam de fugir do Piemonte», e avisou que a mulher ia morrer de hemorragia, apesar de a pessoa em questão não saber nada sobre o caso.

Na véspera da data estabelecida para o falecimento, o casal e os pais dela decidiram ir para a Ligúria. Acompanhei-os, depois de ter empenhado na oração alguns mosteiros de clausura. Às 23h55 do dia 17, depois de ter vomitado, durante todo o dia, comida e pedacinhos de papel escritos a esferográfica, somos avisados de que, se desmaiar, devemos retirar-lhe da vagina uma coisa afiada. De facto, foi-lhe retirado de lá um fio retorcido, com quinze centímetros de comprimento. A morte não se verificou, como tinha sido programado pelo bruxo, e acabará por ocorrer a libertação. Entretanto, o calvário ainda não acabou. A libertação foi retardada porque quem encomendou o feitiço ao bruxo lhe pagou mais uma enorme soma.

Sobre outras imagens sacras, vomitadas pedaço a pedaço, emerge a pessoa que provocou o malefício: um apaixonado rejeitado. Este indivíduo

pagou uma nova soma considerável ao bruxo para que este fizesse um novo malefício. Este malefício foi vencido quando o casal, deixando a casa dos pais onde deveria ficar ainda mais um ano, vai viver para outro sítio. Hoje podemos dizer que a esposa está quase completamente curada; deve apenas ter algumas precauções indicadas.

Soubemos que por aqueles dois malefícios o cliente desembolsou exactamente 3 800 000 000 (quase quatro biliões!). Ainda que sempre a comer, mas vomitando continuamente, a mulher chegou a pesar apenas trinta quilos, e tinha um sofrimento indescritível. Bebendo água exorcizada, recuperou rapidamente. É inexplicável como não morreu durante todos estes meses, não se podendo alimentar.

Posso trazer as fotocópias dos programas do apaixonado rejeitado com a sua assinatura e a assinatura do pai, que pagou ao bruxo. Tenho também os programas do bruxo, assinados por ele. Aquele apaixonado podia estar morto, porque se tinha empenhado em morrer juntamente com a sua amada. Estamos a fazer algumas investigações, mas não são fáceis. Também podia trazer amostras dos objectos vomitados. Havia aqui matéria para escrever um livro.

VOMITAR VIDROS E PREGOS

O senhor guardou objectos dos malefícios, e objectos que se materializaram durante os exorcismos?

Tenho mais de dois quilos, no meu quarto. Pregos, até deste tamanho (faz um gesto para indicar uns dez centímetros), fantoches de plástico, pedaços de ferro, muitos pedaços de ferro; objectos vários... Vi, toquei com a mão, nestes objectos que se materializaram no instante em que saíram da boca. Por isso, se alguém fizesse, apenas alguns momentos antes da materialização, uma radiografia ao paciente, não veria nada. E depois têm umas dimensões... Digo-lhe, pregos deste tamanho! Além disso, se uma pessoa actua como exorcista, tem de estar disposto a receber cuspidelas continuamente.

Em relação a estas manifestações, posso contar um testemunho particularmente tocante.

Apresentam-me a situação de um homem de oitenta e cinco anos, perfeitamente são, como os médicos confirmam, que fuma tranquilamente os seus quarenta cigarros por dia. Tinha sido casado e tivera um filho. A mulher, ao andar de bicicleta, bateu contra uma parede, caiu mal e perdeu a vida. A mãe, ou seja, a sogra do homem de quem fui convidado a tratar, como tinha outra filha, queria que o viúvo casasse com ela. Tratava-se de uma rapariga que ficara grávida de outro homem; a mãe obrigou-a a abortar e a deitar o feto num esgoto. À proposta de casamento, o homem opôs uma decidida recusa. Para se vingar, esta sogra, dedicada a superstições e ao ocultismo, mandou fazer um verdadeiro feitiço de morte contra o genro. Foi encontrado um boneco de pano, pregado a um pedaço de madeira, com o estômago cheio de pequenos vidros de garrafa.

Nessa altura o homem decide abandonar a terra da mulher defunta e voltar à sua terra. Mas começa a sofrer: vomita pela boca pregos e vidros, e também por via anal; saem-lhe das calças, não se sabe como; uma vez quando estava estendido no sofá, viu ao levantar-se que este estava cravejado de alfinetes. Há anos que dura esta situação. Cai ao chão, saem-lhe vidros e pregos, que podem ter até vinte e cinco centímetros de comprimento e quase um dedo de largura. Os médicos não lhe descobrem nenhum mal; também vomitou vidros diante deles. Das radiografias não se conclui nada. Às vezes desliza pelo chão como uma cobra ou cai como se o estivessem a segurar, sem se magoar. Recebeu por duas vezes exorcismos do padre Candido. Recebe exorcismos, quer em presença, quer ao longe, e o resultado é que tem fortes reacções, blasfema e agita-se; é raro tornar-se violento; mas sente o intestino, as pernas, várias partes do corpo como que pregadas; sente-se cortado por vidros; esforça-se por os expulsar e vomita. Nunca se magoou com os vidros; mas tanto eu como o filho nos cortámos um pouco quando pegámos neles com a mão.

Agora as coisas estão a correr melhor. Conseguiu finalmente comungar; a partir daí não voltou a vomitar objectos e nunca mais caiu ao chão; mas ainda não consegue entrar na igreja porque, assim que chega à porta, sente uma grande força que o empurra para trás.

Uma vez que mora longe, recebe sobretudo exorcismos à distância. Em sua casa ouviam-se ruídos estranhos e deslocavam-se objectos. Durante um ano inteiro, uma pessoa que morava com ele não conseguiu sair de casa: assim que tentava, ficava bloqueada. Exorcizada a casa, todos estes distúrbios pararam.

Tinha uma grande vinha; um dia viu que tinha duas videiras cortadas com grande perfeição. Pensou que se tratasse de um despeito, e durante quinze dias e quinze noites ele e os seus familiares tomaram conta da vinha, mas as videiras continuavam a ser cortadas. Em duas semanas, a vinha ficou destruída.

Tinha comprado uma cabra para dar leite; quando chegou àquela casa, não comeu nem bebeu durante quinze dias. Depois de uma bênção (ou

seja, um exorcismo adequado, pondo na boca do animal óleo e água exorcizados) a cabra começou a comer, precisamente quando já estava a morrer. Penso que todos estes fenómenos dependiam da negatividade que este homem ainda tinha sobre ele.

UM FATO AMALDIÇOADO

Considero útil referir o seguinte testemunho de uma pessoa que atingiu a libertação completa.

«Adoeci há muitos anos; tenho diversos sintomas físicos incompreensíveis que a ciência médica não conseguiu diagnosticar. Só recorrendo a um exorcista me libertei destes estranhos males. A primeira vez que os senti foi logo depois de ter vestido um fato. Tinha-mo dado uma senhora que também me persuadira a vesti-lo de imediato. Pouco depois, com aquele fato no corpo, comecei a sentir uma angústia muito forte. A minha vontade estava como que paralisada, já não conseguia reagir nem falar; tinha também outras manifestações físicas tão estranhas como dolorosas. O meu corpo, até à cintura, cobria-se de bolhas enormes e impressionantes, que encerravam um fogo insuportável, se deslocavam a olhos vistos e passavam da cara para a cintura atravessando os braços e o tronco. Tinha o corpo cheio destas bolhas; este fenómeno durava há horas. Fui libertado através de exorcismos. Mas ficaram-me as marcas de um rosto desfigurado: não conseguia olhar-me no espelho, de tal forma o inchaço me impedia de abrir os olhos. Reencontrava depois a minha forma habitual e a paz a seguir aos exorcismos. Tinha outros distúrbios muito variados — como ataques de pânico inexplicáveis, paralisias súbitas, disenterias repentinas — que os médicos não conseguiam entender. Mas estou completamente curado, graças aos exorcismos.»

OS RISCOS DO OFÍCIO

Quais são as reacções mais comuns dos seus «pacientes»? Como manifestam a hostilidade em relação às orações de libertação durante o exorcismo?

Bem, são imensos os que cospem, e tentam adivinhar o momento exacto, zás!, para nos acertar em cheio. Porque o exorcista com alguma experiência tenta defender-se das cuspidelas; já sabe que eles cospem e tenta pôr um lenço de papel à frente da cara.

Lembro-me, por exemplo, que a uma pessoa que cuspiu sempre, e eu vi a tempo que o ia fazer, lhe pus uma mão diante da boca: e dali saíram, materializaram-se, três pregos. Ainda os conservo. Estão lá em cima no meu quarto, no terceiro andar. Por vezes levei estes objectos à televisão, porque a televisão precisa de mostrar, de deixar ver estas coisas.

É claro que não se sabe exactamente de que dependem estes fenómenos. Há tantas maneiras de fazer malefícios... os mais comuns são a chávena de café, ou o chocalinho com recheio dentro... Eu digo sempre: tenham cuidado com as pessoas, a casa de quem vão, se for uma pessoa em quem não confiam, de quem esperam alguma coisa de mal, tenham cuidado. Por exemplo, uma pessoa vai a casa de uma tia, que fez um bolo, e há uma fatia separada: «Esta é mesmo para ti», diz ela, e se calhar tem um malefício dentro.

Isto parece um caso banal, mas aconteceu imensas vezes! Uma fatia de bolo, um doce preparado à parte, ou algo de beber. «Tu não bebes?» «Não, não tenho sede...» «Vá lá, olha, prova isto...», e tem o malefício lá dentro.

Malefícios que, em geral, são feitos com sangue menstrual; porque há uma relação com a vida. Ou então matam animais, galinhas, gatos e cães

sobretudo, e usam o sangue deles. Depois utilizam terra que tiraram dos cemitérios. E fazem umas mistelas que no fim são irreconhecíveis, e podem até injectar aquilo dentro de um bombom... «Pega um bombom.» «Uma chávena de café!» E metem lá dentro umas gotas daquela mistela, e o malefício ataca.

Eu disse a muitas pessoas que não fossem comer a casa da sogra, e que não a convidassem, e que lhe fechassem a porta na cara. Cortar qualquer ligação. E às vezes é bom fazer isso também com os pais. Mas também acontece o contrário, ou seja, por parte dos pais em relação a filhos que se entregaram a Satanás, e que se tornaram negativos. Eu digo: «Ponham-nos fora de casa, não lhes dêem livre acesso! Não lhes telefonem, e se eles ligarem desliguem o telefone quando ouvirem a voz deles; não lhes escrevam...»

UMA SOGRA OCULTISTA

Continuando no tema dos malefícios provocados por familiares, refiro o testemunho de uma vítima...

«Estou casado há dois anos. O meu casamento, infelizmente, nunca foi aceite pela família da minha mulher, sobretudo pela minha sogra, que nem sequer participou no casamento da filha. Escrevo sobre este meu sofrimento porque há quatro anos, incluindo os dois de namoro, estamos a viver uma vida inacreditável.

Os motivos deste rancor absoluto por parte da minha sogra devem-se ao facto de que ela já tinha programado o casamento da filha com o ex-namorado. Mas a filha não quis saber disso: tratava-se de um sujeito violento e possessivo, que mantinha a namorada (ou seja, a minha mulher) sujeita a contínuas ameaças. Ela conseguiu insurgir-se e romper com ele.

Acrescento, entretanto, que os meus sogros tinham estreitado uma grande amizade com os pais deste ex-namorado. Em particular, a minha sogra e a mãe do rapaz; aperceberam-se de que tinham a mesma paixão pelo ocultismo, em especial pela cartomancia. A partir de alguns conhecidos descobrimos que, consultando vários cartomantes, a minha sogra gastou milhões para conseguir o nosso divórcio. Não vou dizer, porque pareceria inacreditável, o que esta mulher tentou fazer à minha esposa.

Antes de nos casarmos tínhamos em sociedade uma escola de ourives. A minha sogra disse à filha que ia acontecer alguma coisa má à escola. Poderia parecer uma história inventada: tive uma série de problemas inexplicáveis e por isso, em poucos meses, fui obrigado a fechar a escola. Fiquei sem trabalho de repente; tentei andar para a frente o melhor

possível, como podia. Casámo-nos graças à ajuda de um tio da minha mulher, irmão da mãe.

A minha sogra só se fazia ouvir para declarar que o nosso casamento não podia durar, porque eu nunca mais ia ser capaz de fazer nada. A partir daí, qualquer coisa que eu comece a fazer descamba ao fim de pouco tempo. Ainda por cima, os meus sogros têm uma actividade bem encaminhada; dão trabalho ao ex-namorado da minha mulher e não o dão à filha. Uma vez, falando dos nossos problemas com um sacerdote, este aconselhou-nos a recorrer a um exorcista; e, em primeiro lugar, aconselhou-nos a benzer a casa, porque de noite a nossa cama dança. Foi a primeira coisa que fizemos. O sacerdote que veio benzer a casa não quis entrar; ficou à porta a falar de Jesus Cristo, enquanto me envolvia num perfume de incenso. Depois decidiu-se a fazer uma bênção apressada e foi-se embora a correr.

As coisas que aconteceram não as posso contar numa carta, porque seria demasiado longa. Se eu as dissesse, tomar-me-iam por louco. A minha sogra só está à espera de uma coisa: que nos separemos. Estamos cansados, tanto física como mentalmente. Infelizmente, já ocorre em nós a ideia de nos divorciarmos, porque isto não é vida, mas apenas uma má sobrevivência.»

Escolhemos este caso porque não é de facto raro que ocorram casos semelhantes. Por enquanto, ao fim de um ano de exorcismos, não se chegou a nenhum resultado positivo. Mas vamos continuar, com a certeza de que Deus não abandona os filhos que a Ele recorrem.

O CASO MAIS DIFÍCIL

Qual é o caso mais difícil que tem em mãos?

Tenho casos terríveis: tenho três. E cometi o erro, na sexta-feira passada, de os mandar vir aos três no mesmo dia, entre os cinco pacientes da manhã. Tinha um grupo bom de gente robusta, a ajudar-me. E entre eles havia um que não é exorcista, mas que tem poderes particulares, efectivamente; e quando benze também expulsa demónios. Um sacerdote passionista, que me ajuda com muita eficácia. Também é forte fisicamente, e ajuda-me a manter estas pessoas seguras... O caso mais complicado é o de uma mulher que agora, ao fim de muitos exorcismos, está melhor, é enfermeira e trabalha muito bem. Ao fim de anos e anos de exorcismos conseguiu obter o diploma de enfermeira e desempenha muito bem a sua profissão; é enfermeira profissional num hospital. E nunca ninguém se apercebeu de nada, desta sua perturbação. Enquanto que em casa dela é um desastre! Berra, bate, parte os pratos, parte os quadros. Uma possessão terrível; quando vem fazer o exorcismo, é um desastre. Por causa de um malefício.

Estes três casos são de possessões muito fortes. E quando as exorcizo, estas pessoas têm efectivamente de ser amarradas e presas com força. Entre elas há uma mulher que não faz nada, uma rapariga de uns trinta anos. É vítima de uma possessão terrível; e também em casa faz desesperar, porque tem uma força hercúlea. É grande, forte, parte coisas, pragueja, grita continuamente. Existe com certeza a presença do Diabo, e sabemos também os nomes dos demónios que estão dentro dela. O chefe é Satanás, e Satanás está sempre envolvido nas possessões... e por vezes serve-se dos outros.

Certa vez enquanto exorcizava um homem possuído falava com o Demónio: «Mas porque é que não te vais embora?», perguntava eu. E ele: «Não, porque Satanás castiga-me!» Sim, porque entre os demónios há uma hierarquia, como entre os anjos. São Miguel é o príncipe dos anjos, e Satanás o dos diabos. E é uma hierarquia baseada no ódio. Odeiam-se entre eles, têm terror uns dos outros, porque o mais forte pode fazer mal aos mais fracos.

Por último, o terceiro caso mais difícil é o de uma mulher; outro caso de possessão, sem dúvida. Muitas vezes estas pessoas entram aqui e já estão furiosas. Já me aconteceu mais do que uma vez tornarem-se violentas quando entram, ou então quando estão estendidas na marquesa. Enquanto são amarradas, desencadeia-se a violência. E já me aconteceram, mais de uma vez, casos ainda mais peculiares.

Portanto: não se pode fazer um exorcismo contra a vontade do paciente. Mas basta que a sua vontade seja expressa, nem que seja na véspera, por assim dizer; e no dia seguinte os familiares trazem-no à força, enquanto está a ter uma crise: muitos são mesmo transportados em braços, e já vêm agressivos. Houve também situações em que nem sequer conseguiram tirar a pessoa do carro. E naquele caso entrei eu mesmo no carro e fiz o exorcismo lá dentro. Não é que se verificassem grandes benefícios; mas, pelo menos, acalmava a pessoa. Porque o exorcismo dura até que a pessoa volta a ter domínio sobre ela.

A mais terrível de todas, aquele caso realmente difícil, eu exorcizo-a durante meia hora, e depois é levada para uma sala ao lado, onde há um divã; deitam-na no divã, enquanto ainda está em transe, e continua-se, continua-se, nem que seja uma noite inteira. Com preces, bênçãos, água benta, óleo exorcizado, e continua-se até ao momento em que sai do transe. São horas terríveis: gritos, blasfémias sobretudo! Diz de tudo, ameaça: «Vais ver, vou fazer-te pagar... vais ver o que te vai acontecer!» E coisas do género.

OS JOVENS SACERDOTES QUERIAM, MAS OS BISPOS...

Voltando ao problema da «sucessão», ou à necessidade de encontrar novos exorcistas, gostaria de lhe perguntar, D. Gabriele: não haverá jovens sacerdotes interessados neste ministério?

Muitas vezes há jovens sacerdotes que sentem este problema, que gostariam de actuar, e o bispo proíbe-os. Depois temos alguns exemplos negativos... Quero dizer: por vezes um bispo retira a faculdade de exorcizar a exorcistas experientes e com imensa prática, que trabalham na sua diocese, e confere depois essa faculdade a meia dúzia de novatos em início de carreira! Um absurdo! E isto acontece quando até o Novo Ritual recorda que um dos dotes requeridos, ou sugeridos, a um sacerdote para ser nomeado exorcista é a característica de ter prática de exorcismos! Portanto, o bispo em questão devia ter dito, a esta meia dúzia: «Vão à escola, aprender com estes colegas mais experientes.»

Eu — e nunca o repetirei suficientemente — tive uma grande graça! Está a ver aquele quadro ali? É o padre Candido Amantini, que foi durante trinta e seis anos exorcista na Scala Santa. Fui nomeado pelo cardeal Poletti como ajudante do padre Candido, e por isso tive a graça de ganhar experiência seguindo um grande mestre. Era um santo homem, e tinha também um carisma muito particular; até a partir de uma fotografia conseguia fazer um diagnóstico. Desde que se vissem bem os olhos.

Há muitos sacerdotes que vêm ter comigo, e alguns até muito dotados; mas há um particularmente bom, e não lhe dão a faculdade de fazer exorcismos. Para dar essas faculdades, efectivamente, é preciso reunir todos os bispos da diocese, e apresentar-lhes os casos particulares. Como este sacerdote é hostilizado por um dos bispos auxiliares, o bispo opôs-se.

E infelizmente bastou que fosse um dos auxiliares a dizer não para que o processo de nomeação parasse. E este sacerdote seria um grande exorcista, realmente muito, muito bom. Mas, mesmo assim, ajuda-me sempre. Vem ajudar-me duas vezes por semana; porque aqui não me dão autorização para fazer mais casos graves; mas mesmo assim eu faço-os sempre, mas não aos que gritam (apesar de fazer algumas exceções). Duas vezes por semana, às terças e às sextas, vou à igreja da Imaculada, e tenho sempre oito a dez pessoas que me ajudam, com a oração e com as mãos, e tenho a marquesa... E está lá sempre este sacerdote, que é jovem, tem trinta e quatro anos. Nesses dias vem sempre o caso mais difícil que temos: uma pessoa irada. Este sacerdote pediu ao bispo da diocese a que pertence esta mulher permissão para fazer exorcismos sobre essa pessoa: e o bispo autorizou-o. Muitas vezes os bispos concedem essa faculdade para uma pessoa específica. E assim faz-se o exorcismo. Esta mulher é um caso raro: pela maneira como grita, e se mexe, com uma força tremenda, formidável; é preciso amarrá-la, segurá-la. Há muitos demónios dentro dela. Normalmente são mais do que um... Quando há demónios importantes, são mais numerosos... Alguns estão quase sempre presentes: Satanás, Lúcifer, Asmodeus — terrível! —, Lilith, Belzebu...

A EFICÁCIA DAS OPRESSÕES E POSSESSÕES

Todos estes demónios têm o mesmo objectivo, a mesma forma de agir?

Digamos que cada Demónio tem uma tarefa diabólica própria, uma vez que todos tendem a fazer sofrer a alma da pessoa que atacaram. A propósito, é ainda oportuno recordar que existem diferenças entre as duas principais acções de Satanás, que levam à possessão ou à opressão. Possessão é quando existe a presença do Demónio, opressão é quando existem males causados pelo Demónio. E eu diria que as possessões representam um número relativamente reduzido, enquanto que as opressões são muito mais comuns; e mais de noventa por cento são causadas por malefícios.

São frequentes casos como, por exemplo, o de um jovem, que namora há sete ou oito anos com uma rapariga, que a certa altura se apercebe de que ela não é o que quer e a deixa. Então a mãe da rapariga vai a um bruxo, a um feiticeiro, e manda lançar um malefício contra este jovem, para que não se possa casar, nem arranje emprego. E o malefício ataca! Durante anos e anos, este jovem não se pode casar e não consegue arranjar emprego.

Para falar da eficácia da acção maligna, posso ainda recordar o caso de uma jovem que tem à volta de trinta e cinco anos; trabalha, e no trabalho nunca lhe acontece nada. Meticulosa, alegre, até. Quando veio ter comigo nunca consegui olhá-la nos olhos. Esquiva-se, esconde-os. Também ali está presente um malefício, dos maus e fortes. Os malefícios podem causar a maior parte das vezes uma infestação diabólica, e por vezes também a possessão. Exorcizo esta rapariga na igreja da Imaculada — só uma vez por mês, infelizmente! — por causa da extrema violência com que reage às orações exorcísticas.

Agora tenho demasiadas pessoas, não aceito mais ninguém...
Precisavam de ser exorcizadas uma vez por semana, no mínimo; e eu sou obrigado a exorcizá-las uma vez por mês... (Mostra a agenda repleta de marcações e de nomes de «pacientes» à espera de serem recebidos.)

OS DEMÓNIOS PODEM PROVOCAR DESASTRES

*P*ara além dos malefícios, os demónios podem provocar desastres?

Sim, podem provocar desastres. Quando certas casas têm ligeiras influências demoníacas, com os exorcismos consegue-se libertá-las. Ruídos, portas que se abrem e se fecham, luzes que se acendem e se apagam, televisores que se ligam e se desligam. Electrodomésticos que não funcionam: chama-se o técnico e ele verifica que funciona perfeitamente. Ouvem-se os passos do técnico a ir embora, e o objecto deixa de funcionar. Ressentimentos. Mas aí consegue-se efectuar a libertação.

Enquanto que nos casos mais graves chega-se a dizer: «Meus filhos, mudem de casa.» Porque não se consegue libertá-la. Imagine uma casa em que são feitas sessões espíritas, cerimónias satânicas ou missas negras. Ou uma casa onde morava uma bruxa, ou um feiticeiro; mas dos verdadeiros, porque em noventa e oito por cento dos casos, e talvez até noventa e nove por cento, são apenas impostores, charlatães. Mas aqueles que se entregaram a Satanás, que estão ligados a Satanás, têm poderes enormes, e uma casa habitada por um destes bruxos pode tornar-se numa casa que não é possível libertar com exorcismos.

Tenho muitos casos de pessoas que tiveram problemas económicos, que ficaram na miséria, porque foram atingidas por malefícios que bloquearam completamente a sua actividade. Um comerciante, com um estabelecimento muito frequentado, com uma boa clientela, muito conhecido... De repente não entra mais ninguém na sua loja. Benze-se, fazem-se exorcismos; nada. Não entra mais ninguém.

Ora, como é que uma pessoa se pode defender? Bem, eu já disse que quando se vive na graça de Deus é mais difícil que os malefícios e os

outros males maléficis ataquem. Mas podem agredir também pessoas muito boas, da Igreja. É possível. Houve muitos santos que foram atormentados pelo Demónio. Imagine como nós, exorcistas, estaremos na sua mira. Vamos a todo o lado, pregamos, escrevemos. Há já dezassete anos que falo na Rádio Maria, uma vez por mês, durante uma hora e meia. Veja lá se já não terão tentado fazer-me malefícios! Mas eu estou protegido pelo manto de Nossa Senhora.

RELÍQUIAS, SANTOS, PAPAS

D. Gabriele, o senhor diz que a fé é a coisa mais importante para os exorcismos. Mas será que há também símbolos ou objectos que estejam ligados a situações particulares e que possam desempenhar um papel de particular eficácia?

Sim, por vezes. Há por exemplo relíquias que podem ser eficazes. É famoso o colar de São Vicinio em Sarsina. Mas isso não quer dizer que funcionem sempre. Dou-lhe um exemplo. O exorcista mais idoso — acho que há já cinquenta e sete anos que actua como exorcista — é o padre Cipriano De Meo, que mora em San Severo de Foggia, perto de San Giovanni Rotondo. É também o postulador da causa do padre Matteo, que viveu no século XVII. Quando durante os exorcismos invoca: «Que venha o padre Matteo!», é impressionante a forma como a influência do padre Matteo se faz sentir!

Eu tentei invocar o padre Matteo algumas vezes: nada. É evidente que conta muito a relação pessoal, que tem de ser profunda, forte.

Eu invoco sempre o padre Pio, o padre Candido, invoco sempre João Paulo II: também ele é muito forte. Deu-me algumas respostas, o Demónio. Lembro-me de duas. «Porque é que tens assim tanta coisa contra João Paulo II?», perguntei. A primeira resposta: «Porque estragou os meus planos.» Penso que se referia à queda do comunismo. E outras vezes respondeu-me repetidamente: «Porque me tirou muitos jovens.»

Isto leva-me a dizer que o Diabo odeia os sacerdotes santos, já mortos, mas que nutre para além disso um profundo asco em relação à Igreja actualmente viva: os sacerdotes, os bispos, o Papa. Com efeito, estes consagrados são muito atacados e, infelizmente, perante um ataque com tão vasto alcance, temos um clero e um episcopado absolutamente

incapazes não só de responder aos pedidos de ajuda, como também de escutar. Assim que ouvem falar destes problemas, dizem: «São só histórias!»

Há mesmo alguns exorcistas que só mandam as pessoas ao psiquiatra! «Mas eu já lá fui», respondem os desgraçados: «Vai ao psiquiatra!» E há exorcistas que nunca exorcizaram. Escrevi isso num livro meu, *Exorcistas e Psiquiatras*, e o segundo capítulo é contra os exorcistas franceses. Sobretudo contra Isidoro Frock, que era o secretário deles, e que se gabava, até na televisão, de nunca ter feito exorcismos; e afirmava também que nunca iria fazer. E trata-se de uma pessoa que há muitos anos escreveu um livro sobre os exorcistas... Imagine-se!

DIFERENTES PODERES E AUTORIDADE

*O*s demónios têm personalidades diferentes, e demonstram-no quando os exorciza?

Sim, são diferentes. E também têm muitos graus diferentes de poder e de sofrimento. Porque não há dúvida de que Satanás é o mais poderoso, o chefe, e é também aquele que sofre mais do que os outros. É o mais castigado. Não são todos iguais. Também há alguns que valem pouco. Mas são todos obstinados. Quando prego, digo sempre: «Há muita gente que diz: ‘Creio em Deus, mas não sou praticante.’ Eu digo que são um bocado estúpidos. O Evangelho afirma: ‘Não é quem diz Senhor, Senhor!, que entrará no Reino dos Céus, mas quem age e demonstra a sua fé.’»

Eu já sou exorcista há muitos anos, e garanto-lhe que nunca encontrei um Diabo ateu. Todos os diabos acreditam em Deus; mas nunca nenhum Diabo foi praticante. Rebelaram-se contra Deus, de tal maneira que tocaram com a mão a eternidade do Inferno.

Cito-lhe um caso. Um Demónio a quem perguntei (perguntei-o várias vezes, a vários demónios): «Se tu pudesses voltar atrás, o que farias?» Todos responderam: «Faria exactamente aquilo que estou a fazer agora!» E dizem-me: «Mas não percebes que eu tive a coragem de me opor a Deus? Não percebes, pois, que eu sou mais forte do que ele?» Encaram o facto de se terem rebelado contra Deus como uma prova de serem superiores ao Deus que os criou.

No entanto, apesar de estarem enraizados nesta vontade de mal, sofrem, e de que maneira! Confessam-no abertamente. Quando eu digo: «Vai para o Inferno!» respondem-me: «Não, estou melhor aqui.»

Mas ao padre Candido aconteceu várias vezes ter demónios que lhe diziam: «Durante os teus exorcismos sofro mais do que no Inferno.» Têm

terror dos exorcismos. É a presença do sagrado, o que os faz sofrer, o poder das palavras que se dizem... «Em nome de Cristo, vai-te embora!» «Pela intercessão da Imaculada, vai-te embora!»... Diga-se que é caso para espantar, o facto de não se irem embora. Eu digo: «Vai-te embora depressa, ordeno-te, com o poder que me deu a Igreja... Vai-te embora!» Mas eles continuam ali.

Isto é um mistério: sabem que perderam a batalha contra Cristo, e ainda por cima estão mal, e além disso sofrem o exorcismo... e, no entanto, continuam na alma que ocuparam ou que estão a oprimir e não se vão embora... Eu não sei porque são precisos tantos anos para chegar à libertação. Mas indubitavelmente também conta a santidade do exorcista. Há muitos santos que, sem serem exorcistas, libertaram do Demónio... (indica uma pequena foto, em cima da mesinha que está aos pés da estátua de Nossa Senhora de Fátima)... Incluo também aqui a irmã Hermínia. O bispo de Rimini, quando tinha alguma pessoa que se dirigia a ele, mandava-a ter com a irmã Hermínia. Que não podia ser exorcista. Mas libertava, e de que maneira! Ou então lembre-se de Santa Catarina de Siena... Quando um exorcista não conseguia libertar alguém, mandava essa pessoa a Santa Catarina. Que obviamente não era exorcista. E não nos esqueçamos de um santo que é considerado, apesar de nunca o ter sido oficialmente, patrono dos exorcistas, ou seja, São Bento. É famosa uma moeda, que é muito posterior à sua época, que o retrata. Nos exorcismos uso sempre o crucifixo com a moeda de São Bento incrustada. Também ele não era sacerdote, não era exorcista, mas expulsava o Demónio. E estes santos afugentavam o Demónio rapidamente, só com uma oração! Chamamos-lhe exorcismo, mas não era certamente a oração do Ritual. E é preciso dizer que no fundo vale pouco, o texto do Ritual... É a fé que conta.

Se a fé é o elemento fundamental, até que ponto é que conta seguir passo a passo o Ritual e, por outro lado, até que ponto é permitido modificar o rito de libertação?

O mais conhecido exorcista da Sicília, Matteo La Grua — um amigo meu, que agora é também o ponto de referência da Renovação Carismática Católica da Sicília: já está tão velho que não faz mais exorcismos, apenas abençoa —, nem sempre usava o Ritual. Uma vez assisti a um exorcismo seu, e ele não dizia as orações do Ritual, falava à maneira dele. Também Santo Agostinho fala disso, e chama-lhes «orações *in júbilo*». É assim que se diz quando se chega ao ponto de se pronunciarem palavras sem sentido; substancialmente, trata-se de preces de adoração a Deus, palavras sem um significado cabal. A primeira vez que ouvi estas orações pensei: mas eu estou aqui numa gaiola de loucos! Depois tomei-lhe o gosto... Pessoalmente não tenho o dom de fazer orações de improviso, mas gosto de ouvir. E ainda por cima funcionam!

Ora, voltando aos santos que libertavam mesmo sem serem exorcistas, devo dizer que há bastantes. Por exemplo, São Vicente Pallotti... quantos possuídos pelo Demónio libertou ele! E também sugeriu um texto que eu publiquei em alguns livros. «Vede, tudo aquilo que fez o meu Filho deveis tê-lo em grande consideração! Ele fazia exorcismos e agora deveis ter em grande consideração o ministério do exorcista.» Era Nossa Senhora.

Mas os exorcistas são malvistas por uma boa parte do clero, considerados muitas vezes extravagantes e meio doidos. No entanto, deveriam ser considerados a elite. Para nomear alguém que possa ser exorcista seria preciso ir buscar um sacerdote de oração, de cultura, de vida irrepreensível...

NÃO VÊEM O DEMÓNIO, MAS SOFREM...

*O*s seus pacientes dizem-lhe como vêem o Demónio?

Não o vêem. Têm apenas grandes sofrimentos. O paciente comum percorre, em geral, este itinerário. Tem grandes sofrimentos, sobretudo na cabeça e no estômago. E a primeira coisa que faz é ir ao médico. Os médicos prescrevem-lhe algum tratamento, que no entanto não resolve o problema, e então sugerem: «É melhor ir a um psiquiatra.» Mas mesmo o psiquiatra, se houver alguma coisa de maléfico, muitas vezes não tem uma solução para o seu sofrimento.

Depois o paciente apercebe-se de que sente repugnância em relação à religião, enquanto que antes, se calhar, era religioso. Já não consegue ir à igreja, assistir a uma missa, comungar; depois apercebe-se de que sofre enquanto se reza por ele. Muitas vezes acontece isto, pessoas que têm algum tipo de sofrimento; tratam-se por via médica e não pensam minimamente que isso tenha alguma coisa a ver com o Demónio.

Depois pode acontecer estarem numa missa, por exemplo uma missa de libertação, ou de cura. E então durante a oração de cura e libertação a pessoa cai ao chão de repente, grita e rebola no pavimento... Dá-se conta naquele momento de que há uma «presença», dá-se conta então, naquele momento, de que a causa dos seus males é maléfica. Muitas vezes acontece isto. Obviamente é preciso usar de muito discernimento, porque nestas grandes missas de cura e libertação, que eu celebro ou em que também participo, há pessoas que gritam e se agitam, e pode ser histeria, ou talvez sejam pessoas especiais. Mas também pode ser qualquer coisa de mais sério e diferente. E muitas vezes vieram ter comigo alguns, até da Sicília, de longe, acompanhados pelo seu exorcista, que me dizia: «Olhe,

estou a exorcizar esta pessoa», e depois durante a oração o paciente revelava-se. Mas ali já havia uma certeza.

Noutros casos, pelo contrário, é possível que, ao assistir a uma destas missas, uma pessoa que nunca tinha sequer pensado que o seu mal-estar pudesse depender de outra coisa que não fossem problemas físicos ou médicos, se aperceba de que os seus males têm uma origem muito diferente. E então começa a deixar-se benzer, a receber exorcismos.

As bênçãos também são eficazes. Eu gostava muito que os sacerdotes pudessem abençoar. Se eu fosse o Papa dava a todos os sacerdotes a faculdade de exorcizar. Parece-me redutor que um padre tenha a faculdade de consagrar, de pregar e de absolver, e não a de expulsar os demónios. Que, além do mais, é uma das coisas compreendidas no mandato de Cristo.

O PODER DOS OBJECTOS SAGRADOS

*H*á um poder exorcístico nos objectos? A água, a estola...?

Alguma coisa há. Ainda que seja difícil identificar exactamente o quê. Por exemplo, há pessoas que eu mando sentar ali (indica uma sofá preto em imitação de pele, tipo escritório ou sala de espera dos anos sessenta, coberto com uma espécie de manta) e que não são as mais barulhentas, ainda que possam estar muito possuídas; mas não são as que gritam. Apesar de aparecerem aqui, por vezes, pessoas que gritam, são casos piedosos, como é que eu posso recusá-los? Por exemplo, tenho um jovem, casado, pintor da construção civil, mas ele descreve-se assim: pintor de paredes. Só pode vir ao domingo, porque na construtora obrigam-no a trabalhar todos os sábados. Grita. Mas como é que eu posso dizer-lhe para não vir? À quarta e à quinta trabalha... Mas agora já não aceito mais casos, porque estou sobrecarregado... Pessoas que precisavam de um exorcismo no mínimo uma vez por semana, só os trato uma vez por mês!

Voltando aos objectos, um dos principais é a estola... de entre os meus pacientes há alguns que arrancam a estola, quando eu a ponho sobre os seus ombros. E a água! Alguns têm reacções muito violentas à água benta, enquanto que outros não. O rapaz que é pintor de paredes cospe, espuma, saliva de uma maneira tal, e grita de uma forma tão esquisita, bastante forte, que parece muitas vezes, um ulular tenebroso... Não sei porquê... às vezes pergunto-lhe, na brincadeira: «Sentes algum sofrimento?» Ele responde, tentando não dar importância... Mas também em casa faz a mesma coisa; a mulher falou-me nisso. No trabalho, porém, nunca.

O Demónio tenta manter-se escondido?

É um Demónio que tenta manter-se escondido, quer causar-lhe sofrimento, mas sem o impedir de trabalhar. Como no caso daquela enfermeira tratada por um confrade jovem, a quem o bispo não deu a faculdade de exorcizar: no trabalho é impecável.

Como aconteceu a possessão deste rapaz?

Familiares, como muitas vezes acontece. Os malefícios vêm muitas vezes dos familiares, pessoas próximas; muitas vezes por confronto de interesses. Eu venho de uma família de advogados, e conheci muitas famílias onde toda a gente se dá bem, mas só até ao momento de dividir a herança. Nessa altura tornam-se todos nuns lobos ferozes. Até porque uma coisa é um filho solteiro, e outra um filho casado. Uma coisa é uma filha solteira, outra uma filha casada. Pensam apenas na sua nova família, não querendo sequer saber dos pais, que até podem estar na miséria ou abandonados.

E a cruz, que efeito tem?

Também a cruz faz efeito em alguns. Como o Santíssimo, que trago sempre comigo. Ponho-o em cima da cabeça das pessoas e pergunto? «O que é que tu tens aqui? És tu, ó Senhor...» Apercebem-se perfeitamente... Mas o objectivo da Eucaristia não é o de expulsar os demónios. E, no entanto, os demónios sofrem com isso, porque mesmo que não vejam Deus, sabem perfeitamente que existe! Sabem, e de que maneira! E odeiam-no, o seu maior ódio é contra Deus. Um ódio irreversível. É isto a eternidade do Inferno.

Fui muitas vezes a Medugorje, a que estou muito ligado... As primeiras aparições datam de 24 de Junho de 1981. O meu primeiro artigo sobre Medugorje é de Outubro de 1981. Parti imediatamente: eu ia lá, era uma miséria absoluta, levávamos roupa e alimentos. E depois o problema da língua... Mas eram muito hospitaleiros. Uma vez Mirjana perguntou à Senhora: «Mãe querida, não seria possível que um danado se arrependesse? E não poderia pedir perdão? E Deus, não poderia ir buscá-

lo ao Inferno e levá-lo ao Paraíso?» A Senhora, a sorrir, respondeu-lhe: «Claro que Deus poderia! Mas são eles que não querem.» É isto a eternidade do Inferno, o enraizamento do pecado. E quem não acredita na eternidade do Inferno, não acredita no Evangelho.

«FAR-TE-EI MORRER...»

*F*ala-se de Satanás e fala-se de Lúcifer... Há então uma dualidade no vértice diabólico?

Bem, há Satanás, que é o número um, e Lúcifer, que é o número dois. São diferentes pelo poder que têm; muitas vezes não aparecem logo imediatamente, mas Satanás está sempre presente. Por isso, quando se lhes pergunta o nome, respondem. Depois há Asmodeus; que está muitas vezes presente. Outras vezes o Diabo apresenta-se com nomes estranhos.

Lembro-me de um caso famoso, que aconteceu há muitos anos, o da possessa de Piacenza. O demónio dizia que se chamava «Ismo»; não o tornei a encontrar. Apareceu só daquela vez. Nos anos vinte não havia gravadores, mas alguém teve uma ideia. Naqueles exorcismos participava um frade que sabia estenografar. E estenografou todas as sessões de exorcismo. E assim temos, palavra por palavra, tudo o que foi dito e feito naqueles exorcismos. Muito interessante. Publicámos aquilo primeiro no *Orizzonti*, um jornal que já não existe; e depois publicámos um livro, creio que com o título de *Intervista a Satana*1. Não sei porquê, mas não voltou a ser editado. Seria ainda hoje de extrema actualidade. A um dos presentes que ajudavam no exorcismo tinha prometido: «Far-te-ei morrer antes do fim do ano.» O Demónio saiu daquela mulher, mas fê-lo morrer antes do fim daquele ano. E disse a mesma coisa em relação ao bispo de Piacenza, que tinha dado a faculdade de fazer exorcismos. «Far-te-ei morrer antes do fim do ano»... E morreu antes do fim daquele ano.

Portanto, o Demónio também tem a faculdade de matar, mas só se — reparem bem! — Deus lhe der permissão. Sobretudo não devemos esquecer que Deus é o Deus da vida, Satanás o soberano da morte. Portanto, atraí estas pessoas ao suicídio; pessoas que ficam desesperadas

com os sofrimentos de que são vítimas, ao verem que nem os exorcistas conseguem libertá-las destes tormentos... Mas quando uma pessoa é submetida a exorcismos, nunca acontece que possa realizar o seu propósito de suicídio. Salva-se no último momento.

Ouvi falar de demónios «fechados» e de demónios «abertos», de demónios que se manifestam imediatamente e de outros que, pelo contrário, não querem falar...

Sim, há demónios que se manifestam ao fim de algum tempo; mas o Demónio é sempre obrigado pelos exorcismos a manifestar-se. Só que às vezes demora muito tempo. Tive como paciente uma senhora, que depois curei perfeitamente, libertei por completo. Antes era o padre Candido que a exorcizava, e chegámos até a exorcizá-la juntos. Não manifestava a presença do Demónio, mas o padre Candido dizia-me: «D. Amorth, continue a exorcizá-la, porque quanto a mim há aqui alguma coisa.» Continuei, e uma vez o Demónio manifestou-se. E a partir daí, manifestava-se sempre, berrava, gritava. Tinha um diálogo com ele, e por fim a senhora acabou por ser completamente libertada.

Durante as suas explosões dizia aquilo que os demónios costumam repetir, e aquele caso não era diferente dos outros. «Esta é minha! Deramma! Pertence-me...» «Quando é que vais embora?» «Quando me for embora levo-a comigo para o Inferno! É minha! Pertence-me.»

MALEFÍCIOS ANTES DO NASCIMENTO

O senhor, D. Gabriele, também disse várias vezes que é muito importante baptizar as crianças pouco depois do nascimento, mas que seria útil poder fazê-lo ainda antes... Porquê?

Porque às vezes há pessoas que fazem malefícios mesmo antes do nascimento da criança. Aconteceu-me algumas vezes, ao interrogar o Demónio, perguntar-lhe: «Há quanto tempo estás aí dentro?», e obter esta resposta: «Desde antes de nascer.» Às vezes o Demónio já possui o feto.

Isto é possível quando há um malefício feito contra a mãe, para que recaia sobre a criança que leva dentro. E depois vai-se manifestando aos poucos...

Apareceu-me uma rapariga, que agora está perfeitamente curada, totalmente libertada, casada, e que faz uma vida normal; uma rapariga que tinha nascido numa clínica ou num hospital, não me recordo, onde trabalhava uma enfermeira que era satanista. Esta mulher terrível, assim que nascia uma criança, fazia imediatamente uma consagração a Satanás. E eu e o Demónio discutíamos asperamente, durante o exorcismo. Eu dizia-lhe: «É a imagem de Deus! Foi baptizada.» E ele respondia: «Eu cheguei primeiro! Eu cheguei primeiro!», porque não tinha sido baptizada logo...

No entanto, o baptismo teria impedido essa situação, porque contém uma oração de exorcismo. Infelizmente, e também Paulo VI se tinha queixado, no novo rito reduziram-no a uma única prece. Mas, nos primeiros tempos da Igreja, dava-se uma grande importância ao exorcismo do baptismo. E o mesmo acontece com a renovação dos votos baptismais. E agora, apesar de estar reduzido aos termos mínimos, ainda existe. Mas não afasta a presença do Demónio, se houver presença do Demónio. O baptismo não a

retira. Se houver um malefício, não a retira. Os efeitos maléficis vão-se manifestando aos poucos; primeiro, quando a criança é pequena, faz coisas estranhas, e diz-se: «Ora, quando crescer isso vai passar...» E quanto mais o tempo passa, mais se enraíza aquela presença. Um dia veio ter comigo um homem de cinquenta, sessenta anos de idade, que tem uma possessão diabólica, e descobrimos que a teve em pequeno, com um malefício... Então é preciso tempo, muito tempo, porque o Demónio já está muito enraizado. Uma única vez, com um exorcismo de dez minutos, consegui libertar uma pessoa, uma rapariga... Mas já contei essa história. E, de facto, o primeiro exorcismo diz: «*Eradicare et fugare*»: pede-se a Deus para desenraizar e expulsar o Demónio. Porque quanto mais se espera, mais difícil se torna a libertação, ele instala-se com mais força.

*«NÃO TE QUERO A TI, QUERO A MINHA MÃE
VERDADEIRA»*

Também não são raros os casos de crianças possuídas. Há casos de crianças, já com dois ou três anos... Imaginem uma criança de dois anos e meio que não quer de maneira nenhuma entrar na igreja, não quer ver padres, deita fora as imagens sacras que houver em casa, tornando-se violenta e cheia de força. Com dois anos e meio! Tive vários casos de crianças pequenas. Mesmo um bocadinho maiores. De qualquer forma, mesmo com as crianças faço um exorcismo normal, e observo as reacções que se manifestam durante o exorcismo.

Os demónios às vezes falam, e às vezes não, porque estas crianças muitas vezes ficam mudas. Nunca falam, e não só durante o exorcismo, como também na sua vida normal. Deixam de falar, e por isso nada de escola, nada de nada. Como se tivessem a língua, a boca «atadas». E é complicado libertá-las; é muito complicado! E nem sempre se consegue. Na maior parte das vezes são malefícios. Se não, é culpa de uma pessoa próxima das crianças, que participou em sessões espíritas e se consagrou a Satanás, ou frequentou bruxos, cartomantes, ou então dedicou-se a práticas de ocultismo.

Relativamente às possessões de crianças, posso contar o seguinte testemunho.

Trata-se de uma família composta pelo marido, mulher e três crianças. O marido, médico, que antes era muito religioso, já não frequenta a igreja há cerca de dez anos. O pai da mulher vive há vinte e cinco anos com a sua secretária, que participa numa seita satânica onde se fazem missas negras. A esposa, no passado, não era praticante; mas na Quarta-feira de Cinzas de

há dois anos, ao entrar na igreja, saiu com os olhos inchados e doridos e com a pele do rosto toda a escamar.

Em casa — uma casa remodelada e bem-arranjada — toda a gente nota fenómenos estranhos. Encontram muitas vezes em cima dos móveis e sobre os armários altos papéis de bolos, gelados e objectos semelhantes; também os encontram dentro das gavetas, no meio das outras coisas. É impossível que sejam as crianças a pôr aquelas coisas ali. Por várias vezes o pavimento inchou, mesmo nos andares superiores; algo já de si impossível naquelas condições. As paredes de alguns compartimentos abrem brechas, sai água, e depois fecha-se tudo sozinho. Os electrodomésticos muitas vezes não funcionam; chama-se o electricista e funcionam perfeitamente; sai o electricista e deixam de funcionar. O portão eléctrico abre-se de manhã, quando a família sai; depois não conseguem voltar a fechá-lo, por isso fica aberto todo o dia, e quando regressam à noite funciona tudo bem. Nos armários, por quatro vezes encontraram a roupa amontoada no chão, caída dos cabides. Também nos armários, por duas vezes, encontraram na madeira interior da base gotas de sangue e grandes manchas de sangue. Todos ouvem muitas vezes, de dia e de noite, ora passos pesados, ora passos suaves, como se uma criança caminhasse pela casa, ou ouvem o barulho de papel amarfanhado. Ouvem bolas de pingue-pongue, ou de matraquilhos, saltar e correr pelo chão, ora num sítio ora noutro. O telefone marca muitas vezes números sozinho, sem que ninguém lhe toque. O televisor liga-se e apaga-se sozinho, durante a noite, sem que ninguém lhe toque. As válvulas dos aquecedores abrem-se sozinhas, mesmo no Verão, sem serem mexidas; assim os aquecedores ligavam-se de manhã e desligavam-se (sempre sozinhos) à noite, provocando um calor sufocante. Foi impossível remediar aquilo.

E isto ainda não é tudo. Muitas vezes o marido, e também a mulher, ausentes os filhos e os familiares, ouvem em casa as vozes deles, as conversas deles; incluindo as de outros familiares. O filho mais novo, que tem agora quatro anos, quando começou a falar, chorava muitas vezes de noite, gritava, batia na mãe, mandava-a para longe dele, a berrar: «Não te

quero a ti; quero a minha mãe.» Este facto repetiu-se muitas vezes. Em várias ocasiões foram encontradas, no meio dos brinquedos das crianças e no chão, bolinhas de esterco humano; à noite estava tudo limpo; só de manhã é que apareciam aquelas odiosas presenças. Marido e mulher começaram também a ter discussões frequentes, sem motivo. O filho mais velho recusa-se agora a ir à igreja. Muitas vezes a mulher procura o coador ou outros objectos no momento em que precisa deles e não os encontra; pede ajuda aos filhos, e nem eles encontram esses objectos; quando chega a empregada da limpeza, encontra as coisas todas nos seus lugares.

Foi uma lista longa, mas são casos que nós, exorcistas, ouvimos contar constantemente. Esta mãe está sujeita a fortes tentações de suicídio; sobretudo quando anda de carro, vê como única solução atirar-se para fora da estrada e acabar com tudo.

Depois de dois dias de febre muito alta, encontrou nas cuecas um ponto cirúrgico, feito com um fio preto grosso. Um amigo cirurgião a quem o mostrou confirmou que se tratava, de facto, de um ponto cirúrgico, mas de um material que não era usado em cirurgia; e esse material esfarelou nas mãos do cirurgião.

Ela foi receber a bênção de um sacerdote não autorizado; tive a impressão de que fazia magia. Com efeito, pedia para lhe dizerem os nomes dos mortos, especialmente se na família havia crianças mortas. Depois invocava-os durante as bênções para que o ajudassem a expulsar os demónios. Com estas evocações de defuntos e sem nunca intimar o Demónio a ir embora em nome de Jesus, a situação da mulher foi piorando...

Finalmente veio ter comigo. Assim que comecei a pronunciar as palavras: «*In nomine Patris...*» entrou em transe. Estendida no chão, rígida, rangia os dentes, fez tentativas de vómito, tinha os olhos revirados, razão pela qual só se via o branco.

Estavam quatro pessoas a assistir-me, e foram precisas as quatro quando começou a ter reacções violentas, a gritar, a assobiar, a recusar a água

exorcizada, a rebelar-se contra as unções, especialmente na orelha direita e na garganta. Pus-lhe a mão no estômago: inchou, ficou duro, parecia que havia lá dentro uma bola do tamanho de um punho que se mexia de um lado para o outro. Quando impus que revelasse o nome, fazia esforços e tentativas, mas continuava bloqueada. Depois começou a rebolar, a tentar soltar-se; deitou ao chão um homem forte que a segurava pelos pés. Finalmente, as frases habituais que dizem os demónios: «Não me vou embora, não; esta é minha...» Ao fim de uma hora e um quarto ficou outra vez normal e sentiu-se muito aliviada quando recitei a súplica a Nossa Senhora de Pompeia...

A MENINA JÁ ANDA...

A menina tem dois anos e quatro meses; mas ainda não anda. Os pais levaram-na a um centro pediátrico especializado, onde foi submetida a todo o tipo de exames diagnósticos, mesmo os mais modernos e arriscados para uma criança daquela idade. Não surtiu nenhum resultado; a menina é perfeitamente saudável. Mas se a segurarem anda; se for deixada sozinha, pára. Os pais andam angustiados e chegaram ao limite da resistência nervosa.

Dada esta insólita manifestação, aconselha-se a que iniciem um ciclo de orações de libertação e cura, e que esperem para ver os resultados. Pensa-se que poderia também tratar-se de um mal maléfico, ou seja, um mal devido a um malefício. O malefício poderia ter sido provocado, incrivelmente, por uma das avós da menina, que pretenderia tirar benefícios pessoais do mal da pequena, obrigando assim a filha a sair da sua residência actual, muito distante dela, e voltar a morar junto à casa materna. Um dos motivos para tal suspeita é que esta avó, quando a filha se casou, ficou três meses internada no hospital, a braços com um mal misterioso, que nenhum médico foi capaz de diagnosticar e de tratar. Dependeria do facto de ser contrária ao matrimónio que lhe ia afastar a filha?

...Assim, no dia 23 de Dezembro de 1999 pedi a um grupo de oração para iniciar um ciclo de orações de libertação para a pequena, no período compreendido entre 23 e 29 de Dezembro. Algumas pessoas continuaram depois as orações até 31 de Dezembro, para obter uma novena completa; outras pessoas continuam ainda a rezar. Em todo o caso, sinto o dever de comunicar o que aconteceu. No dia 1 de Janeiro de 2000 a menina começou a fazer o que nunca tinha feito, isto é, começou a caminhar

sozinha, junto à entrada da casa, umas dez vezes, sob o olhar espantado dos pais. Agora, começa a segurar-se sozinha e a caminhar, ainda que sejam os seus primeiros passos. Eu não tinha informado os pais, que vivem longe de Roma, sobre as orações especiais. Só lhes tinha pedido que me comunicassem as reacções da menina.

Nessa altura convidei os pais a entrarem em contacto com um exorcista, e até indiquei qual. Não era uma tarefa fácil, porque se tratava de pessoas totalmente impreparadas para aquele tipo de coisas. Agora estão muito satisfeitos e felizes com o acolhimento, com a obra daquele sacerdote e, sobretudo, com os resultados obtidos.

LEVITAÇÃO

*A*lguma vez teve, entre os seus pacientes, fenómenos de levitação?

Aconteceu-me uma vez. Uma única vez. E, para dizer a verdade, nem sequer estava a aperceber-me daquilo, porque estava completamente envolvido na oração, no exorcismo. E também porque o possesso se elevou, mas não muito. Era um jovem, um caso estranho. Foi um dos primeiros casos de que me ocupei, e foi libertado, coisa singular, em poucos meses.

Veio em Fevereiro receber os primeiros exorcismos, acompanhado por um amigo meu franciscano que é um colosso, e havia sempre mais quatro pessoas que o seguravam com firmeza, porque tinha uma força desenfreada, quando entrava em transe. Estava a receber o exorcismo sentado, e então eu não estava a reparar nele, porque estava completamente concentrado na oração, quando os outros me disseram: «Olha, está a elevar-se!» E levitava a trinta, quarenta centímetros.

No entanto, levitações grandes, nunca tive. Mas acontece, pode suceder. É o Demónio que quer demonstrar o seu poder. Mas é preciso não esquecer que o Demónio não tem interesse em possuir as pessoas; a possessão é uma actividade extraordinária. Ao Demónio interessa sobretudo a acção ordinária, ou seja, fazer cair as pessoas em pecado. O pecado, a tentação, à qual todos estamos sujeitos, desde o nascimento até à morte. Várias vezes me perguntaram: «Também Nossa Senhora foi tentada pelo Demónio?» Respondi: «Sim.» «Quando?» «Desde o nascimento até à morte. É a condição humana. Também Jesus foi tentado pelo Demónio. São Marcos di-lo claramente. Não fala das três tentações, como São Mateus, mas diz que andou no deserto durante quarenta dias e que foi

tentado pelo Demónio. Durante todo aquele tempo, e também depois, sempre, toda a vida.»

Ao Demónio interessa fazer cair o Homem em pecado. Nos casos de possessão, pelo contrário, quer ostentar o seu poder. Por exemplo, voltando aos nossos tempos, é interessante observar a vida de Maria, a pequena árabe, a irmã carmelita, a única santa árabe, beatificada por João Paulo II. Em duas ocasiões da sua vida foi possuída, com necessidade de exorcismos. E o Demónio, durante os exorcismos, sofria muito. Durante os exorcismos a freira blasfemava, fazia coisas terríveis... Não era ela! E o demónio tentava causar-lhe sofrimentos enormes para que se rebelasse contra Deus. Porém, pelo contrário, quando era libertada, a pequena árabe dizia: «Agradeço-te, meu Senhor... Louvo-te, meu Senhor.» O Demónio tentou fazê-la cair no desespero, na rebelião contra Deus. Prometeu: «Possuir-te-ei durante quarenta dias.» Não conseguiu fazê-la cair no desespero; chegou-se a um ponto em que o Demónio já não podia mais, queria sair, mas tinha de ficar de qualquer maneira, porque dissera quarenta dias, e quarenta dias devia ficar.

Durante os exorcismos, Deus manda os anjos lutar contra o Demónio, ou deixa tudo para os exorcistas?

Nunca me apercebi da presença dos anjos durante os exorcismos. Sei de um episódio da vida do padre Pio, que, chicoteado pelo Demónio até fazer sangue, quando o Diabo parou de o agredir, pediu ao seu anjo da guarda: «Mas porque não intervieste?» O anjo, que parecia estar quase a chorar, de desgosto, respondeu-lhe: «Porque o Senhor não quis que eu interviesse.» O padre Pio foi fustigado pelo Demónio todos os dias da sua vida, desde criança. Excepto nos poucos dias que se seguiram àqueles em que recebeu as chagas. Durante alguns dias não sofreu ataques do Demónio. Depois, outra vez, todos os dias. E sempre, depois dos ataques do Demónio, das pancadas, tinha uma aparição; ou do Senhor, ou de Nossa Senhora. Uma consolação. Muito sofreu o padre Pio! Arrancava as almas a Satanás, e

Satanás vingava-se dele, e o Senhor deixava porque ele arrancava as almas a Satanás. Quantas conversões fez ele! Mas quantas! Mas quantas!

OS FANTASMAS NÃO EXISTEM

E os fantasmas existem?

Não, são pura invenção, ou então são truques do Demónio, que se manifesta sob a forma dos ditos espíritos, fantasmas. Só existem anjos, demónios e homens.

Alguma vez teve casos de demónios súcubos ou incubos?

Súcubos de outros demónios, sim. Sim, claro! Veja por exemplo quando o padre Pio estava em Venafro. O Demónio é apenas espírito, e para se tornar visível deve assumir uma forma qualquer. E isto vale também para Nossa Senhora, para os anjos, os santos. Veja-se o caso do arcanjo Rafael, que para fazer a viagem com o filho de Tobias assume o aspecto de um jovem vestido de viajante. Depois, no fim, revela a sua identidade... Geralmente, para assustar o padre Pio, o Demónio assumia a forma de um cão a rosar, para lhe meter medo. Para o enganar assumia a forma de Jesus, de Nossa Senhora, do seu superior, do seu director espiritual, do seu padre guardião. Entrava na cela, dava-lhe ordens... Depois o padre Pio, perplexo, ia ter com o padre guardião. E perguntava-lhe: «Mas, padre guardião, disse-me que eu tenho de fazer isto e isto?» «Não! Nem sequer fui ter contigo!» Então percebia que tinha sido o Demónio. E às vezes aparecia-lhe sob a forma de raparigas nuas e provocantes, para o tentar na castidade. Raparigas nuas e provocantes, certamente bonitas. E uma vez o Demónio disse-me: «Há muitas mulheres, que vocês consideravam lindíssimas, e que estão aqui comigo no Inferno.» Lembre-se de certas mulheres que fizeram escândalos, de certas actrizes que fizeram filmes pornográficos... Escândalo para milhões de pessoas. No Inferno. Mas a mim os demónios nunca se apresentaram sob falsas aparências.

A TENTAÇÃO DA SOBERBA

*N*um sacerdote como o senhor, que luta contra o Demónio, que faz exorcismos, que o expulsa... Não existe o perigo da soberba?

De que maneira! Quando estou a fazer exorcismos na igreja da Imaculada, e tenho cerca de dez pessoas que me ajudam, e eu pontifico, sou eu que faço o exorcismo... mas durante o exorcismo o meu pensamento está constantemente no Espírito Santo... «Espírito Santo, intervém tu», peço. «Tu sabes que eu não presto para nada, tu sabes que eu não valho nada... Intervém tu.» Suplico isto constantemente. Porque se ceder à tentação... também quando vou pregar... Faço-o muito raramente, e só em ocasiões muito especiais. E ali tenho as pessoas a assediar-me, a tentar tocar-me, estou sempre rodeado de guarda-costas, para protecção, com as pessoas a quererem tocar-me... E eu digo: «Vá lá, toca-me, cheira, tresando a salame!»...

Mas a tentação existe, e de que maneira. E a maior tentação do Demónio é precisamente a da soberba. E os pecados maiores são os da soberba. Estão na raiz de todos os pecados, ainda que o pecado mais frequente, não o mais grave, mas o mais frequente, seja o da impureza. Já o disse, mas é bom repeti-lo, que Santo Afonso de Ligório dizia: «Vai-se para o Inferno ou só por este pecado ou, pelo menos, com este pecado também.»

Como remédio para o pecado da soberba, gostaria de recordar o episódio de um salutar pontapé...

Durante uma oração de libertação, sabendo que o Demónio não gosta nada de uma confissão sincera dos pecados, nem do arrependimento, fizemos uma ampla confissão pública de muitos pecados (mesmo das nossas famílias, dos nossos defuntos, das nossas comunidades). Depois cada um aproximou-se do sacerdote para uma acusação pessoal e para

receber a absolvição. Por último, ajoelho-me diante do outro sacerdote que estava a celebrar comigo para lhe pedir perdão por todos os meus pecados, especialmente aqueles que impedem a eficácia do ministério que me foi confiado.

Nesse momento, de costas, chegou-me um sonoro pontapé por parte de uma «paciente» que tinha fugido ao controlo dos meus colaboradores, com um movimento rapidíssimo e imprevisto. Assim me expressou o humor do Demónio quando as pessoas se confessam. Para mim, aquele pontapé foi salutar. Por isso estendo os seus efeitos a todos os que precisam de um empurrão para ir confessar os seus pecados.

O DEMÓNIO NÃO É UM HUMORISTA

O Demónio brinca consigo?

Não, não tem sentido de humor. Apesar de às vezes... Uma vez como que gozou comigo. Estávamos a exorcizar uma senhora, que já tinha sido exorcizada muitas vezes, até pelo padre Candido. Acho que se trata de um daqueles casos em que a libertação nunca chegará a verificar-se. Melhoramentos sim, pode fazer tudo, viver uma vida normal, como mãe de família, mas libertação total, nunca. Eu estava com outro exorcista, melhor do que eu..., e foi a única vez, creio, em que fizemos um exorcismo de cinco horas e meia. Era o dia da Imaculada, um dia sugestivo... Este exorcismo durou cinco horas e meia — já o referi — e pareceu mesmo que o Demónio ia sair. Ao fim, lágrimas de comoção, abraços, beijos. Uma semana depois estava tudo como dantes. E o padre Candido dizia-me: «Está a ver, D. Amorth, fazer exorcismos longos não adianta nada...» Eu faço exorcismos de meia hora.

E por que motivo o Demónio gozou consigo?

Eu disse-lhe: «Tinhas-me dito que ias sair, naquele dia!» Em suma, censurei-o. «E às tantas horas, disseste-me; e não saíste.» E ele, com uma voz muito melíflua, respondeu-me: «Não sabias que eu sou um mentiroso? Não te ensinaram isso? Eu digo mentiras! Sou um mentiroso! Nunca te ensinaram isso?» Senti-me humilhado, gostaria de ter tido um buraco onde me esconder!

UM DIABO TROCISTA

A mulher em questão é uma viúva de cinquenta anos, com uma filha e dois netos. Diz que está perturbada desde o momento em que se casou; sofre de asma, é dada a desmaios, dores de estômago e de intestino; vomita coisas estranhas, como cabelos, feijões crus... sente pancadas em casa e estremecem os móveis. Sente-se odiada por muitas pessoas, familiares e amigos, mas sobretudo pela sogra, que nunca a aceitou como esposa do seu único filho.

Ao fim de poucos minutos de exorcismo entra em transe e fala. Ameaça a doente e também o exorcista. Digo-lhe: «Tu a mim não fazes nada, porque eu sou um ministro de Cristo e tu, sem a Sua permissão, não podes dizer nem uma palavra, não podes fazer nenhum gesto; tu deves obedecer-lhe a Ele e deves obedecer também ao teu chefe, Lúcifer.» Responde-me: «Eu sou Lúcifer.» «Ah, tu és Lúcifer, então bem precisas do exorcismo.» Reage ao exorcismo e depois reage ao «Deus seja bendito» e «bendita a sua Santa e Imaculada Conceição». Então digo-lhe: «Faz-te tremer, hã, o nome de Maria? Faz-te tremer porque nunca se submeteu a ti com o pecado, porque não tem pecado original e porque com o seu filho Jesus te esmagou a cabeça.» Interrompe-me: «Sabes com que pé?» Eu respondo: «Vamos lá ouvir com que pé: por acaso até quero saber.» «Com o direito», diz-me. Eu insisto: «Porquê com o direito?» Resposta imediata: «Porque é mais forte e mais decidido.» Fico sem palavras, mas surge-me a dúvida de que me tenha contado uma grande mentira. No dia seguinte surge a oportunidade de falar com o meu bispo e relato-lhe o episódio. Diz-me que essa história do pé direito é um disparate, porque Nossa Senhora não esmagou nada de material e não usou nenhum pé; estamos no campo da

teoria, não da física. Foi derrotado Satanás e disperso o seu reino; mas estamos na ordem espiritual.

Oito dias depois, durante o exorcismo, à mesma mulher, depois de esta já ter perdido os sentidos, de ter os olhos revirados e se contorcer como uma serpente, com espasmos atrozes, o intruso pronuncia ofensas e ameaças, especialmente dirigidas ao exorcista, e diz palavras desconexas. Interrompo-o: «Mas tu, Lúcifer, da outra vez, a propósito do pé...» O Maligno, com uma voz fria, dá-me uma resposta que me gela: «Fiz de propósito, para gozar contigo.» Será uma lição para evitar perguntas ditadas pela curiosidade?

ÓDIO E CONVERSÃO

O Demónio tenta fazer-se odiar?

Não. Tenta odiar, empurrar toda a gente para o ódio. Um dos obstáculos à libertação é o perdão de coração. Quando se tem rancor em relação a alguém, rancor que não se consegue vencer, é impossível libertar-se. Tem de se chegar ao perdão de coração. É um obstáculo fundamental. Porque é que o Senhor permite que muitas pessoas boas ou crianças, sejam atingidas assim? Eu não sei, mas sei que os exorcismos proporcionam muitos benefícios. A primeira coisa que pergunto é: «Vais à missa todos os domingos? Confessas-te com frequência?» E a maioria das vezes ouço dizer «não». E então dou a toda a gente o folheto com os dez mandamentos. E digo: «É preciso partir daqui.» Dizem-me: «Vivo com outra pessoa.» Quantas pessoas vivem juntas! Não posso fazer nada, se as pessoas estão em pecado. Mas vejo muitas conversões. Tive muitas mais conversões desde que faço exorcismos do que antes. Esta é uma via de conversão, e não apenas da pessoa directamente interessada.

O que acontece ao Demónio?

As conversas com o Demónio são sempre e exclusivamente dirigidas à libertação da pessoa. Na América publicaram um grande livro, que eu li há muitos anos, de um exorcista, um conhecido teólogo, que quis entabular conversas com o Demónio. E o Demónio dava-lhe sempre a volta! É muito inteligente. É um anjo! Conservou toda a inteligência, a força e a liberdade do anjo. Nunca se deve entrar numa discussão com o Demónio. Só se pedem as coisas úteis para a libertação. Assim chega-se a saber aos poucos quando é que a pessoa sofreu um malefício, se se tratar de um

malefício; ou de que modo, e por que razão entrou, e quando é que isso aconteceu.

E é preciso não esquecer que o Demónio é mentiroso, e que as suas respostas devem ser avaliadas e, se possível, controladas. Durante o exorcismo perguntei a uma rapariga: «Quando entraste? Que idade tinha a rapariga?» «Dezasseis anos», respondeu-me. Quando acabou o exorcismo, perguntei à rapariga: «Quando foi que começaste a sentir-te mal?» «Aos dezasseis anos, padre...» Perguntei aos pais: «Quando foi que a vossa filha começou a sentir-se mal?» «Aos dezasseis anos», responderam-me. Então eu pensei: «Bem, desta vez o Demónio disse a verdade.» As notícias têm de ser controladas. Em especial, é preciso verificar uma informação muito, muito importante, isto é, a origem da opressão ou da possessão. De quem partiu o malefício. É preciso controlar, porque o Demónio tenta criar ódios, rancores. E assim às vezes diz que partiu da sogra, da irmã, da prima, da tia... e depois descobre-se que não é verdade. Outras vezes, chegando bem ao fundo, vem-se a saber que a sogra estava furiosa, porque pensava que a rapariga lhe tinha «roubado» o filho... Há mães, por vezes, que têm tantos ciúmes dos filhos que, quando estes se casam, é um desastre. E depois continuando a indagar descobre-se que, suponhamos, a sogra se dedicava à magia, ou a coisas do género, e então pensa-se: «Talvez seja verdade.» E, obviamente, procuram-se as causas: com que objectivo foi feito o malefício. Como vimos, pode acontecer que um malefício tenha sido feito para que a vítima não arranjasse trabalho, não tornasse a casar...

UMA PEQUENA AUTOBIOGRAFIA...

*C*hegados agora ao fim desta nossa viagem pelo mistério do exorcismo, D. Gabriele, falemos mais uma vez de si, que nos acompanhou na descoberta destas verdades tão terríveis de saber quanto perigosas de ignorar. Como foi que decidiu tornar-se sacerdote?

Nasci numa família religiosa. Os meus pais e os meus quatro irmãos, todos homens e todos muito melhores do que eu, eram muito religiosos. Recebemos a nossa formação da família, e da Acção Católica, na paróquia. Fomos formados em Modena, na igreja de São Pedro, onde agora está um beneditino, que é meu amigo, um dos dois exorcistas de Modena. Com uma vida intensamente religiosa, toda a minha juventude foi passada na Acção Católica, activamente, a trabalhar como catequista. Por volta dos catorze anos comecei a pensar na vocação; e então um amigo meu muito querido fez-se sacerdote. Fomos colegas de escola e de liceu, até ao último ano, numa escola mista; e toda a gente sabia que ele ia ser sacerdote. Acho que este elemento também me influenciou bastante.

Sacerdote, portanto; mas onde? Isto era um problema. Por um acaso fortuito tive a oportunidade de conhecer D. Giacomo Alberione, e convenci-me verdadeiramente de que era um homem de Deus; perguntei-lhe onde deveria entrar, em que congregação, em que instituto. Ele disse-me: «Amanhã de manhã vou celebrar a missa para ti.» Levantei-me cedo, porque celebrava a missa às quatro da manhã. «Ah, estás aqui!», disse. Depois da missa revelou-me: «Ele disse-me para tu entrares na Sociedade de São Paulo.» Eu ainda andava no liceu. Respondi: «Muito bem. Acabo o liceu e depois entro.»

Estivemos sempre em contacto, desde então, porque depois do liceu veio a guerra. Eu e os meus quatro irmãos estávamos todos em idade de sermos

chamados para as armas. Os cinco tivemos as nossas aventuras. Fiz a guerra como *partigiano*¹, passei por grandes aventuras, e tive até uma medalha de louvor militar. Achei também que não era caso para deixar a família, naquela situação, e disse-o a D. Alberione. Perguntei-lhe também que faculdade devia seguir, na universidade. «Segue a que quiseres», respondeu-me. Eu já tinha dois irmãos licenciados em Direito, e segui o mesmo caminho. E fiz bem, porque a licenciatura foi-me realmente oferecida. Não estudava, nunca frequentei as aulas... pela estima que tinham pelos meus irmãos, passavam-me nos exames. E licenciiei-me em pouco tempo.

Em 1947 licenciiei-me, e depois entrei, com vinte e dois anos, na Democracia Cristã. Não queria tê-lo feito, mas fomos impelidos por aquele que tinha passado a ser um pouco o nosso líder, Dossetti. Era o meu professor de Direito Canónico e Eclesiástico, amicíssimo da minha família, e ia muitas vezes comer e dormir a nossa casa. Levou-nos a todos para a política. O nosso chefe em Modena era Ermanno Gorrieri. Muito meu amigo desde os tempos da escola. Bom, humilde, mas cheio de iniciativa. Como tinha sido o nosso líder durante a guerra, tornou-se assim no nosso líder da secção da Democracia Cristã fundada por nós. Eu próprio, em muitos locais da Baixa de Modena, fundei secções da Democracia Cristã, uma coisa de que nunca se tinha ouvido falar. E isto fez-me sentir um pouco semelhante ao meu pai, que, amigo de D. Sturzo, foi um dos fundadores do Partido Popular em Modena. Fui eleito imediatamente quando houve eleições para o Conselho Provincial. E no quinquagésimo aniversário — era De Mita o secretário da DC — foi precisamente De Mita quem nos veio premiar, premiar os primeiros eleitos em cinquenta anos.

E depois fui levado — foi Dossetti quem me pôs lá — a ser vice-delegado nacional da Juventude Democrata Cristã, que nessa altura tinha uma grande importância. Vim para Roma e fiquei aqui vários meses. O delegado era Giulio Andreotti; e depois era eu. E eu fazia tudo sozinho, porque ele se dedicava totalmente a De Gasperi. Mas negligenciava os

grupos juvenis. E quando foi nomeado pela primeira vez para o governo, como subsecretário à Presidência do Conselho, demitiu-se de delegado nacional. Percebi que me iam nomear delegado nacional; e percebi também que se embarcasse na política, nunca mais sairia de lá. Aproveitei então para me demitir também, ao mesmo tempo que ele. E assim me desvinculei.

Tinha mantido o contacto, continuamente, com D. Alberione. Sabia que tinha feito um voto a Nossa Senhora: se todos os membros da família paulista regressassem salvos da guerra, construiria um santuário a Nossa Senhora Rainha dos Apóstolos. E construiu-o, aqui mesmo, são três santuários, um a seguir ao outro, não são três igrejas, são mesmo três santuários! Eu sabia disto, e pedi-lhe: «Meta-me também a mim e aos meus irmãos, nós os cinco, entre os seus filhos, protegidos por Nossa Senhora durante a guerra.» Nós os cinco tivemos muitas aventuras! Um dos meus irmãos, que ainda é vivo, veio praticamente a pé desde Karlowaz, na Jugoslávia... Todos tivemos as nossas aventuras e desventuras, mas salvámo-nos todos.

Lembro-me sempre de quando me tornei sacerdote; o dia da ordenação foi a 24 de Janeiro de 1954, e a ordenação foi atrasada, porque D. Alberione quis que fôssemos ordenados no centenário do dogma da Imaculada Conceição. Depois da missa, das fotografias, cada um dos novos padres, com os seus familiares, ia ao escritório de D. Alberione para o cumprimentar. Também eu lá fui, com os meus quatro irmãos e com a minha mãe. E perguntou-me logo: «Como foi que vos correu a guerra?» Lembrava-se perfeitamente da promessa que me fizera, de me incluir a mim e aos meus irmãos na protecção da Rainha dos Apóstolos.

Tive então a confirmação de que realmente tinha sido Jesus a dizer a D. Alberione que eu devia entrar na Sociedade de São Paulo. Nunca me arrependi.